

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,  
CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA**

**IANNE SAMARA BASTOS LIMA BARBOSA**

**O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE  
DO SÃO FRANCISCO: UM ESTUDO FOTOETNOGRÁFICO**

**JUAZEIRO-BA**

**2017**



**IANNE SAMARA BASTOS LIMA BARBOSA**

**O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO  
FRANCISCO: UM ESTUDO FOTOETNOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Campus III, para a obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Letramento e Comunicação Intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Edonilce da Rocha Barros

**JUAZEIRO-BA**

**2017**

## Ficha catalográfica

---

Barbosa, Ianne Samara Bastos Lima  
B327c O cotidiano das trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco. / Ianne Samara Bastos Lima Barbosa. – Juazeiro, 2017.  
154 f.

Orientadora: Edonilce da Rocha Barros  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, PPGESA, 2017.

### Bibliografia

1. Trabalhadoras rurais – Brasil – Nordeste 2. Gênero 3. Viticultura – aspectos sociais 4. São Francisco, Rio, Vale do Submédio I. Barros, Edonilce da Rocha II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas

CDD 331.40981

---

**IANNE SAMARA BASTOS LIMA BARBOSA**

**O COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO  
FRANCISCO: UM ESTUDO FOTOETNOGRÁFICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas – Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, para a obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Letramento e Comunicação Intercultural

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Edonilce da Rocha Barros  
Orientadora/UNEB

---

Prof. Dr. João José de Santana Borges  
Membro Interno/UNEB

---

Profa. Dra. Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira  
Membro Externo/UNIVASF

---

Profa. Dra. Márcia Guena dos Santos  
Suplente Interno/UNEB

---

Dr. Pedro Carlos Gama da Silva  
Suplente externo/EMBRAPA Semiárido

Às minhas filhas Maria e Mariana e ao meu esposo Flávio, por todo o amor de sempre.

Aos meus pais, Irene e Sabino, pelo incentivo à educação.

Às trabalhadoras rurais da viticultura do Vale do São Francisco.

## AGRADECIMENTOS

Correndo o risco de, injustamente, deixar de nominar alguém no que, desde já peço perdão, registro meus agradecimentos a um variável número de colaboradores que tornaram esta dissertação um sonho realizado.

Ao meu esposo Flávio, pelo amor que nos une e pelo companheirismo sempre presente. Agradeço também a inspiração, pelo respeito que sempre dispensou às trabalhadoras rurais, em especial as da viticultura do Semiárido. Às minhas filhas, Maria e Mariana, sou grata por me fazerem sentir, apreciar e expandir o lado terno da vida.

À minha mãe Irene, que me incentivou e que também suportou junto comigo os sacrifícios pessoais para esta realização. Ao meu pai Sabino, pelo carinho de sempre. Aos meus irmãos e à minha irmã, pela doação das suas horas para me ajudar a tornar este projeto possível.

À minha prima Roberta, pela ajuda nas discussões sobre o fazer científico, por seu bom humor e por sua amizade sincera. A toda a minha família que, de perto ou de longe, me ajudou, torceu e acreditou que tudo daria certo.

À minha sogra Maritônia e sua (e também minha) família, pelo apoio de todas as horas.

Aos meus colegas do PPGESA, pelo crescimento promovido durante as discussões e pelas contribuições. E igualmente sou grata ao grupo de trabalho que formamos nesta caminhada: Romana, Roviane e Tatiane, pelo estímulo, pela parceria e amizade.

Minha gratidão a Belinha, Fabiana, Selma e aos demais colegas do DTCS III/UNEB pela parceria.

Ao Programa de Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, pela gratuidade e excelência no meu aperfeiçoamento, e à Universidade do Estado da Bahia, pela oportunização de minha formação continuada como servidora.

Um agradecimento especial à minha Orientadora, a Professora Doutora Edonilce da Rocha Barros, pelas valiosas contribuições e orientações, pela incansável dedicação e por acreditar nas singularidades que poderiam se revelar com esta pesquisa.

Aos professores do PPGESA: Antenor, Edmerson, Edonilce, Josenilton, Luís Adolfo, Luzineide, Manoel Abílio, Pinzoh e Ricardo, pelos conhecimentos compartilhados. Assim como sou grata, também, a todos os servidores técnicos e analistas universitários e o pessoal de apoio do DCH III, que dos bastidores, fazem com que tudo funcione da melhor forma.

Meus agradecimentos aos professores da banca examinadora, os doutores João Borges e Lúcia Marisy, e os suplentes, doutora Márcia Guena e doutor Pedro Gama, por terem atendido ao convite para desempenhar este papel, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho. Do mesmo modo que sou grata às valiosas contribuições que recebi durante a qualificação deste trabalho.

Às professoras do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios, Andrea Cristiana e Manuela Pereira, pela partilha de conhecimentos e amizade durante a realização do estágio docente.

A todas as trabalhadoras rurais da viticultura que, anônimas, contribuem com o desenvolvimento da fruticultura da região, doando sua delicadeza e sua força para tornarem as frutas produzidas no Semiárido mais doces. Sou-lhes grata também pela acolhida e empreendimento em me ajudarem a (re)encontrar as mulheres retratadas, em cujo trajeto, percebi muitas de suas singularidades.

Por fim, sem esquecer de referenciar o plano espiritual, o qual é a minha fortaleza, agradeço a Deus por todas as conquistas que me permitiu.

“O nosso atual se perde no emaranhado das pendências do passado e nas incertezas do nosso futuro”.

José de Souza Martins

## RESUMO

Este estudo se propõe investigar as estratégias e táticas utilizadas pelas trabalhadoras da viticultura do Submédio São Francisco, polo Juazeiro-BA/Petrolina-PE, e as singularidades do cotidiano delas, reveladas na narrativa das imagens sobre suas atividades laborais nas fazendas de uva. Para tanto, como embasamento teórico, foram utilizados os estudos de José de Souza Martins sobre as sociabilidades cotidianas, os estudos de Michel de Certeau, que levam em conta os conflitos e a relação de força, estratégias e táticas, de Karl Marx e sua perspectiva de divisão social do trabalho, de Heleieth Saffioti, que trata sobre a dualidade entre trabalho e família e a posição da mulher no mercado de trabalho, e ainda de Joan Scott sobre a questão de gênero e a inseparável relação entre saber e poder. Quanto à metodologia, a pesquisa fundamenta-se no método fotoetnográfico, ancorado nas abordagens de pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, com base nos estudos de Luiz Eduardo Achutti, como também os estudos de Philippe Dubois e Roland Barthes que fazem a relação da fotografia com a etnografia e a antropologia. Para a análise e interpretação dos dados, o trabalho se ampara no método da Análise do Discurso (AD), de inspiração francesa, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com as mulheres trabalhadoras de uma fazenda de uva da região e com outros atores sociais. Os resultados apontam que o trabalho feminino na viticultura do Vale tem uma representatividade significativa, embora não seja revelado nas estatísticas do sistema de produção da uva. Os dados também revelam o empoderamento das trabalhadoras da fruticultura, na medida em que elas se especializaram no manejo delicado dos frutos, requisitado pelos protocolos internacionais de produção. Isso se constitui em um espaço de poder no mercado de trabalho em que as mulheres conseguem se estabelecer em uma função, por vezes de liderança de equipes que é disputada também por homens, necessitando do frequente enfrentamento delas para a sua permanência na atividade. A pesquisa também evidenciou que, apesar de o agronegócio gerar empregos e criar novas fronteiras agrícolas para a região, o cenário em que as trabalhadoras rurais estão inseridas é de desigualdade social, onde a metade da população vive na faixa da linha da pobreza.

**Palavras-Chave:** Gênero. Trabalhadoras da viticultura. Cotidiano. Submédio do Vale do São Francisco.

## ABSTRACT

This study intends to investigate the strategies and tactics used by the viticulture workers of *Submédio São Francisco, Juazeiro-BA / Petrolina-PE*, and the singularities of daily life revealed in the narrative of the images about their work activities in the grape farms. For that, as a theoretical basis, the studies of Michel de Certeau (1988) that takes into account the conflicts and the relation of strength, strategies and tactics, of Karl Marx, and her perspective of social division of labor, by Heleieth Saffioti, which deals with the duality between work and family and the position of women in the labor market, and Scott (1995) on The gender issue and the inseparable relationship between knowledge and power. As for the methodology, the research is based on the photoethnographic method, based on the qualitative research approaches of ethnographic inspiration, based on studies by Luiz Eduardo Achutti, as well as the studies by Philippe Dubois and Roland Barthes that makes relationship of photography with ethnography and anthropology. For the analysis and interpretation of the data the work is based on the method of Discourse Analysis (DA), of French inspiration, whose data were collected through semi-structured interviews with the working women of a grape farm in the region and with other social actors. The results shows that the female work in the viticulture of the Valley has a significant representation, although it is not revealed in the statistics of the grape production system. The data also reveal the empowerment of fruit workers as they specialize in delicate fruit management, as required by international production protocols. This constitutes a space of power in the labor market in which the women manage to establish themselves in a function, sometimes of leadership of teams and also disputed by men, necessitating the frequent confrontation of them for their stay in the activity. The research also showed that, although agribusiness generates jobs and creates new agricultural frontiers for the region, the scenario in which rural women workers are inserted is social inequality, where half the population lives in the poverty line.

**Keywords:** Gender. Viticulture workers. Daily life. Submedia of the São Francisco Valley.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>AF</b>	Agricultura Familiar
<b>AGRIANUAL</b>	Anuário da Agricultura Brasileira
<b>ASA</b>	Articulação do Semiárido Brasileiro
<b>BA</b>	Bahia
<b>CODEVASF</b>	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>CVSF</b>	Comissão do Vale do São Francisco
<b>DO</b>	Denominação de Origem
<b>DORT</b>	Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho
<b>EMBRAPA</b>	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
<b>EPI</b>	Equipamento de Proteção Individual
<b>FAO</b>	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IRPAA</b>	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
<b>INSA</b>	Instituto Nacional do Semiárido
<b>IP</b>	Indicação de Procedência
<b>LER</b>	Lesão por Esforços Repetitivos
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PPGESA</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos
<b>SAB</b>	Semiárido Brasileiro
<b>SINTAGRO</b>	Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas Agrícolas, Agroindustriais e Agropecuárias
<b>SNA</b>	Sociedade Nacional do Agronegócio
<b>STTAR</b>	Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Assalariados Rurais de Petrolina

<b>SUVALE</b>	Superintendência do Vale do São Francisco
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UNIVASF</b>	Universidade Federal do São Francisco
<b>VALEXPOR</b>	Associação dos Produtores e Exportadores de Hortifrutigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco
<b>VSF</b>	Vale do São Francisco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>SITUANDO A PESQUISA NO PARADIGMA DO CONHECIMENTO PRUDENTE: AS BASES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>22</b>
2.1	ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA E MÉTODO.....	22
2.2	O MÉTODO FOTOETNOGRÁFICO.....	24
<b>2.2.1</b>	<b>A relação da fotografia com a etnografia e a antropologia.....</b>	<b>28</b>
2.3	O ESPAÇO PESQUISADO E AS TRABALHADORAS DA VITICULTURA.....	32
2.4	MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NA PESQUISA.....	35
2.5	ANÁLISE DO DISCURSO DAS MULHERES TRABALHADORAS.....	37
<b>3</b>	<b>SOCIABILIDADES COTIDIANAS E A RELAÇÃO COM AS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE – CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>42</b>
3.1	ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DO COTIDIANO DAS TRABALHADORAS NA VITICULTURA.....	42
3.2	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: UMA GUERRA CONTÍNUA.....	47
3.3	QUAL O LUGAR DO TRABALHO FEMININO NA FRUTICULTURA IRRIGADA DO VALE DO SÃO FRANCISCO?.....	54
<b>4</b>	<b>CONHECENDO O SEMIÁRIDO BRASILEIRO E A VITICULTURA DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO - REFLEXÕES TEÓRICA E PRÁTICA.....</b>	<b>61</b>
4.1	O SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UM BREVE HISTÓRICO.....	61
4.2	A FRUTICULTURA NO VALE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO.....	63
<b>4.2.1</b>	<b>O emprego e o trabalho feminino na viticultura.....</b>	<b>71</b>
<b>5</b>	<b>COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO FRANCISCO: O QUE OS DADOS REVELAM.....</b>	<b>76</b>
5.1	A FACE DA TRABALHADORA RURAL DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO FRANCISCO.....	76
5.2	AS SINGULARIDADES DO COTIDIANO DAS TRABALHADORAS	

	RURAIS.....	85
<b>6</b>	<b>NARRATIVA FOTOETNOGRAFICA: ASSOCIAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES SOB A ÓTICA DE QUEM VÊ.....</b>	<b>93</b>
6.1	SÉRIE I – A CHEGADA AO TRABALHO.....	94
6.2	SÉRIE II – AS REFEIÇÕES NO TRABALHO: “A BOIA”.....	96
6.3	SÉRIE III – O INÍCIO DA JORNADA DE TRABALHO NA FAZENDA DE UVA.....	102
6.4	SÉRIE IV – FINAL DA JORNADA: RETORNO PARA CASA.....	126
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>133</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>139</b>
	<b>APÊNDICES A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (Mulheres) .....</b>	<b>146</b>
	<b>APÊNDICES B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (Representante do STR).....</b>	<b>148</b>
	<b>APÊNDICES C – MODELO DE ENTREVISTA (Representante de Sindicato Patronal).....</b>	<b>150</b>
	<b>APÊNDICES D – MODELO DE ENTREVISTA (Representante de Fazenda).....</b>	<b>151</b>
	<b>APÊNDICES E – MODELO DE TCLE.....</b>	<b>152</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Considerado como a “Califórnia” brasileira, o Vale do Submédio São Francisco se tornou-se uma das regiões da economia mais pujante do Nordeste brasileiro por conta da fruticultura. Porém, esse novo cenário nem sempre foi assim. A parte Submédica do Vale São Francisco fica situada na região semiárida e como tal sempre foi considerada inóspita e desprovida de investimentos para provocar seu desenvolvimento. No entanto, a partir dos anos 1970, essa realidade começou a mudar, originalmente pelo forte apoio recebido do Estado, por meio de seus projetos desenvolvimentistas, especialmente a construção de hidrelétricas no curso do rio, a exemplo da Barragem de Sobradinho, na Bahia, e a implantação de Perímetros de Irrigação no então polo Juazeiro-BA/Petrolina-PE, que inseriu a produção da região no mercado frutícola nacional e na pauta das exportações do país. Já no final da década de 1980, começou seu expressivo crescimento que se deu, inicialmente, pela fruticultura - com a produção de manga e uva principalmente - e no final da década de 1990, pelo crescimento da vitivinicultura – com a produção de uvas de mesa, vinhos, espumantes e sucos integrais.

É notório que, com a implantação da grande irrigação no Vale, o *modus operandi* da agricultura se transformou. Contudo, houve um processo de desestruturação fundiária marcante, atingindo, especialmente, os agricultores familiares<sup>1</sup>, que plantavam culturas da dieta alimentar em seus minifúndios. Essa transformação aparentemente se deu de forma pacífica, pela intermediação do estado, mas os conflitos pelo uso da água e da terra existiram, inclusive com mortes de agricultores e empresários, como o ocorrido no Vale do Salitre em 1984 (BARROS, 1992). Outra consequência foi a expropriação das terras dos agricultores familiares que se tornaram trabalhadores assalariados dos grandes empreendimentos agropecuários e agroindustriais instalados na região.

---

<sup>1</sup>O conceito de agricultor familiar ganha mais visibilidade do que o de campesinato, camponês e pequeno produtor, que definem, sobretudo no Brasil, categorias subjugadas e esquecidas no processo de desenvolvimento rural, historicamente dominada pelos latifúndios e empresas rurais. Trata-se de um conceito que designa vários tipos de agricultores: dos sem terra àqueles vinculados à agricultura familiar integrada ao mercado (BARROS, 2007, p. 85)

Para atender a esse novo mercado, o Vale se adequou a protocolos e normas visando uma produção voltada para o comércio de uvas de qualidade que passa a exigir, cada vez mais, a utilização de novas tecnologias, mão de obra qualificada e serviços especializados, tanto no processo produtivo, quanto nas atividades pós-colheita (SILVA; COELHO, 2010). E nesse processo se evidenciou que as trabalhadoras rurais, as mulheres, são as mais hábeis para assumir essa atividade.

Diante desse contexto da irrigação no Vale do São Francisco e de como se deu esse processo de apropriação do modelo agrícola implementado por parte dos agricultores familiares, trago como referência para esta pesquisa, a tese de doutorado “Arranjos Socioprodutivos da Agricultura Familiar e Adaptação a uma Dinâmica Territorial de Desenvolvimento: O Caso dos Perímetros de Irrigação no Vale do São Francisco, Semiárido Brasileiro, da professora Edonilce da Rocha Barros. A tese aborda como foi operacionalizado o processo de “colonização” dos Perímetros de Irrigação e remonta como a Agricultura Familiar (AF) se adaptou às inovações tecnológicas. Este estudo demonstra que houve um forte processo de transformação da organização das unidades familiares de produção em unidades patronais<sup>2</sup>. Demonstra ainda que, entre outros aspectos, nesse processo, a AF, ou “pequena produção” teve o papel de produzir alimentos baratos e matérias-primas. “Fornecer mão de obra e ser consumidora de produtos industrializados para o setor agrícola, tais como máquinas, implementos agrícolas, insumos químicos etc”. (BARROS, 2007, p. 24).

Diante da especialização do cultivo de frutas, a viticultura vai exigir mão de obra especializada e é nesse cenário que entra o trabalho feminino. Sobre o enfoque de gênero, que interessa a esta pesquisa, trouxe para o debate teórico as contribuições do pesquisador da Embrapa, Pedro Carlos Gama Silva (2001; 2010), e da professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Josefa Salete Barbosa Cavalcanti (1997; 2012) respectivamente. A pesquisadora Salete Cavalcanti tem pesquisas sobre a produção de frutas no Vale para o mercado

---

<sup>2</sup>A autora problematiza que a permanência na condição de unidades familiares ou a passagem para a condição de unidades patronais depende de fatores internos e externos ao grupo familiar, mas também da capacidade e da possibilidade que os agricultores familiares tenham de aproveitar e potencializar as oportunidades favoráveis para neutralizar ou reduzir as desvantagens que enfrentam em relação à agricultura empresarial e capitalista (BARROS, 2007, P. 37).

internacional e a vinculação do trabalho feminino a essa produção, assim como da pesquisadora da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), professora Lucia Marisy Ribeiro de Oliveira (1998), que traz a realidade do cotidiano feminino na fruticultura irrigada, em sua dissertação de mestrado.

Nesse tipo de cultivo agrícola, o manejo da uva requer muitos tratos culturais específicos e, em algumas fases da produção, esse manuseio é bastante delicado. E é nesses postos de trabalho que se revelam (ou escondem) as mulheres trabalhadoras rurais. Na fase da produção, colheita e pós-colheita da uva, a presença feminina é predominante. No entanto, elas permanecem escondidas embaixo dos parreirais, transformam-se em mulheres anônimas, com rostos encobertos por indumentárias, que ajudam a proteger a pele e o corpo, entre diversos aspectos, das incidências diretas dos raios solares. No entanto, o seu trabalho no cotidiano dá o tom, a cor e o sabor da cultura vitícola que projeta a região no mundo e atrai grandes empreendedores e empresários do setor frutícola do Brasil e do exterior.

O objeto de estudo desta pesquisa recai exatamente no trabalho das mulheres da viticultura do Vale do São Francisco. O que me motivou a escolha desse objeto de pesquisa foi por perceber que, embora a região seja hoje uma grande produtora de uvas, tendo um contingente de mulheres trabalhadoras neste segmento da economia do Vale, elas não são reveladas; ao contrário, estão escondidas por trás da produção ou embaixo dos parreirais. Denominadas na região de “as mulheres da uva”, paradoxalmente, estão ocultas nas estatísticas da população ocupada nesse setor da economia local. A qualidade e o potencial de seu trabalho não aparecem na composição de dados econômicos.

Em levantamento feito nas entidades de classe que representam os trabalhadores e as trabalhadoras rurais assalariadas que atuam no Vale do São Francisco, apesar de o tratamento de gênero estar presente em suas nomenclaturas, não existe qualquer referência sobre o real quantitativo de mulheres que atuam na fruticultura irrigada, ou filiadas às entidades, tampouco, na viticultura.

Provocada a saber quem são essas mulheres e por que o trabalho na viticultura, em diversas fases da produção, é essencialmente feminino, tive a curiosidade de conhecer de perto essa realidade. Assim, inspirada no método fotoetnográfico (ACHUTTI, 2004), acompanhei, em 2010, uma jornada de trabalho em uma fazenda produtora de uvas de mesa, com foco na atividade feminina. A motivação para a realização do documentário fotográfico veio da minha prática jornalística, quando trabalhava na extensão rural, como assessora de comunicação na Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf).

Surgiu desse trabalho fotográfico uma série, que foi intitulada “Garimpeiros do ouro verde” (BARBOSA, 2010), realizada com o objetivo de retratar trabalhadores e trabalhadoras rurais de uma fazenda no Vale do São Francisco, produtora de uva de mesa para exportação, localizada no município de Casa Nova, no Norte do estado da Bahia. Ao final da realização da série fotoetnográfica, ficou evidente a predominância da presença feminina na viticultura.

Motivada a dar continuidade a essa pesquisa, ao ingressar no Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), oferecido pela Universidade do Estado da Bahia, apresentei como intenção de pesquisa a análise das imagens resultado do acompanhamento da jornada de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras da fazenda de uvas. Conforme fui redesenhando o projeto de pesquisa, as fotografias do “Banco de imagens” iam se apresentando como uma das fontes importantes de informações para revelar o cotidiano do trabalho das mulheres na produção de uvas no Vale. Dessa forma decidimos tomar uma série de fotografias da série “Garimpeiros do ouro verde” que constituíram o “Banco de Imagens” já referenciado, como fonte de dados desta nova pesquisa, selecionando, para tal, as fotos de trabalhadoras, de mulheres, nosso foco de estudo, para, a partir delas, visitar as mulheres fotografadas e obter uma narrativa de si sobre as imagens. No entanto, para apreender e compreender o cotidiano dessas trabalhadoras, a ida a campo não se limitou apenas à análise das imagens pelas mulheres. Nesta etapa, foi imprescindível integrar multimétodos de coleta de dados, como observações, entrevistas semiestruturadas com pessoas chave que detêm o conhecimento sobre a viticultura do Submédio São Francisco, especialmente sobre

o trabalho feminino e, a partir desses dados, realizar a Análise do Discurso (AD). Assim sendo, a pesquisa, neste trabalho, desdobra-se a partir de duas questões centrais:

- a) Quais as estratégias e táticas cotidianas que as trabalhadoras da viticultura do Vale do Submédio São Francisco, Semiárido Brasileiro, utilizam para sua permanência na atividade frente à hegemonia masculina?
- b) Quais singularidades do cotidiano das atividades laborais das mulheres são reveladas nas fazendas de uvas, a partir de suas narrativas com base nas fotografias?

O trabalho tem como objetivo geral: Analisar as estratégias e táticas utilizadas pelas trabalhadoras da viticultura do Submédio São Francisco e as singularidades do cotidiano de suas atividades laborais em uma fazenda de uva no município de Casa Nova, Bahia.

Como objetivos específicos, o trabalho busca:

- a) compreender o papel que a mulher ocupa na agricultura irrigada, especialmente na viticultura do Vale do Submédio São Francisco;
- b) revelar as singularidades do cotidiano das mulheres trabalhadoras da viticultura do Vale do Submédio São Francisco, Semiárido Brasileiro, por meio das imagens sobre suas atividades laborais nas fazendas de uva;
- c) analisar as imagens do cotidiano das mulheres trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco para visibilizar as condições sociais e os impactos do seu trabalho para a região.

O protagonismo feminino no Semiárido Brasileiro, historicamente, sempre foi de resistência e de luta contra as desigualdades. A mulher do semiárido lutava não só para minimizar os efeitos provocados pela escassez de água, mas também pela herança deixada pela ausência de políticas públicas. Esse contexto de protagonismo, lutas e resistências ficou eternizado na literatura, na música, no cinema.

No entanto, com a mudança no cenário da região vindo atrelada à promessa do desenvolvimento que a irrigação profetizava, a realidade de grande parte das mulheres que tem os pés e as mãos na agricultura é outra. O panorama atual é de *rancking*, índices, mercados competitivos, agronegócio, não evidenciando o lugar de homens e mulheres que trabalham e contribuem com esse desenvolvimento. Pessoas, agora, são números e índices, e os trabalhadores e as trabalhadoras são denominados mão de obra.

Nesse sentido, este trabalho apresenta-se como relevante por trazer um outro olhar sobre o trabalho da mulher na fruticultura do Vale. Ele contribui com as discussões sobre as relações de gênero e apresenta histórias sobre o cotidiano dessas trabalhadoras rurais em outra perspectiva. O mesmo é útil para levantar o papel da mulher fora do espaço doméstico, com múltiplas jornadas de trabalho, trazendo esse debate para a academia. Sua pertinência social está no fato de ele revelar quem são as mulheres que trabalham na agricultura irrigada do Semiárido e sua importância nesse espaço público, pois têm contribuído para o desenvolvimento do Vale do São Francisco.

O esforço de trazer o cotidiano dessas mulheres para a pesquisa e para as discussões na academia é relevante, já que traz a mulher trabalhadora rural não no costumeiro papel de mulher dependente, mas como protagonista e provedora da família e com papel determinante na economia do vale. Como jornalista, mãe, profissional e pesquisadora, ressalto que a realização deste trabalho amplia, significativamente, meus conhecimentos e aguça o desejo de realizar novas pesquisas sobre a temática.

Esta dissertação é apresentada em sete capítulos. O primeiro, esta **introdução**, apresenta o objeto de estudo, as questões, os objetivos e as motivações que levaram à realização da pesquisa, ao mesmo tempo que a justifica.

O segundo capítulo - **Situando a pesquisa no paradigma do conhecimento prudente: as bases metodológicas**, apresenta a base epistemológica desta pesquisa que se assenta na Dialética de Marx (1998; 2001), que permite investigar o que está por trás da aparência dos fenômenos. Marx utilizou o método para explicar

as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos e o objeto desta pesquisa leva em consideração a mudança do protagonismo da mulher, no contexto rural, do Semiárido com o advento da irrigação tecnificada. Em relação ao método de procedimento, traz uma discussão sobre o tipo da pesquisa, apresentando a fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) como meio de conhecimento, que se enquadra nas pesquisas de abordagens qualitativas, do tipo observação etnográfica por meio da narrativa de imagens fotográficas. Também busca relacionar fotografia com a etnografia e a antropologia nas concepções de Dubois (2012) e Barthes (1984).

Faz considerações sobre a base empírica da pesquisa, os sujeitos que foram as mulheres trabalhadoras da viticultura, as técnicas e os instrumentos utilizados para a formação do banco de imagens. Apresenta, também, como foram analisados os dados da pesquisa, evidenciando a análise de discurso (AD) de inspiração francesa.

O terceiro capítulo - **Sociabilidades cotidianas e a relação com as trabalhadoras da viticultura do vale: concepções teóricas**, apresenta as reflexões teóricas sobre as estratégias e táticas do cotidiano das trabalhadoras na viticultura, com as contribuições de José de Souza Martins (2014a; 2014), sobre conflitos e a relação de força, estratégias e táticas, nas visões de Michel de Certeau (1998), a divisão sexual do trabalho na perspectiva de Marx (1998; 2001). Trata ainda das diferenças de interesses entre o capital e o trabalho no enfoque das discussões sobre gênero, a partir das concepções marxistas abordadas na perspectiva de Saffioti (1987; 1992; 2011), assim como a dualidade entre trabalho e família e a posição da mulher no mercado de trabalho, conforme Scott (1995), buscando-se, sempre, relacionar os contextos das discussões com as dinâmicas da Viticultura no Submédio São Francisco, no Semiárido Brasileiro.

O quarto capítulo - **Conhecendo o Semiárido Brasileiro e a viticultura do Submédio São Francisco – reflexões teórica e prática**, apresenta um breve histórico sobre o Semiárido Brasileiro, relacionando-o com os semiáridos do mundo; apresenta a viticultura no Semiárido Brasileiro, contextualizando-a com a trajetória de transformação da região diante da chegada da irrigação e a afirmação do polo

frutícola da região polo Juazeiro-BA/Petrolina-PE, diante dos mercados nacional e internacional. Para tanto, foram utilizados como referências os estudos dos vanguardistas desse questionável desenvolvimento: Barros (1992; 2007), Bloch (1996), Graziano da Silva (1981; 1989); e o desenvolvimento da vitivinicultura, levando em conta os aspectos relacionados à empregabilidade do trabalhador rural com base nas pesquisas de Cavalcanti (1997; 2012; 2016), Oliveira (1998) e Silva (2001; 2009; 2010).

O quinto capítulo – **O cotidiano das trabalhadoras da viticultura do vale do São Francisco**, apresenta os achados propriamente ditos da pesquisa, a partir dos dois primeiros objetivos que foram elencados para a mesma, revelando a face da trabalhadora rural da viticultura do vale do São Francisco. Ele está subdividido em dois subitens: o primeiro apresenta o papel que a mulher ocupa na agricultura irrigada, especialmente na viticultura do vale do São Francisco. O segundo subitem revela as singularidades do cotidiano das mulheres que trabalham na viticultura do vale do São Francisco, Semiárido Brasileiro.

O sexto capítulo - **Narrativa fotoetnográfica: fotos, faces e fatos sob a ótica de quem vê**, apresenta uma narrativa de imagens inspirada na fotoetnografia sobre uma jornada de trabalho que contribui com a remontagem do cotidiano das trabalhadoras da viticultura do vale do São Francisco, demonstrando as condições sociais e os impactos do seu trabalho para a região por meio das fotografias, o qual corresponde ao terceiro objetivo da pesquisa.

Por fim, o sétimo capítulo - **As considerações finais**, que busca dar conta de apresentar o delineamento da pesquisa, ou seja, o que foi proposto, o que se realizou, os resultados alcançados, as contribuições da pesquisa para a academia, para as trabalhadoras da viticultura e a sociedade em geral, e, ainda, deixa pistas para novos estudos nesta área, uma vez que esta não deu conta de muitas outras inquietações, que foram surgindo no caminhar desta pesquisa.

## **2 SITUANDO A PESQUISA NO PARADIGMA DO CONHECIMENTO PRUDENTE: AS BASES METODOLÓGICAS**

Este capítulo apresenta a base epistemológica desta pesquisa a qual se assenta na Dialética de Marx (1998; 2001), que permite investigar o que está por trás da aparência dos fenômenos. Marx utilizou o método para explicar as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos e o objeto desta pesquisa leva em consideração a mudança do protagonismo da mulher, no contexto rural do Semiárido com o advento da irrigação tecnificada. Em relação ao método de procedimento, traz uma discussão sobre o tipo da pesquisa, apresentando a fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) como meio de conhecimento, que se enquadra nas pesquisas de abordagens qualitativas, do tipo observação etnográfica por meio da narrativa de imagens fotográficas. Também busca relacionar a fotografia com a etnografia e a antropologia nas concepções de Dubois (2012) e Barthes (1984).

Faz considerações sobre a base empírica da pesquisa, os sujeitos que foram as mulheres trabalhadoras da viticultura, as técnicas e os instrumentos utilizados para a formação do banco de imagens. Apresenta, também, como foram analisados os dados da pesquisa, evidenciando a análise de discurso (AD) de inspiração francesa.

### **2.1 A ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA E O MÉTODO**

A emergência de um novo paradigma para a ciência surge em contraposição ao paradigma dominante, que tem como cerne a racionalidade científica, que não admite os conhecimentos acrescidos pelo senso comum e pelos estudos humanísticos. Dessa ruptura surge o conhecimento prudente para uma vida decente, apresentado por Boaventura de Souza Santos (2008), que traça os caminhos para um paradigma social do conhecimento.

O paradigma a emergir da própria sociedade revolucionada pela ciência, de acordo com Santos (2008, p. 60), “não pode ser apenas um paradigma científico (o

paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)". O autor sustenta suas teses de que todo o conhecimento científico-natural é científico-social; todo conhecimento é local e total; todo conhecimento é autoconhecimento; e todo conhecimento científico visa a se constituir em senso comum. Daí que situamos esta pesquisa no paradigma do conhecimento prudente, uma vez que lidamos com pessoas dotadas de sentido, seres comuns, mas gente decente, as protagonistas desta pesquisa: as trabalhadoras da viticultura do Submédio São Francisco.

A base epistemológica desta pesquisa é a Dialética de Marx (DINIZ; SILVA, 2008), que permite investigar o que está por trás da aparência dos fenômenos. Marx utilizou o método para explicar as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos, e o objeto desta pesquisa leva em consideração a mudança do protagonismo da mulher no contexto rural do Semiárido, com o advento da irrigação tecnificada. Este capítulo apresenta uma discussão sobre o tipo da pesquisa, apresentando a fotoetnografia (ACHUTTI, 2004) como meio de conhecimento, que se enquadra nas pesquisas de abordagens qualitativa, do tipo observação etnográfica por meio da narrativa de imagens fotográficas. Faz considerações sobre a base empírica da pesquisa, as técnicas e os instrumentos utilizados para a formação do banco de imagens, que deu origem à narrativa de caráter fotoetnográfico. Apresenta, também, quem são as trabalhadoras da viticultura e como foram analisadas e interpretadas as entrevistas antes e depois, de as trabalhadoras implicadas na pesquisa, conhecerem a narrativa de imagens.

Esta pesquisa foi guiada pela relação intrínseca que tem com o cotidiano, com as formas de vida social e com as condutas de homens e de mulheres e pautada no novo paradigma das ciências postulado por Kuhn (1998, p. 13), que são as realizações científicas universalmente reconhecidas, e do conhecimento prudente (SILVA, 2008) que, durante algum tempo, fornece problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.

É nessa relação dialética entre causa e efeito que esta pesquisa de base qualitativa sustenta o debruce sobre as singularidades do cotidiano das trabalhadoras rurais aqui implicadas. A inserção de como caminhar nesse universo

foi apoiada no método dialético, que permite investigar para além da aparência do fenômeno. O cotidiano não está explícito e não se revela somente por meio das palavras. Ele está no não dito.

A dialética aponta para uma visão mais aprofundada do fenômeno pesquisado por ângulos não convencionais. Desse modo, ela se faz presente neste trabalho para ajudar a descortinar o cotidiano das mulheres implicadas nesta pesquisa. Foram as contradições e os conflitos, os lugares e as desigualdades que nortearam o percurso para as possíveis respostas aos fenômenos, pois, de acordo com Diniz e Silva, “o método dialético torna-se a trajetória percorrida pelo sujeito na busca da construção do conhecimento do fenômeno que se constrói e desconstrói nas interações entre sujeito e fenômeno” (2008, p. 1).

É o exercício dialético que faz com que o homem se construa enquanto homem na produção de sua vida material. As nuances do cotidiano das trabalhadoras da viticultura, bem como os conflitos de suas vidas e trajetórias podem ser pensadas pela dialética por possibilitar a compreensão e explicação dos problemas e das contradições que envolvem a produção de explicações sobre os feitos sociais.

## 2.2 O MÉTODO FOTOETNOGRÁFICO

O que o praticante da antropologia social faz é etnografia, como descreve Clifford Geertz em seu livro A interpretação das culturas (1989). Para ele, o trabalho do etnógrafo, reconhecido por ele como um antropólogo social, é saber o que esses praticantes fazem ao que ele atribui ser uma “descrição densa” (1989, p. 4). Em muitas disciplinas, pesquisadores recorrem à etnografia como instrumento de investigação de uma determinada cultura.

Geertz (1989) aponta como um dos principais instrumentos do pesquisador etnógrafo o seu bloco de notas para que seja feito um diário de bordo. A isso, soma-se também, entre outros recursos, equipamento fotográfico. Por esse caminho da etnografia, o fotógrafo profissional, sociólogo e antropólogo, Luiz Eduardo Robinson

Achutti (2004) atribui o valor simbólico de que a fotografia é o bloco de notas do pesquisador etnógrafo, apostando na força narrativa da imagem.

O autor não tenta definir o que seria fotografia dentro de uma narrativa. Ele diz que “a fotografia é a realidade refletida, e a matéria-prima, dessa fotografia, são os reflexos luminosos da realidade selecionada pela mente do fotógrafo” (ACHUTTI, 2004, p. 71). Nessa mesma convergência de pensamento, Roland Barthes (1980, p. 49) ressalta que a fotografia é inclassificável e é contingência. Assim sendo

[...] a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão -, ela fornece de imediato esses ‘detalhes’ que constituem o próprio material do saber etnológico.

Com base nas reflexões de Barthes (1980), a fotografia pode suscitar indagações etnológicas que não foram evocadas no momento do registro da ação. Nessa mesma linha de raciocínio, Achutti (2004, p. 95) ressalta que a fotografia pode por exemplo, fixar a imagem de uma determinada cultura que

[...] ajuda na mesma forma a recolher mais rapidamente certos detalhes próprios a rituais ou a cultura material – adornos, vestimentas, ferramentas de trabalho etc. ela pode também representar uma grande fonte de inspiração para o pesquisador, após ter deixado seu trabalho de campo, permitindo-lhe chegar a novas conclusões.

Apesar desse entendimento de Achutti acerca do poder de técnica de pesquisa aplicada ao trabalho de campo atribuído à fotografia, ele reconhece os desafios dessa utilização pelo fato de que “construções narrativas que empregam a fotografia para assegurar a difusão de resultados das pesquisas são pouco praticadas entre antropólogos” (2004, p. 95).

O autor, ainda, defende sua tese do uso da fotografia na pesquisa etnográfica como meio narrativo. Ele destaca que a fotografia, na antropologia, é bastante utilizada como técnica de pesquisa aplicada ao trabalho de campo, sendo a área que suscita menos polêmica. No entanto, Achutti chama a atenção para o fato de que as fotografias “jamais devem ser utilizadas de forma isolada, mas devem ser objeto de construções sob forma de sequência e de associações de imagens” (ACHUTTI, 2004, p. 95). Ele reflete que as sequências objetivam treinar o leitor a praticar outras associações e significações.

Sobre o uso ideal da linguagem fotográfica na fotoetnografia, Achutti (2004) fala da importância de um enquadramento objetivamente claro do objeto escolhido, que também perpassa pelo domínio da técnica com o manuseio do equipamento para a construção da imagem. Por isso, não é qualquer fotografia que pode ser etnográfica. De acordo com autor, o uso desse recurso exige do pesquisador que fotografa “saber olhar” (p. 96). Sobre a narrativa fotoetnográfica como método, o autor descreve que

Uma narrativa fotoetnográfica deve se apresentar na forma de série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais. Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador. Essa precaução não impede que certas informações escritas possam ter sido anteriormente dadas àqueles que vão mergulhar na narrativa visual, isto é, a justaposição dessas duas formas narrativas é possível e mesmo desejável, mas é importante notar que o ideal seria que a cada tipo de escritura fosse oferecido ao leitor separadamente, de forma que cada uma conservasse todo o seu potencial. Trata-se de escrituras diferentes que devem ser então oferecidas e abordadas de maneiras diferentes (ACHUTTI, 2004, p.109).

Pautada nesse *modus operandi*, esta pesquisa foi construída. O banco de imagens “Garimpeiros do Ouro Verde” constitui uma série fotográfica realizada em uma tomada, que resultou em um volume de 762 fotos digitais em que predomina a presença feminina em diversas etapas da produção e pós-colheita da uva de mesa.

Para a produção do “Banco de Imagens”, foi feito um roteiro prévio, que constava de: a) fotografar a chegada dos ônibus na fazenda; b) fotografar o trajeto

aos refeitórios para o café da manhã, posteriormente, o almoço, caracterizando pausas e momentos de socialização com colegas; c) fotografar o registro do ponto; d) fotografar o trabalho nos parreirais, na *packinghouse* e as estratégias e táticas utilizadas nessas atividades; e, ainda, fotografar o final da jornada de trabalho e o movimento em direção aos ônibus para o retorno a seus domicílios.

A série foi produzida de acordo a concepção da fotoetnografia, que é a de “construir uma narrativa etnográfica e restituir uma realidade pela linguagem fotográfica” (ACHUTTI, 2004, p. 17), como foi realizado a partir do roteiro descrito anteriormente que empregamos para a captação da imagem do cotidiano das trabalhadoras e trabalhadores da fazenda lócus de nossa pesquisa.

Diante do resultado da produção da tomada fotográfica, que se caracteriza como um banco de dados empíricos desta pesquisa foram selecionadas as imagens que pudessem remontar, por meio das fotografias, detalhes singulares do cotidiano de trabalho das mulheres em suas atividades laborais na fazenda de produção de uvas, por meio de uma narrativa de imagens.

Com essa narrativa, de cunho fotoetnográfico, foram adotados procedimentos metodológicos para a coleta das fontes de evidência (YIN, 2006), de modo que fosse possível empregar o processo de triangulação de dados durante as análises dos resultados. Com isso, os procedimentos utilizados foram entrevistas semiestruturada; consulta a documentos; observações diretas; e uso de artefato físico, a exemplo de gravador de voz para o registro das entrevistas.

Desse modo, a partir da narrativa das imagens, foi elaborado o roteiro de entrevistas, obedecendo a um plano de investigação estruturada, onde o fluxo de questões pudesse ser fluído, no lugar de rígido, para que não houvesse limitações no âmbito das respostas. Tais instrumentos de coleta de dados foram indispensáveis durante o retorno ao campo da pesquisa, em que as trabalhadoras retratadas foram revisitadas e entrevistadas. A realização das entrevistas reforçou o caráter dialético da pesquisa, com uma devolutiva (simbólica) a essas trabalhadoras, apresentando, num momento específico, a narrativa com as fotos de seu cotidiano de trabalho.

### **2.2.1 A relação da fotografia com a etnografia e a antropologia, para construção de uma narrativa**

Muitas foram as aproximações da antropologia com a fotografia ao longo da história desde as suas gêneses. Na época do então surgimento da fotografia, que data de 1839, nasce também a antropologia. “Tanto uma como a outra se esforçam em compreender a vida do homem e suas características culturais” (ACHUTTI, 2004, p. 78).

Os antecessores dos antropólogos, se é que se pode assim dizer, foram os viajantes, desenhistas, historiadores que recolhiam dados sobre o homem e sua cultura, como verdadeiros etnólogos e forneciam aos filósofos, os “credenciados” para tratar das interpretações. Na primeira metade do século XIX, antropólogos abandonam seus gabinetes e vão, eles mesmos, fazer o trabalho de campo.

Assim, ao tempo que a antropologia ia desenvolvendo seus métodos, a linguagem fotográfica ia se enraizando nos métodos de pesquisas, de documentação, adentrando nos trabalhos de campo como instrumento colaborativo de interpretações.

Foi nesse contexto que a os pesquisadores, desde o início de seus trabalhos, começaram a utilizar a fotografia, da mesma forma que os viajantes utilizavam os desenhos, ela se mostrou um excelente auxiliar do bloco de notas, um meio que permitia definir a organização do espaço, um elemento bastante importante para a coleta de dados próprios à cultura material, de maneira a enriquecer as práticas tecnológicas de uma determinada comunidade” (ACHUTTI, 2004, p. 95).

Esse diálogo entre a fotografia e antropologia nem sempre foi amistoso. Durante muito tempo, a fotografia foi utilizada como um auxiliar dos antropólogos. Ao longo da história, a fotografia foi sendo entendida como linguagem, assim como defende Achutti (2004).

Ao tempo em que os métodos da antropologia iam sendo elaborados, também iam se desenvolvendo a linguagem fotográfica e cinematográfica. “Eram

considerados instrumentos científicos, tanto quanto o microscópio, capazes de ampliar o olhar do cientista, pois, ao ‘estabilizar’ ou ‘fixar’ os dados obtidos em campo facilitariam análises posteriores” (BARBOSA, 2006, p. 7).

Barbosa (2006) explica que, nesse método de organização dos dados científicos, o cinema vai assumir o papel de objeto significativo que representará em imagens uma determinada realidade empírica. “As expedições científicas multidisciplinares e as técnicas fotográficas e fílmicas, que se multiplicam a partir dessa época, vão possibilitar o registro de acontecimentos de um mundo mais amplo que o delimitado pelo continente europeu e permitir a apreensão da diversidade racial e social” (2006, p. 10).

É nessa perspectiva que autores contemporâneos como Barbosa (2006) e Achutti (2004), por exemplo, entre outros, vão dizer que é o cinema, a imagem em movimento, e não a fotografia, a imagem fixa, que primeiro vai conferir *status* a chamada antropologia visual.

A antropologia não é a única disciplina que se utiliza da fotografia no trabalho de campo e nas pesquisas com a finalidade de entender os povos de diferentes culturas. A Sociologia também tem se preocupado com a imagem. De acordo com Martins (2014a., p. 9), os sociólogos têm cultivado a esperança de que a fotografia (também o filme e o vídeo) possa ser utilizada como fonte e registro factual de informações de trato sociológico (e antropológico) sobre a realidade social.

A ideia da fotografia como documento, como bem refletiu Dubois (2012) sobre o sentido da fotografia, e a irrefutável verdade aparente, que caracteriza-se no ver para crer. Martins (2014a, p. 9), fala que a Sociologia buscava uma fonte que documentasse o que os instrumentos usuais e já tradicionais de pesquisa não documentam ou documentam insuficientemente.

Nessas implicações teóricas, são visíveis as aproximações entre os dois campos de pesquisa. O objetivo comum entre elas, ao se utilizarem as imagens nas pesquisas sociológicas e antropológicas, é o de promover a interação entre o pesquisador e as populações que estuda e às quais recorre para obter de viva voz

respostas, depoimentos e narrativas. Mais uma vez, a narrativa é evocada nas pesquisas. Nesse campo, a linguagem fotográfica também pode ser entendida como tal.

Martins (2014a, p. 36) considera que essa sociedade é extremamente visual e dependente da imagem e que a fotografia é um dos seus componentes de funcionamento. O autor fala que é, “nessa perspectiva, que se pode encontrar o elo entre a cotidianidade e a fotografia, a fotografia como representação social e memória do fragmentário, que é o modo próprio de ser da sociedade contemporânea”.

Ainda, segundo o pensamento de Martins (2014a, p. 43), a fotografia é utilizada com verdade, mas depende de seu contexto para sua significação, que ele chama de “inteireza”, que permite que os códigos de interpretação funcionem. “Sem a imagem a cotidianidade seria impossível. Mesmo quando não temos uma fotografia para cada situação, o imaginário cria a imagem em nós e para nós. De certo modo, em boa parte, hoje, pensamos fotograficamente”<sup>3</sup>.

O autor explica que a fotografia é utilizada na antropologia, principalmente, como técnica aplicada à pesquisa de campo, sendo a área em que suscita menos polêmicas (MARTINS, 2004, p. 95). Foi assim que o autor chegou ao método fotoetnográfico, utilizando a fotografia como tradução da realidade. E como tradução da realidade cotidiana é que a construção do banco de imagens utilizado nessa pesquisa foi planejada. Foi a inspiração na etnografia que permeou o roteiro assim proposto. Apreendendo todas essas concepções, é que convergimos para a utilização da então jovem metodologia da fotoetnografia.

No entanto, Achutti (2004) defende que se devem encontrar os melhores meios de utilizar ao máximo o potencial da fotografia na antropologia. Ele descreve a fotografia como uma linguagem que possui suas próprias características e, se forem tiradas ou olhadas ingenuamente, possuem pouca utilidade para as ciências humanas. Assim sendo

---

<sup>3</sup> Op. cit.

Quando a fotografia for finalmente aceita como uma forma de escritura, igualmente legítima, de descrição etnográfica e de análise conceitual, ela poderá ser vista como um outro meio de interpretar o mundo, poderá ser lida como o discurso de um determinado autor – autor que é claro, como qualquer um que se dedica a escrever, corre o ‘risco’ de expor sua própria subjetividade, fato que deve ser aceito como parte do encontro antropológico (ACHUTTI, 2004, p. 81).

Diante dessas visões, foi proposta a utilização de imagens, entendendo a fotografia como um meio de linguagem que possibilita a construção de uma narrativa fotográfica. De acordo com Achutti (2004, p. 111), uma fotografia é a materialização de um olhar, é o discurso do olhar.

Achutti posiciona-se sobre a aceitação da fotografia como narrativa em oposição à forte tradição escrita das ciências humanas e na antropologia, restando à fotografia ser um elemento secundário. “Deve-se imputar a responsabilidade desse fato nos próprios pesquisadores, que atribuíram um papel secundário à linguagem fotográfica” (2004, p.104). Ele é um partidário da fotografia em antropologia, sem deixar de lado as consideráveis contribuições do cinema para esse campo. O autor reconhece, então, a **antropologia em imagens**, que poderá ser abordada por meio do domínio de técnicas de construção da vídeo-etnografia, do filme etnográfico ou da fotoetnografia (p. 84). Ainda de acordo com o autor, as margens delimitam as escolhas feitas pelo fotógrafo. Entendendo que a construção do banco de imagens sobre as trabalhadoras da viticultura foi inspirada na etnografia, situamos, desse modo, a fotografia como uma operação exercida sobre o passado e o presente.

Esta pesquisa se debruçou no cotidiano das trabalhadoras rurais do Vale do São Francisco. As imagens “tomadas de realidade”, como define Achutti (2014, p. 81), estarão em dado momento, postas e apostas para se perceber a construção de uma narrativa que fale do cotidiano, no capítulo seis (p. 91), e que aponte caminhos para algum entendimento sobre a vida do homem e da mulher e suas características culturais. Não pretendemos explicar esse cotidiano por meio das fotos, mas o desafio foi o de descobrir singularidades do cotidiano reveladas por meio delas.

### 2.3 ESPAÇO EMPÍRICO E SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como espaço empírico, para a tomada das fotos, uma fazenda de produção de uvas, no vale do São Francisco, representativa de muitas outras. O nome da fazenda não será revelado pelo fato de a mesma representar a realidade de tantas outras na região e quando as fotos foram tomadas, tal fazenda tinha uma outra administração, da qual obtivemos autorização para a realização do trabalho. Outro aspecto é que as imagens refletem as mesmas singularidades das trabalhadoras da viticultura do Submédio São Francisco e a pesquisa tem este caráter de análise mais geral.

A fazenda, na qual as fotos foram tomadas, fica situada no município de Casa Nova, na Bahia, na região Nordeste, Semiárido Brasileiro. Embora o *lócus* da tomada de fotos tenha sido a referida fazenda, as informações sobre a fruticultura no Vale foram mais abrangentes, envolvendo os municípios onde se concentra a viticultura da região: Petrolina-PE, Juazeiro-BA, Lagoa Grande-PE, Casa Nova-BA e Santa Maria da Boa Vista-PE<sup>4</sup>.

As mulheres entrevistadas vivem na zona rural do município de Casa Nova onde estão instaladas várias fazendas de fruticultura, especialmente de uva. A promessa do emprego para elas é na fruticultura irrigada, geradora de *commodities*. Contrastando com isso, as trabalhadoras vivem em casas simples, cuja água potável advém do programa “Um Milhão de Cisternas” (de placas) sob a gestão de organizações não governamentais como a Articulação Semiárida Brasileira (ASA), também sob a gestão governamental (em polietileno), como a Codevasf. Tudo isso foi revelado nos depoimentos das trabalhadoras, quando pudemos observar os ditos e os não ditos cheios de significações. Outros aspectos foram evidenciados pela observação direta.

Na configuração da população brasileira, até 1960, a maior parte vivia na zona rural. A partir da década de 1970, houve um grande movimento migratório para

---

<sup>4</sup> Os municípios que integram o polo da viticultura do Vale do São Francisco foram descritos na ordem de maior a menor concentração de áreas plantadas com videira, conforme dados do IBGE (2016).

as cidades provocado pela mecanização da agricultura e a conseqüente expulsão da mão de obra. Assim também, foi como se configurou o desenvolvimento da agricultura irrigada nesta região semiárida. O levantamento foi feito pelo IBGE para a Sinopse do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010a), levando em conta a população nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio no período de 1960/2010, mas não abordando aspectos étnico-raciais e nem de cor e evidenciando as populações rurais e urbanas.

De acordo com o Censo realizado em 2010, a população rural do Brasil é de 15,64%, sendo 8,23% homens e 7,41% mulheres. A composição étnica para a população brasileira é de 47,73% de pessoas, que se autodeclararam de cor branca, seguida de 43,13% de pessoas que se autodeclararam de cor parda e 7,61% de pessoas que se autodeclararam de cor preta. A configuração da população nos estados com situação de domicílio rural, em Pernambuco e Bahia, estados onde se localiza o polo de fruticultura irrigada do Submédio São Francisco, é de 19,83% e 27,93%, respectivamente, demonstrando um número maior da população rural nesses estados em relação ao país.

Comparando a distribuição da população, em termos percentuais, com a configuração nacional e a dos estados, observamos que a média da população rural nos municípios da região produtora de uvas<sup>5</sup> do Vale do São Francisco é de 40,58% das pessoas, bem superior às médias nacional e estadual. Os municípios com maior população rural são: Santa Maria da Boa Vista (62,28%), seguido de Lagoa Grande (54,24%) e Casa Nova (42,19%). As cidades polo, Petrolina e Juazeiro, possuem 25,43% e 18,79% da população com situação de domicílio rural, respectivamente.

Ainda de acordo com o IBGE (2010), a região possui 63% da população, que se autodeclarou de cor parda, 26% autodeclarados de cor branca e 8,94 % autodeclarados de cor preta. Desse modo, pode-se concluir que, na média populacional dessa região, quase 60% vive na zona urbana e que a metade da população é formada por mulheres. No entanto, esses aspectos não dão conta de

---

<sup>5</sup> A referência é aos municípios de Lagoa Grande, Petrolina e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Casa Nova e Juazeiro, na Bahia.

representar se os trabalhadores rurais são exclusivamente os que vivem na zona rural. Isso porque, com a proximidade dos Perímetros Públicos de Irrigação da zona urbana dos municípios polo, por exemplo, os trabalhadores e as trabalhadoras rurais acabam residindo também nos bairros periféricos, das sedes municipais.

Observamos que a população, que se autodeclara preta, é mínima, não atingindo 9%. Esse fato nos chama a atenção por duas razões. Primeiro, porque aqueles que se autodeclararam de cor parda (63%), a maioria, na verdade, não tem a pele negra, advém da miscigenação brasileira entre as três raças: índios, europeus e africanos. O segundo aspecto a ressaltar é que, ainda, reside um preconceito muito forte sobre a autodeclaração de cor preta, consequência da nossa colonização do branqueamento. Os resquícios da escravidão, acompanhados da sujeição dos pobres e pretos ao colonialismo e ao coronelismo do sertão, ainda, causam temor às pessoas assumirem suas identidades singulares. Ser pardo ameniza o preconceito (supostamente) e responde melhor ao recenseador do IBGE.

Nos aspectos físicos das trabalhadoras da viticultura irrigada da região, principais protagonistas desta pesquisa, percebe-se que a maioria se enquadra na estatística do IBGE. Algumas delas são brancas de olhos claros, às vezes azuis e verdes, outras “pardas”, conforme a denominação do IBGE e muito poucas, de pele preta. Como pode ser observado nas fotografias, são mulheres bonitas, mesmo envoltas sob sete capas (roupas) como táticas de se protegerem do sol causticante do Semiárido Brasileiro.

Não somente as mulheres foram entrevistadas. Fez-se também necessário entrevistar outros atores sociais envolvidos com a atividade vitícola. Desse modo, incluímos como sujeitos da pesquisa representantes das seguintes entidades: Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Assalariados Rurais de Petrolina (STTAR – Petrolina); Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas Agrícolas, Agroindustriais e Agropecuárias (SINTAGRO – BA); Sindicato Patronal da Fruticultura do Vale do São Francisco (Em Petrolina – PE); Sindicato dos Produtores Rurais de Juazeiro; representantes de empresas produtoras de uvas de mesa para exportação (fazendas); pesquisadores da Embrapa Semiárido, ligados ao setor da viticultura.

## 2.4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NA PESQUISA

Em se tratando dos métodos e técnicas de pesquisa, Yin (2005) recomenda que se utilize mais de um método para uma investigação, bem como se apliquem vários instrumentos de pesquisa para se chegar ao que se propõe com a pesquisa. Assim, nessa mesma linha, nos utilizamos de diferentes métodos e técnicas consideradas por Yin (p. 126), como “fontes de evidência para a importante fase da coleta de dados da pesquisa”.

Além da observação etnográfica e observação direta, utilizamo-nos de artefatos físicos, como a câmera fotográfica, para a tomada das fotos, as quais fazem parte do “banco de imagens” de que a pesquisadora já dispunha, o que possibilitou criar a narrativa de imagens. De acordo com Achutti (2004), a etnografia consiste no esforço para realização de um “trabalho de pesquisa interpretativa, visando a uma composição que mostre a singularidade cultural de um determinado grupo” (p. 93). O autor explica, ainda, que, em antropologia, a fotografia é conhecida “principalmente como técnica de pesquisa aplicada ao trabalho de campo” (p. 95), compreendida como uma narrativa de cunho etnográfica, com a expectativa de “restituir uma realidade pela linguagem fotográfica” (p. 17).

Para Chizzoti (2006), o pressuposto fundamental da pesquisa do tipo etnográfica é a interação direta com pessoas na sua vida cotidiana. E foi assim que a proposta desta pesquisa foi desenhada.

Outra técnica utilizada na pesquisa de campo foi a entrevista do tipo semiestrutura, realizada com as mulheres, com base na narrativa de imagens. Desse modo, apropriamo-nos da fotoetnografia, conforme Achutti (2004) como meio de conhecimento, que se enquadra nas pesquisas de abordagem qualitativa.

Definimos que seriam entrevistadas 10 trabalhadoras rurais, além do contato com mais outras 20 mulheres retratadas nas imagens, com a finalidade de apresentar a proposta da pesquisa da dissertação e obter a autorização para o uso de suas imagens, relacionadas às suas atividades laborais na fazenda de uva, como um representativo da atividade feminina. No caso das mulheres entrevistadas, foi

apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e seguiu os critérios da ética em pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS) em que foram explicados os termos da pesquisa e garantido o anonimato em seus depoimentos.

As mulheres entrevistadas foram escolhidas com base nas fotografias da narrativa. Primeiro foi feito um contato com uma das mulheres retratadas com o objetivo de mostrar as imagens e saber quais pessoas seriam possíveis localizar. O passo seguinte foi o de contatar e agendar um encontro para a entrevista (APÊNDICE A - Roteiro de entrevista). Contudo, a condução das entrevistas foi baseada em duas tarefas descritas por Yin (2006, p. 119), que são a de que o pesquisador deve “seguir sua própria linha de investigação e a de fazer as questões reais de uma forma não tendenciosa”.

As entrevistas se caracterizaram como essencial fonte de informações e seguiu um plano de investigação estruturada, com base em questões que se caracterizaram de forma fluída (no lugar de rígidas), para possibilitar uma maior profundidade nas respostas. Para seguir os objetivos propostos pela pesquisa, em dado momento da entrevista, foi apresentada a narrativa das imagens sobre o trabalho das mulheres implicadas na pesquisa. Esse momento tratou de uma devolutiva simbólica e caracterizou uma etapa da pesquisa em que as entrevistadas falaram sobre suas impressões e seus cotidianos ao relembrem suas jornadas de trabalho e se reconhecerem nas fotografias que integram a então narrativa.

Durante as entrevistas, foi também esclarecido que, no momento da apresentação da narrativa fotoetnográfica, as informações que estávamos buscando diziam respeito à relação com sua trajetória profissional da viticultura, sem a necessidade de citar os nomes das empresas em que já trabalharam, tampouco, que fosse identificado que alguma questão respondida tivesse relação específica com a empresa de produção de uvas em que a tomada fotográfica do banco de imagens foi realizada.

## 2.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados nos utilizamos da Análise do Discurso (AD) na perspectiva do francês Micheu Pêcheux (1990), no aspecto de que não há discursos sem sujeitos, nem sujeito sem ideologia, tomando como base a vertente brasileira de Eni Pulcineli Orlandi (2003), trazendo seus recortes sobre o discurso e sobre a linguagem que se constitui por cores, formas, sinais, entre outros. Dentro da AD, os recursos considerados aqui são o interdiscurso e o estudo de formação discursiva, que foi utilizada para captar as mensagens singulares do cotidiano das trabalhadoras rurais da viticultura durante as entrevistas.

A ideologia, segundo Orlandi (1987, p. 46), na ordem do discurso, é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Por isso é que a relação do sujeito com a linguagem não é de forma alguma despreziosa, principalmente quando se leva em consideração que a linguagem é produto da sociedade e tem como objetivo proporcionar uma ação mútua entre indivíduo e o meio em que ele está inserido.

A pesquisa empreendida, que resultou nesta dissertação, levou em consideração os discursos produzidos pelas trabalhadoras aqui implicadas, aliados ao contexto histórico e socioeconômico a que estão submetidas. Todas as suas conversas carregam consigo as marcas ideológicas do legado da Grande Irrigação, das relações de gênero e da posição da mulher no mercado de trabalho.

A busca foi, pelo que Pêcheux (1990) relaciona, sobre o sentido na articulação do simbólico. Assim, analisar e estudar mais profundamente o discurso implícito no depoimento das trabalhadoras rurais, diante das imagens fotográficas a elas apresentadas, pôde ajudar a compreender parte ou a totalidade de significações dessa linguagem imagética, que produz vários sentidos.

As conversas com as trabalhadoras foram guiadas por um roteiro de entrevista semiestruturada. O que pautou esse roteiro foi o histórico socioeconômico do empreendimento desenvolvimentista do Vale do São Francisco, a Grande

Irrigação, que tinha a intenção de captar aspectos singulares do cotidiano das trabalhadoras da fruticultura.

Percebeu-se que o jugo da história deixou o legado nos cursos de vida das dez mulheres entrevistadas. Cada história de vida é singular e conta um pouco sobre a trajetória da mulher, originária de família de agricultores da região do Semiárido, que, muito cedo, ainda criança, já carregava a responsabilidade de trabalhar nas lavouras para ajudar suas famílias, além de responsabilidades de cuidar dos irmãos mais novos.

Seus depoimentos demonstram também como elas passaram por essa reconfiguração da agricultura e ressignificaram suas vidas na pauta do “progresso da irrigação”. Hoje, suas famílias não são tão numerosas quanto a suas originárias, mas algumas mulheres ainda jovens, já são avós, com a responsabilidade de cuidarem de seus netos e de toda a família.

Com isso, a relação interdiscursiva – o que fala antes - permite explicitar alguns processos de significação presentes nas imagens e, assim, compreender como se constituem os diversos sentidos que o atravessam, já que o discurso não é produzido por apenas uma formação discursiva, mas por várias formações discursivas que se organizam em função de uma dominante, ou seja, uma formação discursiva que nos diz e nos impõe o que podemos e devemos dizer e interpretar.

À medida que a análise sugere os lugares de onde o sujeito diz algo, está se fazendo um estudo de formação discursiva que compreende formação de saberes do cotidiano. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio” (KOCK, 1986, p. 47). Esse discurso prévio é o interdiscurso. Assim, identificamos o interdiscurso do medo, do abandono, da falta de oportunidade, do conformismo e do inconformismo em relação à condição de mulher e de acumular jornadas múltiplas de trabalho, presentes em suas histórias de vida.

Para se chegarmos aos resultados da pesquisa que originou este trabalho dissertativo, utilizamos da triangulação entre o objeto de estudo - o trabalho das

mulheres da viticultura do Vale do São Francisco -, as teorias acessadas para compreender essa problemática – estratégias e táticas, cotidiano, gênero e divisão social do trabalho -, e os métodos e técnicas utilizados para a busca das evidências, sendo os principais a narrativa fotoetnográfica, as entrevistas e a observação direta.

Achutti (2004) ressalta que não é qualquer fotografia que pode ser considerada etnográfica, nem tampouco compor uma narrativa, assim como o uso de fotografias isoladas em determinados contextos estão longe do que se propõe.

De acordo com o autor, uma narrativa fotoetnográfica deve se apresentar na forma de série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais (2004, p. 109). No entanto, a construção da então narrativa seguiu os procedimentos do método fotoetnográfico, onde as imagens, nessa perspectiva, não dispõem de legendas ou textos que possam explicar qualquer coisa, como estarão dispostas as fotografias no capítulo seis (p. 91).

Ainda conforme Achutti, a narrativa da imagem fotográfica, a partir de uma série de fotos, como a série desta dissertação, deve se oferecida apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador (2004, 109). Sustentada nessa perspectiva, a narrativa resultante desta pesquisa foi dividida em cinco etapas rotineiras em uma fazenda de produção de uvas. Elas estão distribuídas nesta dissertação no capítulo seis, conforme as séries descritas na sequência.

**Série I - A chegada ao trabalho.** O ônibus leva as trabalhadoras até às áreas (latadas) em que vão trabalhar. Uma a uma vão descendo à medida em que passam nos locais de suas atividades.

**Série II - As refeições no trabalho: “A boia”.** Assim denominada pelas trabalhadoras rurais, quando se referem à alimentação que preparam para levar nas marmitas. Essa parte foi dividida em duas fases e, assim, foi demonstrada, a fim de que as fotos mostrassem como se organizam na hora das refeições, bem como:

- Café da manhã. Como uma refeição rápida, feita ao mesmo tempo em que se preparam para registrar o ponto, que será demonstrado na etapa a seguir;
- Pausa para o almoço. É o momento em que as trabalhadoras se deslocam das latadas de uvas, com seus cantis de água, até os refeitórios. Essa pausa para a refeição se configura em um momento de partilha de alimentos e de socialização. Também deveria configurar descanso, mas elas não dispõem de local adequado para isso;

### **Série III - O início da jornada de trabalho na fazenda de produção de uva.**

Aqui, separamos as atividades da seguinte forma:

- Campo. Etapas de colheita e as atividades necessárias para a realização do trabalho;
- *Packinghouse*. A embalagem da fruta é feita em ambiente protegido. Passa por controle de qualidade até as caixas serem empilhadas nos pallets, quando estão prontas para a comercialização em contêineres;

**Série IV - Final da jornada: retorno para casa.** Movimento diferente da chegada à fazenda. Todos os trabalhadores e trabalhadoras se dirigem a um ponto específico para esperar o ônibus que tenha o itinerário condizente com seu endereço.

A interpretação se deu a partir da força narrativa da fotografia, dispensando o uso de textos, ou legendas que a caracterizassem ou que pudessem atribuir algum sentido oblíquo ao cotidiano retratado. Achutti (2004) vai sustentar que essa experiência “desestabiliza o texto canônico escrito como único legítimo de evidência científica. Assim, o autor sugere que “a utilidade na composição de textos visuais como recurso de uma nova forma de escritura específica [...] para falar da realidade” (p. 17).

No entanto, o autor explica que não há impedimento que certas informações escritas possam ter sido anteriormente demonstradas para contribuir com a leitura da narrativa visual. E os temas transversais do referencial teórico, das pesquisas de campo e o legado histórico dessa atividade e dessas pessoas estão contidos no conteúdo dessas imagens. Acrescida a essas informações, ainda restará a leitura individual que as sequências podem invocar, uma vez que elas objetivam, de acordo com Achutti (2004), “treinar o leitor a praticar outras associações e significações” (p. 95).

A narrativa se apresentou de forma a demonstrar como se configura a dinâmica do trabalho na fazenda de uva, para a qual selecionamos 113 fotografias. O desafio dessa etapa, assim como o da pesquisa que resultou nesta dissertação, foi o de reencontrar o maior número possível de trabalhadoras rurais, especificamente, as retratadas na série fotográfica do nosso banco de imagens para que elas pudessem conhecer o teor da pesquisa, rever as fotografias, participar das entrevistas e autorizar o uso de suas imagens.

Esse contato com as trabalhadoras representou uma contribuição imaterial para esta pesquisa, diante de todo o levantamento de informações que foi realizado junto a agentes públicos, privados e entidades de classes ligadas ao setor produtivo e aos trabalhadores e trabalhadoras rurais da região.

### **3 SOCIABILIDADES COTIDIANAS E A RELAÇÃO COM AS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE: CONCEPÇÕES TEÓRICAS**

Este capítulo apresenta reflexões teóricas sobre as estratégias e táticas do cotidiano das trabalhadoras na viticultura, com as contribuições de José de Souza Martins (2014a; 2014), sobre conflitos e a relação de força, estratégias e táticas nas visões de Michel de Certeau (1998), a divisão sexual do trabalho na perspectiva de Marx (1998; 2001). Trata, ainda, das diferenças de interesses entre o capital e o trabalho no enfoque das discussões sobre gênero, a partir das concepções marxistas abordada na perspectiva de Saffioti (1987; 1992; 2011), assim como a dualidade entre trabalho e família e a posição da mulher no mercado de trabalho, conforme Scott (1995), buscando-se sempre relacionar os contextos das discussões com as dinâmicas da Viticultura no Submédio São Francisco, no Semiárido Brasileiro.

#### **3.1 ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DO COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE**

Ao tentar descobrir as singularidades do cotidiano das trabalhadoras da viticultura, primeiro foi preciso saber de que cotidiano estávamos falando. No dicionário Aurélio, o verbete cotidiano é classificado como um adjetivo e significa “diário”. No entanto, em torno do conceito, existe um hiato entre os teóricos. Michel de Certeau, em seu livro “invenção do Cotidiano: artes de fazer”, apesar de ter sido produzido sob encomenda da Secretaria de Cultura da França sobre o cotidiano francês dos anos 70 (VENTURA, 2015), o autor trata de forma universal os fazeres comuns da vida cotidiana. No entanto, ele não fala explicitamente sobre vida cotidiana, mas de forma analítica estabeleceu a relação entre cotidiano e vida.

Para Certeau (1998, p. 38), o “cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”. Para o autor, são as “estratégias” e “táticas” utilizadas pelos sujeitos no mundo social que estão presentes na vida cotidiana. São as artes do

fazer, como ele intitula o livro. Nessa difícil interpretação, Certeau faz uso de uma linguagem militar e trata “estratégias” e “táticas” como métodos viáveis para descortinar o cotidiano. Por estratégia, Certeau distingue como o lugar da força, do poder e do querer. É a base de onde podem girar as relações. A tática é movimento e as práticas cotidianas são dinâmicas, por não terem um lugar certo para operar. Por isso é que o autor considera como um não lugar, pois se aproveita das ocasiões. O autor diz que a tática é dos mais fracos (1998, p. 104).

Pode-se entender, em dado contexto, que os mais fracos são os subordinados, a classe trabalhadora e operária, por exemplo. Antagônica a isso vem a estratégia, tida como um lugar, o da força, o do querer e o do poder, assim, como nos moldes do capitalismo, a força sobre os fracos. Nesse sentido, Certeau declara que

Chamo de **estratégia** o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objeto da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é. O lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, que sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 1998, p. 99, grifo nosso)

O autor traça uma distinção entre **estratégias** e **táticas**, apontando-a com o que parece apresentar um esquema inicial mais adequado de se pensar as práticas cotidianas que, segundo o autor, estão inseridas na dependência de um grande conjunto difícil de delimitar.

Assim, Certeau sugere pensar que muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições, etc.) são do tipo **tática** (1998, p. 47). Então, desse modo, trabalhar também é uma ação tática. Nesse contexto, pode-se, então, inferir que a empresa, o local de trabalho estaria no *hall* das estratégias.

Assim, podemos denominar como estratégias, a unidade social desta pesquisa, que são as empresas de produção de uvas (fazendas). Mas não o espaço físico. As estratégias são os modos de operação, a jornada de trabalho que começa antes mesmo de as trabalhadoras saírem de suas casas, pois, ao se dirigirem aos pontos em que pegam o transporte para o trabalho, tudo tem que estar preparado. Todas as suas refeições (café da manhã, almoço e os possíveis lanches); abastecer os cantis de águas, as roupas que vestirão no trabalho, todos esses itens têm que estar preparados em suas bolsas para levarem ao trabalho, onde passarão o período de suas jornadas. O ato demandado do que tem que ser feito está na esfera das **estratégias**. Já o fazer, a execução, a ação de fazer, de preparar, são **táticas**.

No trabalho, como estratégias, pode-se entender também as normas e regras a que estão submetidas. Estratégia, de acordo com Certeau, é o lugar do poder, da força. É a ordenação de cumprimentos de metas de produtividade, a designação da atividade que deve ser feita, as quais são atribuições do poder. Desse modo, denso, as práticas cotidianas podem ser táticas e o que lhe permite mobilidade é a condição de não lugar. Na relação com o poder (estratégia), as táticas são para os fracos, como assinala Certeau. Na relação com o capital, na hierarquização, a trabalhadora rural é a parte mais fraca, pois tem que obedecer e cumprir o que a ela foi estabelecido.

Como táticas, entende-se as singularidades, a proteção do corpo, da pele, do rosto e, também, da dignidade, vestindo várias roupas, por exemplo, camisas, umas por cima das outras, como proteção, tornando-as irreconhecíveis. Depois de todo esse aparato, em meio aos demais trabalhadores e trabalhadoras, com rostos cobertos, torna-se difícil identificar que são homens e mulheres, embora elas sejam maioria. Quando Certeau relaciona táticas como o lugar do fraco, é o lugar dos silenciados, dos que dependem do poder. Mas, também, a astúcia de lutar, reivindicar e dizer não contra os abusos.

Certeau não fala explicitamente sobre o que é o cotidiano, tampouco sua obra “não se deixa facilmente compreender”, assim como disseram os pesquisadores franceses Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1998) *apud* Ventura (2015). No

entanto, diante da arquitetura feita por ele, entende-se que as práticas cotidianas se materializam em um movimento dialético, entre estratégias e táticas, diante das performances dos indivíduos. O falar, interagir, caminhar e, até mesmo, o diário, o que é comum, contribuem para essa construção das práticas cotidianas.

Isso ocorre porque, como disse o sociólogo brasileiro, José de Souza Martins, nem tudo na sociedade é visível e nem tudo que é visível dá conta do que a sociedade é. Não são e também não serão explicações simplistas que darão conta do que é a vida cotidiana e, diante dessa complexidade, situar e explicar como objeto de conhecimento científico que a Sociologia entendeu como disciplina a Sociologia da vida cotidiana.

A Sociologia da vida cotidiana não deve ser confundida com uma Sociologia minimalista e redutiva dos processos sociais aos componentes fenomênicos da vida social. Ao contrário, ela se propõe a investigar o visível e o aparente das ações e relações sociais cotidianas na mediação das estruturas sociais e dos processos históricos que lhes dão sentido, não raro o sentido do inesperado (MARTINS, 2014, p. 9).

São as nuances da vida que se revelam hoje, mas, conforme Martins (2014), já foram e ainda o são. Aquilo de que a sociedade se reveste hoje já foi materializado antes. “O foco e a temporalidade da observação sociológica deslocaram-se para a vida cotidiana, para os processos microssociais, para os que muitos consideram equivocadamente, o irrelevante” (p. 10). Ele ressalta que a sociedade caracteriza-se por uma pobreza de esperança, que vive por viver, que já teve e não tem. E a busca por esse elo perdido é o que Martins, com sua filiação<sup>6</sup> na Sociologia de Henri Lefebvre, chama de artesanato intelectual<sup>7</sup>, como um modo

---

<sup>6</sup>José de Souza Martins apresenta o livro *Uma sociologia da vida cotidiana* como uma obra edificada na linha da Sociologia de Henri Lefebvre, de Roger Bastide, de Florestan Fernandes, de Robert Nisbet, de Alfred Schutz e de seus herdeiros intelectuais.

<sup>7</sup>O artesanato intelectual é o conjunto de técnicas e recursos de que o sociólogo pode se valer para exercitar a imaginação sociológica na busca do elo perdido entre o atual e o sempre. [...]O artesanato intelectual tem uma dimensão teórica, define um modo sociológico de ver e uma prontidão permanente para observar a circunstância e os circunstantes, seus bloqueios e sua dinâmica. Abrange os *insights* preparatórios da pesquisa e da análise. Implica o reconhecimento de uma temporalidade peculiar, que é a da vida cotidiana, seu ritmo próprio na afirmação e na anulação dos momentos do processo social e histórico, o transitório e o transitivo. Há nessa orientação um diálogo

sociológico de ver, descrever e interpretar desde as simples ocorrências de rua até os fatos e fenômenos sociais relevantes e decisivos.

No entanto, José de Souza Martins sublinha que as certezas históricas e a coerência racional das significações estão desconstruídas com a imaginação, a criatividade e a práxis. Errar e acertar faz parte da condição humana e que é a vida que indica os rumos dos acertos, não o poder.

Desvelar as singularidades do cotidiano das trabalhadoras da viticultura também pode remeter-nos à noção de lugar, onde mora a estratégia, a qual descreve Certeau (1998). É o lugar da força sobre o fraco. No entanto, se deixar subordinar não significa alienação<sup>8</sup>. A mudança de lócus de um indivíduo também pode causar alterações no seu cotidiano.

Aproximando-se de um exemplo da realidade das trabalhadoras da viticultura no Vale do Submédio São Francisco, que são fruto da expropriação das terras dos agricultores familiares, muitas dessas mulheres pertencem a um grupo de trabalhadores/as rurais que habitam na zona urbana, outras em comunidades rurais. Elas estão sobre o jugo da história e do destino.

Nesse sentido, Martins (2014) reflete que o nosso atual se perde no emaranhado das pendências do passado e nas incertezas do nosso futuro. “São os silêncios presentes no mundo rural e nas sociedades agrícolas tradicionais”. Esse emudecimento que o autor reivindica “deveria entrar no elenco da informação primária de que se vale a sociologia”, para aqueles “cujo destino é a ausência de destino, porque condenados ao silêncio do não poder ou não saber dizer o que pode e o que precisa ser dito” (p. 128).

---

com o insólito, o contraditório, o discrepante, o desconstrutivo, o revelador. Mas também com o eventual e o acaso (2014, p. 11).

<sup>8</sup>Alienação não é mera manifestação de falsa consciência e de incapacidade política para superar contradições. Com Marx sociólogo eu lhes diria que a alienação é uma consciência social que engana para revelar e para seguir. É nessa falsa consciência que as necessidades sociais se põem e nesse âmbito se propõem como busca do marco real que o homem erra procurando acertar (MARTINS, 2014, p. 17).

Mediante esse cenário, Martins aponta para a urgência de uma etnoagricultura que, segundo ele, “constitui um meio de salvar um amplo capital social e cultural, representado por saberes que os preconceitos dos cientistas e dos técnicos condenaram à perda e ao desaparecimento” (2014, p. 131). Assim, o autor defende que não seria uma limitação do conhecimento sobre o mundo rural e sim para se distanciar a polarização sociedade tradicional-sociedade moderna no qual esse imaginário está aprisionado. A isso, Martins atribui que o senso comum relativo ao mundo rural e agrícola no Brasil está em crise e que essa questão deveria sair da esfera geográfica para a sociológica. Essa reflexão sobre o imaginário rural brasileiro, José de Souza Martins atribui ao que Lefebvre chamou de raptó ideológico.

O trajeto entre ser agricultor e se tornar um trabalhador assalariado é percorrido em uma trajetória sociológica. O trabalho, conforme Martins (2014, p. 213), não se reduz a uma ocupação ou um vínculo empregatício e sim o resultado daquilo que ele propicia. Para ele, estar empregado significa estar em trânsito entre a casa, o lugar do trabalho e a rua. No caso da assimilação da mulher pelo mercado de trabalho, alcançou o que se chama da cultura do emprego, mais do que a cultura do trabalho, libertando-a do jugo doméstico, das formas direta do controle social.

### 3.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: UMA GUERRA CONTÍNUA

Falar sobre divisão sexual de trabalho é já ratificar a sua existência. É verificar que após várias revoluções que aconteceram na sociedade nos últimos séculos, inclusive o grande marco que foi a primeira onda do feminismo<sup>9</sup>, que buscou, entre outros aspectos, a emancipação da mulher, ainda, é preciso combater os preconceitos históricos sobre o que seria trabalho de homem e trabalho de mulher.

---

<sup>9</sup>A chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p. 15)

Mas, é na denominada fase da segunda onda do feminismo que emergem os estudos de gênero.

Fazendo um recorte histórico sobre os movimentos de empoderamento das mulheres para que ocupassem seus espaços no mercado de trabalho, não poderíamos deixar de ressaltar que esse acontecimento foi marcante dentro do pensamento socialista, que surgiu em consequência da revolução industrial (embora ainda possamos afirmar que vivemos em uma constante revolução industrial). Toda essa marcha seguiu aliada à luta para a garantia e defesa dos direitos das mulheres, sobretudo, as das classes sociais mais baixas, que são as operárias, trabalhadoras rurais etc.

Trago a perspectiva dos caminhos da chamada libertação das mulheres, a que conferiu a Marx e seus seguidores o epíteto de ser um disseminador de ideias que tinham como preceito a destruição das famílias. A defesa de Marx sobre as teorias de emancipação feminina foi deturpada pela burguesia da época que via seu poderio ameaçado. Marx citado por Saffioti (2011) persistiu com seus ideais, denunciando o modo familiar sustentado pelo modelo patriarcal, alegando que tal exemplo se distanciava do seu sentido natural. E em várias fases do socialismo iam-se agregando ideais, com a justificativa de tocar em pontos, ainda, considerados negligenciados.

Com o socialismo científico, a solução para o problema da mulher passa a ser buscada na destruição total do regime capitalista e na implantação subsequente da sociedade socialista. Em 1842, Marx expõe, em artigos da *Gazeta Renana*, suas primeiras ideias a respeito do casamento e da situação social da mulher. Ao fazer a crítica do projeto de lei prussiano sobre o divórcio [...], rejeita o ponto de vista hegeliano de que o casamento é indissolúvel. Ao casamento, enquanto conceito, Marx opõe o casamento enquanto fato social e, como tal, ele nada tem de indissolúvel, pois os fatos sociais se transformam, perecem, são substituídos por outro. Quando a associação conjugal de *fato* já se encontra dissolvida, o divórcio não é senão a ratificação jurídica da dissolução real do casamento (SAFFIOTI, 2011, P. 84).

De acordo com Saffioti (2011), Marx combatia, em seus argumentos, qualquer tipo de degradação da mulher e ao ser considerado como o promotor de ideias de

dissolução das famílias, ele reafirmava que seu posicionamento era contra a estrutura de família que, realmente,, existia na burguesia, “transgredindo as leis que regem o casamento, a família burguesa são, para ele, o tédio, o dinheiro e o adultério, a infração de sua forma jurídica não apresenta, de fato, nenhuma importância”. Na medida em que encara a família e a situação da mulher nela e na sociedade como itens de uma configuração histórica de vida, elas deixam de ser meramente relacionadas à propriedade para se ligarem ao modo de produção (MARX; ENGELS, 2001, p. 55).

Saffioti inicia seu livro “A mulher na sociedade de classes: mitos e verdades”, com um artigo publicado originalmente em 1967, constatando que: “Todo socialismo, quer na sua forma utópica, quer na sua expressão científica, tentou mostrar à mulher os caminhos de sua libertação” (2011, p. 82). Aos 100 anos em que essas ideias começaram a se reverberar, a emancipação da mulher ainda não se completou em sua plenitude, sobretudo, a emancipação das mulheres de classes sociais menos favorecidas. No entanto, os caminhos para essa libertação feminina na contemporaneidade, integram, também, as bandeiras da igualdade de gêneros nas relações sociais. Scott (1995, p. 75) afirma que o gênero, como elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, “é uma construção social e histórica que define a masculinidade e a feminilidade e os padrões de comportamento, aceitáveis ou não, tanto para homens quanto para mulheres”. Ainda no pensamento dessa definição, Scott é contundente no aspecto em que trata a questão de gênero no sentido de que o termo não se refere a um ou outro sexo ou sobre feminismo, distinguindo o sentido literal do conceito, assim se referindo

Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior (SCOTT, 1995, p. 75).

No Brasil, mulheres, sobretudo as das classes trabalhadoras, operárias, rurais, ainda, se confrontam com condições de vulnerabilidade ante as heranças de uma sociedade patriarcal da época da Revolução Industrial que alijava as mulheres

com o discurso de que a sua única função era cuidar da família. E por família, entendia-se que seu universo de trabalho era o lar. Atualmente, a mulher trabalhadora, assim o é também por necessidade. Pois seus salários são importantes e, em muitos casos, são a principal fonte da composição de renda das famílias.

Pode-se dizer que muita coisa mudou em relação à posição da mulher na sociedade, quando comparada ao período da Revolução Industrial e do nascimento das ideias socialistas. As conquistas são inegáveis. As transformações aconteceram, os perfis de família mudaram e as leis que regem os homens também regem os direitos das mulheres. No entanto, nas entrelinhas das leis e nas brechas deixadas pela sociedade, a mulher, ainda, tem que lutar contra a divisão sexual das tarefas, do trabalho.

No Vale do São Francisco, importante polo frutícola do país, com destaque para os cultivos da uva e da manga que conferem à região a posição de maior exportador desses produtos na balança comercial nacional, tendo a agricultura como o crescente vetor do trabalho e do emprego, é comum o uso da expressão de que o trabalho da uva é feminino, e o da manga é masculino, como uma clara e ideológica afirmação de divisão sexual do trabalho.

As demais funções ocupadas pelos homens são atribuídas à força. E a força, entende-se como o discurso do “poder”. Oliveira (1998, p. 87) descreve que, sob a alegação da habilidade com as mãos, as mulheres têm prioridade na contratação para a execução das tarefas de ralear, desbastar, pentear, tirar gavinha, colher e embalar uva, embora homens também as realizem. “Trata-se de um trabalho artesanal de ‘designer’, que requer sensibilidade e decisão”<sup>10</sup>.

A formação do polo frutícola do Submédio São Francisco já foi estruturada com modernos equipamentos para promover a irrigação nas terras do Semiárido. Junto a isso, chegaram as mais atuais tecnologias do mundo para os manejos e cultivos de toda a cadeia produtiva da fruticultura. E isso influenciou diretamente na

---

<sup>10</sup> **Id.**

empregabilidade com exigências de qualificações etc. Ao tempo que o cultivo agregava mais tecnologia para atender às demandas mercadológicas, as frentes de trabalho foram drasticamente diminuindo. Isso porque houve a redução no número de contratações por hectare ao tempo em que a região ampliava suas áreas de cultivo, com menos trabalhadores contratados.

Com o incremento de novas tecnologias, atualmente, as contratações resultam em dois empregos diretos e três empregos indiretos gerados pela cultura da uva por ano. Esse aspecto demonstra uma complexa relação: quanto mais tecnologia, menos postos de trabalho. No entanto, esse cálculo reflete de forma contundente na empregabilidade das mulheres, que são maioria na atividade<sup>11</sup>. Desse modo, podemos inferir que quanto mais automação e mecanização na agricultura, menos postos de trabalho. As vagas remanescentes já são ideologicamente atribuídas aos homens, pelo argumento da força e da divisão sexista.

O discurso da pujança e do desenvolvimento da região, que mostra o agronegócio como a alternativa para a empregabilidade, não contempla as alternativas da recolocação dessas mulheres no mercado, à medida que a mecanização ou manejos químicos diminuam as contratações, frente a reduções de custos de produção. Não se trata, aqui, de militância contra as tecnologias e sim de uma militância pelas respostas sobre o que se tem planejado para a permanência ou recolocação dessas mulheres no mercado de trabalho, uma vez que a promessa de contrapartida do empenho do Estado em empreender o agronegócio na região foi a do emprego e renda para a população.

Mesmo com as frentes de empregos que o agronegócio movimenta, a região possui baixo índice de população ocupada, uma média entre os cinco municípios é de 13,06%. Petrolina é o município com maior taxa de ocupação, com 21,3%,

---

<sup>11</sup>Pela falta de registros sobre a atividade nesse setor, faremos uso da estimativa dada pelas entidades de classe patronais e que representam os trabalhadores e trabalhadoras rurais na região e empresas do setor (fazendas), que as mulheres ocupam 70% dos postos de trabalho na viticultura. Os Censos frutícolas e Demográficos também não dispõem de informações tão detalhadas que dão conta da ocupação do setor da fruticultura irrigada.

seguida de Juazeiro, com 16,4% da população ocupada. E o município que possui a menor taxa de ocupação é Santa Maria da Boa Vista, com 5,9% (IBGE, 2015). Os percentuais da população com rendimento nominal mensal *per capita* de até ½ salário mínimo também são elevados. A média da região é de 46,32% (IBGE, 2010), conforme podemos verificar na Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1:** População com renda *per capita* de até ½ salário mínimo e população ocupada

ESTADO	MUNICÍPIO	PERCENTUAL DA POPULAÇÃO COM RENDIMENTO NOMINAL MENSAL <i>PER CAPITA</i> DE ATÉ 1/2 SALÁRIO MÍNIMO [2010]	POPULAÇÃO OCUPADA [2015]
PERNAMBUCO	Lagoa Grande	47,7%	11,6%
	Petrolina	39,8%	21,3%
	Santa Maria da Boa Vista	53%	5,9%
BAHIA	Casa Nova	49,4%	10,1%
	Juazeiro	41,7%	16,4%
<b>MÉDIA DOS 5 MUNICÍPIOS</b>		<b>46,32</b>	<b>13,06%</b>

**Fonte:** Produzida pela autora com dados do IBGE (2010; 2015)

A produção das frutas tipo exportação dessa região do Semiárido atende às demandas do comércio internacional globalizado. E para seguir os padrões estabelecidos pelos mercados, as empresas produtoras de frutas (fazendas) estão em constante adaptação, visando atender aos diversificados protocolos de produção, bem como às suas atualizações. No entanto, esse fator muda a dinâmica da agricultura.

De acordo com Cavalcanti e Silva (1998? p. 283), alguns mercados como o dos Estados Unidos, por exemplo, um dos destinos do escoamento da produção, “estão exigindo a redução dos toques manuais nas frutas e estimulando o uso de aparelhos mais sofisticados para controle eletrônico da qualidade dos produtos”. Produzir com essa exigência resulta, conseqüentemente, na redução do trabalho humano. No entanto, essa redução nos toques por meio de máquinas só é possível

no momento da embalagem e já existem no mercado máquinas para minimizar a manipulação dos cachos de uvas na *packinghouse*.

No campo de produção, no trabalho com a planta, ainda não tem como usar máquinas para diminuir esse toque. Com isso, há uma adequação do mercado que vem substituindo variedades que não precisam de muito contato manual e tesouras. Como substituto dessas práticas, é utilizado manejo químico para diminuir o contato. Diante desse processo, há uma emergente demanda no setor de ampliar a discussão sobre essa divisão do trabalho por sexo fraco e sexo forte.

A revolução industrial começou pela agricultura e o setor passa por constantes transformações em termos de tecnologia para garantir mais eficiência. No entanto, reproduzir o discurso de que o trabalho da uva é feminino por conta da delicadeza é ratificar a estratégia do discurso de que operar máquinas é trabalho para homens que têm a força. Nesse contexto, entende-se força como define Certeau (1998), como o lugar do poder.

Com isso, o desenvolvimento da cadeia produtiva da viticultura se torna cada vez mais tecnificado e visa diminuir os custos de produção com redução de mão de obra. Assim, máquinas estão substituindo pessoas, encolhendo as frentes de trabalho. O modelo ideológico, como podemos assim considerar, de contratação feminina para esse cultivo, demonstra a vulnerabilidade com que as mulheres estão submetidas frente às exigências dos protocolos de produção de alimentos para exportação.

Ao diminuir o trabalho manual na fase do raleio e embalagem, considerado feminino, sobrarão, ainda, as frentes de trabalhos para as automações e mecanizações. Essas vagas, hoje, já estão, dentro da divisão sexual do trabalho, atribuídas aos homens, pela força (poder). E para onde vão as mulheres? Como dissemos antes, enquanto houver a divisão sexual do trabalho, as mulheres, sobretudo, as das classes menos favorecidas, serão as mais afetadas. Apesar de os movimentos por igualdade de direitos não serem uma bandeira recente, a mulher vive uma constante luta pela sua emancipação no trabalho. É uma verdadeira “guerra dos sexos”.

### 3.3 QUAL O LUGAR DO TRABALHO FEMININO NA FRUTICULTURA IRRIGADA DO VALE DO SÃO FRANCISCO?

Tratamos aqui sobre a trabalhadora rural no tocante à perspectiva de gênero, com o uso na terminologia assinalado pela historiadora estadunidense Joan Scott e abordando gênero como categoria de análise (SCOTT, 1995), assim como assinala a autora. Apesar de falar de trabalho, da mulher no mercado de trabalho, mais especificamente sobre a divisão sexual do trabalho, pela profundidade que o termo requer, abordamos essa temática em outra perspectiva.

Adiantamos que essa junção ou divisão dos referenciais nesta pesquisa não foram assim empregados de forma aleatória nem despreziosa. Os referenciais teóricos analíticos dialogam entre si, circulam e se complementam numa construção de interdependência diante do objeto de estudo desta pesquisa. No polo da fruticultura irrigada do Submédio São Francisco, o trabalho feminino tem um espaço determinado, dito de uma forma mais geral, pela delicadeza, assim como o trabalho masculino se afirma e reafirma pela hegemonia e pela força. Por esse motivo, tratar, nesta pesquisa, sobre o papel da trabalhadora não poderia, de forma alguma, estar dissociado da perspectiva das relações de gênero, como assinala Scott, ratificando que, quando tratamos de gênero, estamos falando de mulheres e também de homens, pois

‘Gênero’ como substituto de ‘mulheres’ é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 1995, p. 75).

Percebe-se que a autora introduz o conceito de gênero a partir de uma discussão sobre os aspectos gramatical e linguísticos que envolvem o termo. Toda essa problemática é para que a terminologia não caia em reducionismos. Quando a

Scott afirma que o uso do termo gênero “rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas” (1995, p. 75), entendemos como credencial para inferir que, na fruticultura irrigada no Submédio São Francisco, existe uma disparidade em relação à divisão (ou separação) de tarefas entre os homens e as mulheres, que carece de análise.

Somente enquanto categoria, como assinala Scott (1995) é que as análises sobre gênero podem indicar os caminhos para as respostas de como ele funciona nas relações sociais humanas e como dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico. “O gênero parece integrar-se à terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo” (p. 75).

Ainda de acordo com a historiadora, não se trata de ser partidário à designação sobre “desigualdade ou o poder”, nem mesmo apontar quem foi “lesado”. O que se pretende é, dentro de um contexto político, afirmar que “gênero inclui as mulheres sem as nomear”<sup>12</sup>.

No cotidiano de uma fazenda de uva desta região, não é comum ver mulheres fazendo capinas, construindo latadas (que são as estruturas feitas de mourões de árvores e arames para sustentar os parreirais). Percebe-se que essa divisão sexual do trabalho na viticultura, especificamente na região do Submédio São Francisco, já faz parte das divisões pré-construídas desses trabalhadores.

Não há relatos ou registros por procura em uma demanda contrária a essa que já se estabelece de forma ideológica sobre a ocupação da mulher em determinadas frentes de trabalho da viticultura. Quando há recrutamentos nessas empresas/fazendas de uva, para contratação de trabalhadores rurais, naturalmente, esses se inscrevem nas atividades que se atribuem, simbólica e ideologicamente, de forma distinta aos homens e às mulheres.

---

<sup>12</sup> **Loc.cit.**

Por essa razão, “há no Vale do São Francisco a representação de que trabalho com uva é feminino e trabalho com manga é masculino” (CAVALCANTI; ANDRADE; RODRIGUES, 2012). No entanto, não é só a uva que se configura como frentes de trabalho ocupadas, em sua maioria, por mulheres. O desenvolvimento da cadeia produtiva da fruticultura no Submédio São Francisco utiliza o trabalho feminino como mão de obra. O que não é comum é ver a predominância de mulheres em ocupações das atividades como plantio e irrigação, por exemplo.

Em outros cultivos, que não a viticultura, são rotineiras as contratações de mulheres nas etapas das colheitas, que são manuais, por exemplo. Quando há mecanização, naturalmente, essa vaga é ocupada por homens. Apesar de notarmos a divisão do trabalho na fruticultura do Vale do Submédio São Francisco por paridade e gênero, essa dinâmica da ocupação e predominância da mulher em frentes de trabalhos rurais também reconfigura a noção de a trabalhadora rural, sendo mulher, não se ocupar apenas com os afazeres do lar.

Pela condição econômica e social a que estão submetidas, estão sujeitas a jornada dupla ou, até mesmo, tripla de trabalho. O cotidiano doméstico a impõe a fazer a comida, lavar, passar, como uma preparação para o cotidiano de trabalho. Ao final das jornadas, essa rotina cotidiana se refaz como um processo cíclico. Essa é uma das situações de vida dessas trabalhadoras.

De acordo com Cambruzzi (2014), a realidade rural, assim como a urbana, (re) produz um processo de divisão do trabalho que reflete diretamente no contexto das famílias. “O que é trabalho de homem e seus espaços sociais diverge do que é trabalho de mulher, bem como seus limites de atuação” (p. 166). A autora ratifica que as relações de classe são sexuadas, assim como as relações de gênero são perpassadas por pontos de vista de classes.

Nessa mesma linha de pensamento, Heleieth Saffioti (2011) se coloca, ressaltando que a mulher foi o primeiro ser humano a sofrer escravidão; é como se essa condição estivesse arraigada nos pré-construídos feminino. Assim, a autora se coloca dizendo que, antes mesmo, de esse tipo de escravidão existir, como fundamento de um modo de produção, a mulher já carregava o pesado fardo da

tradição de subalternidade e que o passado se enraizou de tal modo em seu ser que suas condições de vida lhe parecem normais. Desse modo, a mulher agregou para o seu cotidiano a autoria de multitarefas, adquirindo múltiplas jornadas de trabalho. “Se é difícil tornar o trabalhador consciente do mecanismo pelo qual se opera a ordem social competitiva, muito mais difícil será conscientizar na mulher sua determinação potenciada” ((SAFFIOTI, 2011, p. 94).

No entanto, Saffioti traz à tona o fato de existir uma “semiconcorrência entre os sexos” na classe trabalhadora. “A mulher proletária e dos estratos médios da sociedade disputa com os homens de sua mesma posição social os postos que lhe possam garantir o sustento”, no dizer de Saffioti (2011, p. 94). Essa configuração pode ser vista pela questão histórica em que, nas atividades rurais da propriedade agrícola familiar, as funções de cada sexo eram tradicionalmente instituídas, não havendo anseios pela competição.

Na fruticultura do Submédio São Francisco, mais especificamente na viticultura, se colocarmos que a posição da mulher disputa o mercado de trabalho com os homens, podemos observar que, nesse processo, já há grandes avanços, mas não podemos inferir, ainda, que foram vitoriosas.

Essa caminhada, ainda, não está no final e, também, trata-se de uma problemática que não se esgota. Vivemos uma constante revolução industrial até os tempos de hoje que não só recruta mulheres, mas também onde o trabalho humano dá lugar às máquinas.

Sem ir muito longe, trazendo o exemplo do Nordeste brasileiro, é fato que existem cultivos, como é o da monocultura da soja, da cana e do milho, por exemplo, de serem totalmente mecanizados, desde o preparo da terra, o plantio e a colheita. A presença humana está na operação dos equipamentos e máquinas. No entanto, no cenário do Vale do São Francisco, a demanda de trabalho ocupada por mulheres, tratando-se especificamente da viticultura, pode também ser desenvolvida por homens. E as tarefas da força, que, ideologicamente, são apropriadas ao sexo masculino, historicamente não se veem sendo desempenhadas por mulheres.

Então, tratando-se dessa questão, assim como define Saffioti (2011) como “concorrência”, ou até mesmo chamando de luta das mulheres pelo seu espaço nesse mercado de trabalho, esses percursos não se veem esgotados porque a concorrência deriva do homem, pela conotação atribuída da força, e da mecanização, e a mulher também não se empoderou porque foi silenciada pela força do capital.

Marx, citado por Saffioti (2012), trata essa problemática, dizendo que a verdadeira libertação da mulher só se efetivará por meio de um processo geral de humanização de todo gênero humano. Isso reflete que não só os homens ou só as mulheres que protagonizarão essa mudança, é a libertação classista. Nesse sentido

o domínio masculino sobre as mulheres, não diretamente vinculado à estrutura econômica da sociedade, acaba por servir aos interesses daqueles que detêm o poder econômico. Os homens da classe dominada funcionam, pois, como mediadores no processo de marginalização das mulheres de sua mesma classe da estrutura ocupacional, facilitando a realização dos interesses daqueles que a estrutura de determinação genérica sexo opera como uma cunha no processo de formação da consciência histórica dos homens e das mulheres na medida em que sofram ambos os efeitos da mística feminina. (SAFFIOTI, 2011, p. 89)

Sobre essa marginalização das mulheres mediada por homens de sua mesma classe da estrutura ocupacional, é de fato atual e contextualizada com a realidade da trabalhadora rural do Vale do São Francisco. E esse assujeitamento é imposto por essa divisão classista e, então, cultural das divisões ou, melhor colocando, das separações dos trabalhos domésticos, assim como, também, os trabalhos profissionais serem determinados pelo sexo.

No entanto, Saffioti (1992) retoma essa discussão, afirmando que seria ilusório imaginar que fosse suficiente para a libertação da mulher de todos os preconceitos que a discriminam socialmente apenas a sua emancipação econômica. Pois, no caso da viticultura, estamos diante de uma realidade de mulheres que trabalham, que são assalariadas e regidas pelas leis trabalhistas consolidadas pelo país e, em alguns casos, regidas também por adequações das situações trabalhistas internacionais para que assegurem que seu trabalho seja remunerado dentro da

legislação vigente e, que, no entanto, isso não foi e não é, ainda suficiente para que essa tão pretensa liberdade seja alcançada e as mulheres veem seus direitos constantemente serem usurpados.

Saffioti remonta que a realização histórica de sociedades de economia coletiva tem mostrado que, embora a emancipação econômica da mulher seja condição *sine qua non* de sua total libertação, não constitui, em si mesma, essa libertação integral, como assim sublinha

Obviamente, a socialização dos meios de produção e a elaboração da legislação que não discrimine os sexos, quer na família, quer nas situações de trabalho, quer na política, quer ainda no setor cultural da vida, como se fez na URSS e na China, são fatores imprescindíveis a elevação social da mulher. A par disso, contudo, é preciso que a sociedade se empenhe na eliminação de uma mentalidade habituada a promover a inferiorização de fato da mulher (SAFFIOTI, 2011, p. 92).

Apesar de o trabalho feminino na fruticultura do Vale se configurar em uma demanda percentual de mão de obra superior às das ocupações masculinas, esse desenho atual é carregado de heranças históricas. No entanto, pode-se observar o empoderamento dessas mulheres que se afirmaram dentro de uma atividade da fruticultura, conquistando espaços que também poderiam ser ocupados por homens.

Nesse contexto, a complexa tarefa de superar essas disparidades, como disse Saffioti (1987) “não é trabalho de uma geração, mas de várias e, em parte, resulta da homogeneização do grau de desenvolvimento econômico e sociocultural já atingido nos grandes centros urbanos” (p. 93). Essa constante busca que, ainda, se configura na trajetória de vida de mulheres, ainda, tem muitos desafios a superar, pois

na medida em que um concreto histórico se explica pelo desvelamento de suas determinações essenciais, há que se buscar no modo de produção (no sentido que lhe emprestou Marx) da existência social dos indivíduos a explicação da situação da mulher na sociedade de classes. (SAFFIOTI, 2011, p. 94)

Assim, a persistência da mulher que, ao tentar se libertar no sentido de ter sua independência, agregou para si mais jornadas de trabalhos e, conseqüentemente, mais tarefas e, nessa constante busca de afirmação no mercado de trabalho, conciliando com a jornada de trabalhos domésticos, dá-lhe o status de provedora da família, mas, contudo, não reconhecido.

## **4 CONHECENDO O SEMIÁRIDO BRASILEIRO E A VITICULTURA DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO: REFLEXÕES TEÓRICA E PRÁTICA**

Este capítulo apresenta um breve histórico sobre o Semiárido Brasileiro, relacionando-o com os semiáridos do mundo; apresenta a viticultura no Semiárido Brasileiro, contextualizando-a com a trajetória de transformação da região diante da chegada da irrigação e a afirmação do polo frutícola da região polo Juazeiro-BA/Petrolina-PE, diante dos mercados nacional e internacional. Para tanto, foram utilizados como referências os estudos dos vanguardistas desse questionável desenvolvimento: Barros (1992; 2007), Bloch (1996), Silva (1981; 1989).

Em relação à empregabilidade, o capítulo trata especificamente das ocupações nesse mercado pelas mulheres, ou seja, aborda as questões da ocupação feminina no mercado de trabalho rural com base nas pesquisas de Cavalcanti (1997; 2012; 2016), Oliveira (1998) e Silva (2001; 2009; 2010).

### **4.1 O SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UM BREVE HISTÓRICO**

Um dado considerável e pouco conhecido da maioria das pessoas é o de que a metade dos países do mundo possui ambientes secos, sendo grandes e pequenas extensões de terras. De acordo com Queiroz (2015), um aspecto comum a todos os ambientes secos é a aridez, que é expressa por meio de um índice obtido pela divisão da precipitação, pela evapotranspiração potencial.

Essas terras secas são divididas em quatro zonas bioclimáticas conhecidas como hiperáridas; áridas; semiáridas e subúmidas que abrigam, aproximadamente, 40% da população do mundo. Cerca de 75% dessas pessoas estão nas zonas semiáridas (QUEIROZ, 2015). As regiões semiáridas no mundo estão localizadas nas Américas, na Oceania, na Ásia e na África. Na América do Sul, existe zona semiárida na Venezuela, na Colômbia, na Argentina, no Chile, no Equador e no Brasil.

O Semiárido Brasileiro está localizado na região Nordeste e Sudeste do país e ocupa 11,53% da dimensão territorial, segundo dados do Instituto Nacional do Semiárido (INSA, 2015). O espaço geográfico ocupa uma extensão de 980.133,079 km e estende-se por oito Estados da região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), que apresenta 56,46% de seu território na porção Semiárida, e mais o Norte de Minas Gerais, com 11,09% da dimensão territorial do Sudeste Semiárido.

Ainda de acordo com dados do INSA (2015), no que diz respeito à extensão territorial dos Estados, os números revelam que 92,97% do território do Rio Grande do Norte está na porção Semiárida, Pernambuco 87,60%, Ceará 86,74%, Paraíba 86,20%, Bahia 69,31%, Piauí 59,41%, Sergipe 50,67%, Alagoas 45,28% e Minas Gerais 17,49%.

Em todas as terras secas, dependendo da zona climática, as populações fazem uso das terras com a finalidade da produção, praticando agricultura e/ ou pecuária, uma vez que o fato de uma extensão territorial possuir terras secas não significa não ter água. Assim como destaca Queiroz (2015), o grande problema que ocorre é uma distribuição desuniforme dessa água.

Com uma distribuição de água adequada, apesar dos baixos índices pluviométricos das regiões onde estão localizadas as terras secas, é possível o desenvolvimento de atividade com uso de irrigação. Essa prática está presente em todos os continentes, sendo que, na Ásia, de acordo com dados da FAO citados pelo INSA (2015), existe a maior extensão de áreas irrigadas do mundo, considerando que esse uso integrado da água é para o consumo humano, animal e a irrigação com forte rede de distribuição de canais.

Vale destacar que, depois da Ásia, é na América do Norte que se encontram extensas áreas irrigadas, nos estados do Arizona, Califórnia, Texas e Novo México. Um dado relevante é que, nos Estados Unidos, uma grande parte desse total de irrigação ocorre nos desertos. No continente africano, os países que apresentam agricultura irrigada expressiva são: África do Sul, Egito, Sudão, Madagascar,

Marrocos e Sudão. Já na América do Sul, destacam-se o Brasil, o Chile, a Argentina e o Peru.

Aproximando esse contexto para a realidade brasileira, a irrigação não ocorre só nas terras consideradas secas. Essa prática está presente em diversas regiões do país. Na região semiárida do Nordeste brasileiro, a irrigação se dá em pouco menos de 500 mil hectares. Esse é um dado considerado muito pequeno em relação a outras áreas com maior aridez no mundo. O Rio Grande do Sul, por exemplo, irriga mais de um milhão de hectares com a cultura do arroz.

Apesar de os territórios semiáridos não serem exclusividade brasileiro, o bioma característico do Semiárido do Brasil é único no mundo: A caatinga. “O bioma caatinga é uma vegetação peculiar. Exclusivamente brasileiro, esse bioma ocupa uma área de 734.478 Km<sup>2</sup>, conferindo um patrimônio biológico, que não é encontrado em nenhum outro lugar do mundo, nem em outras regiões semiáridas”. (CARVALHO, 2012, p. 80).

Carvalho (2012) ressalta que uma cadeia de fatos paleogeográficos e paleoecológicos desencadeou a dinâmica ambiental, formando os biomas Caatinga e de Cerrado. De acordo com Carvalho (2012, p.78), “Estes são, portanto, resultantes da mudança climática de tropical úmido para mais seco e puderam se desenvolver neles esquemas de convivência local ou regional de plantas e animais adaptados às novas condições climáticas”. Daí, pode-se inferir que essa adaptação formou um dos biomas mais ricos do mundo. É nesse espaço onde estão instaladas as empresas produtoras de vinhos

#### 4.2 A FRUTICULTURA NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO E O SURGIMENTO DA VITICULTURA

As condições climáticas e disponibilidade hídrica foram elementos relevantes para a viabilidade da agricultura no Vale do São Francisco, no Semiárido nordestino. Essa agricultura, com ênfase na fruticultura, tem as culturas da manga e da uva como seus principais produtos (CODEVASF, 2016; SILVA; COELHO, 2010; SNA,

2016). A produção da uva, em que alguns aspectos interessam a esta pesquisa, começou a ser desenvolvida na região de forma comercial na década de 1980 (SILVA; CORREIA; SOARES, 2009, p. 21).

Com isso, a região passa da atividade agrosilvopastoril a importante produtora de frutas tropicais irrigadas do país. E, assim, foi se desenhando a trajetória econômica do Submédio São Francisco. Essa trajetória está ligada à importância que o rio São Francisco tem para a região, pois suas águas são utilizadas na irrigação de mais de 110 mil hectares de terras, segundo dados da Sociedade Nacional do Agronegócio - SNA (2016), utilizadas na produção de frutas com destino ao mercado nacional e internacional.

O marco dos investimentos para início da agricultura irrigada de forma tecnificada na região foi em 1946, quando os Constituintes da época determinaram a execução de um plano de aproveitamento das possibilidades econômicas da bacia hidrográfica, por meio do Ato das Disposições Transitórias, para ser efetivado em vinte anos. E, em 1948, foi criada a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF) para executar as metas estabelecidas para tal aproveitamento. E, vinte anos depois, foi criada a Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale), como sucessora, para promover o desenvolvimento da região, utilizando os recursos hídricos com ênfase na irrigação (CODEVASF, 2017).

Ao tempo em que o Governo brasileiro investia na modernização da produção, o que mais tarde criou fronteiras agrícolas no país, esse movimento da produção empresarial não era iniciativa isolada no Brasil. Abramovay (1992) apud Barros (2007, p 87) descreve que essas iniciativas “se desenvolveram como parte do projeto de modernização massiva, iniciado nas décadas de 1960 e 1970 em quase todo o mundo. O Estado desempenhou um papel decisivo nesse processo”.

A partir de 1974, começam as implantações dos primeiros Perímetros Públicos de Irrigação no Vale do São Francisco, pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), sucessora da Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale), criada com o objetivo de

promover o desenvolvimento da região, utilizando os recursos hídricos com ênfase na irrigação (CODEVASF, 2017).

Mas foi na década de 1980 (SILVA; CORREIA; SOARES, 2009, p. 21) que a produção começou a dar passos mais largos, mais especificamente, no caso da vitivinicultura<sup>13</sup>. Esse crescimento foi mais acentuado em 1985 e, de acordo com o IBGE (1985), a região já despontava com 705 hectares de videiras em produção, tendo os municípios pernambucanos de Santa Maria da Boa Vista, liderando em área plantada com 286 hectares; seguido de Floresta, com 180 hectares; depois vem Petrolina, com 81 hectares; e por último, Petrolândia com uma pequena área de plantio correspondente a apenas 8 hectares. E na Bahia, apenas o município de Juazeiro despontava na viticultura<sup>14</sup>, com 150 hectares (IBGE, 1985a).

De acordo com Didier Bloch (1996), a primeira grande expansão do setor frutícola na região ocorreu entre 1987 e 1992. “A produção de frutas passou de oito mil para 55 mil toneladas e as exportações saltaram de 600 toneladas, para 28 mil toneladas (p. 35). O grande *boom* do mercado, ainda de acordo com Bloch, naquele período e que permanece até as exportações atuais, é que “a região se insere nesse mercado em épocas economicamente mais favoráveis, quando não há concorrência no mercado, na entressafra dos países concorrentes, em que estão compreendidos os meses de abril a junho e outubro a dezembro” (p. 35).

No período de 1991 a 1997, a área cultivada com videira passou de 1.935 hectares para 4.368 hectares. A produção, nesse mesmo período, passou de 37,2 mil toneladas para 114,2 mil toneladas da fruta (SILVA; CORREIA; SOARES, 2009, p 28). Daí, grandes empresas se instalaram na região; conseqüentemente a produção foi progressivamente aumentando.

No ano 2000, a vitivinicultura começa a se configurar de outra maneira no Vale do São Francisco. Já não fazia mais parte do cenário os municípios de Floresta e Petrolândia (PE), esta última com uma tímida inserção no setor em 1985, e

---

<sup>13</sup> A utilização do termo refere-se a produção de uvas de mesa e viníferas. No entanto, os dados disponibilizados pelo IBGE não dividem as produções de uvas de mesa e viníferas. Contudo, essa pesquisa está levando em consideração o plantio de videiras.

<sup>14</sup> Utilizado para a referência apenas de uva de mesa.

passam a integrar-se à região vitícola, os municípios de Lagoa Grande, em Pernambuco, e Casa Nova, Curaçá, Sento Sé e Sobradinho, na Bahia. Desse modo, a viticultura passa a responder por 4.782 hectares, produzindo pouco mais de 148 mil (IBGE, 2000).

Em 2004, a viticultura já assume uma nova dinâmica e os municípios de Sento Sé e Sobradinho não compõem mais o setor. Ainda assim, a pauta da expansão de áreas continua forte no Vale do São Francisco e a área destinada ao plantio já alcançava perto de 7.500 hectares, com uma produção de 225 mil toneladas (IBGE, 2004-2016).

Até o ano de 2008, houve um crescimento considerável no setor, chegando a quase 10.500 hectares (IBGE, 2004-2016). Depois desse período, houve uma retração em áreas plantadas e o município de Curaçá também deixa de ter uma participação significativa no setor vitícola.

Dado o valor mercadológico da produção de manga e de uva na região, em 2009, foi-lhe concedido o certificado da Indicação de Procedência (IP)<sup>15</sup>. De acordo com Lima (2009?), trata-se da primeira IP para frutas da região Nordeste do Brasil, em que une dois produtos em conjunto e que delimita espaço territorial pertencente a dois estados da federação.

Desse modo, de acordo com os últimos dados disponibilizados pelo IBGE sobre a Produção Agrícola Municipal, no quesito sobre as lavouras permanentes, em 2015, a viticultura ocupava 9.015 hectares de área plantada, com uma produção da ordem 300 mil toneladas. E os municípios que formam o polo da vitivinicultura do Vale do São Francisco são: Petrolina, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco; e Juazeiro e Casa Nova, na Bahia. Nesse cenário atual, Petrolina lidera respondendo pela maior área plantada, com 4.642 hectares em produção.

---

<sup>15</sup>Para Lima [2009?], a legislação brasileira designa duas modalidades de Indicação Geográfica (IG): a Indicação de Procedência (IP) e a Denominação de origem (DO). A primeira corresponde ao nome geográfico (país, cidade, região localidade) que é reconhecido pelo produto ou serviço. A DO, por sua vez, é concedida somente quando as características do produto ou serviço são decorrentes, exclusivamente, do meio geográfico, incluindo a ação antrópica e cultura local, não podendo ser reproduzidos em outra condição.

Desde os anos 2000, que a viticultura<sup>16</sup> é o carro chefe da produção do Vale do São Francisco e, junto com a manga, eleva a região a um dos principais produtores de fruta do país em volume de produção, liderando as exportações desse setor. Observa-se que, desde os anos 2000, a região mantém os mesmos índices de exportação da uva e da manga, por exemplo, em mais de 90% das frutas que o país exporta. Isso ocorre, de acordo com Lima (2013, p. 5), porque a região ocupa uma janela do mercado internacional sem concorrência com outros países. Assim, a viticultura do Vale do São Francisco concentra essa produção para a exportação.

Em 2015, a região foi responsável por aproximadamente 99,78% do valor bruto de produção total das exportações de uva que o país realizou (CODEVASF, 2016). Silva e Coelho (2010) também destacam que, com a emergente cultura da uva na região, questões relacionadas à produção e a adoção às normas e convenções relativas à qualidade são determinantes para alcançar um lugar privilegiado nesse mercado que, conforme os pesquisadores

Prevalecerão como fatores diferenciais na concorrência, o controle e a certificação dos processos produtivos. São estas exigências que passarão a arbitrar a inclusão ou exclusão dos produtores de uvas finas de mesa desta região. Nesse contexto, também emerge um contingente de pequenos e médios viticultores profissionalizados que, além de cumprirem uma função social importante, passaram a cumprir um papel no abastecimento do mercado doméstico e a buscar um espaço no mercado externo (SILVA; COELHO, 2010, s/p).

No entanto, esse crescimento no Vale já era previsível, tendo em vista que, conforme antecipou o economista José Graziano da Silva, no Semiárido, a irrigação constitui uma forma de viabilizar uma agricultura diversificada e de alta produtividade (1988, p. 34).

Os investimentos em irrigação na região para viabilidade da agricultura ocorreram na mesma época em que acontecia a “industrialização da agricultura” pelo desenvolvimento do capitalismo no campo (SILVA, 1981, p. 45). Em outro

---

<sup>16</sup> Quando utilizamos o termo “viticultura”, estamos nos referindo a produção de uvas de mesa para consumo *in natura*. Do mesmo modo, o termo “vinicultura” refere-se a produção de uvas de vinho.

momento, Silva também trata da modernização da agricultura brasileira, ratificando que o ritmo com que ela evoluiu dependeu muito mais de fatores externos, tais como

[...] a existência de indústrias produtoras de insumos e máquina agrícolas; de uma agroindústria processadora que passou a exigir determinados padrões de oferta (os quais, por sua vez, implicavam mudanças nos métodos de produção); de condições de mercados favoráveis para a valorização do capital no campo; da intervenção do Estado, através de políticas comerciais, tecnológicas, de crédito, da concorrência de outros produtos, produtores e países, etc. (SILVA, 1988a, p. 6).

O pesquisador reconhece os avanços e benefícios gerados pela expansão da agricultura para o país e para o Nordeste, com a irrigação privada e a pública, mas não deixa de verificar a emergência de se fazer uma melhor avaliação dos custos e benefícios das duas formas de irrigação no Semiárido nordestino, exigindo a “elaboração de pesquisas voltadas especificamente para esse fim, procurando qualificar de forma precisa os objetivos pretendidos e quantificar, na medida do possível, os impactos e os custos sociais envolvidos” (SILVA, 1988, p. 111). Ainda de acordo com Silva

A irrigação, do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas, é apenas uma pré-condição para a implantação de uma agricultura moderna na região semiárida do Nordeste. Não garante, porém, que os seus resultados sejam socialmente distribuídos de um modo mais justo (1988, p. 128).

A então modernização da agricultura foi pautada em um elevado custo social. Silva denuncia que a ampliação do mercado interno para a industrialização brasileira se fez, “como em todo o mundo capitalista, pela proletarização dos camponeses: através da sua expropriação como produtores independentes, convertendo-os em miseráveis ‘boias-frias’” (SILVA, 1981, p. 63). É essa condição que Barros (2007) vai dizer que os “pequenos produtores”, como assim eram reconhecidos no Vale, sofreram um processo de desestruturação fundiária marcante, mudando seus modos de produção.

Com quase quatro décadas após a realização desse diagnóstico, que Silva (1981) chamou de “modernização dolorosa”, inexistiu um plano eficiente que coloque a agricultura familiar na rede competitiva desse mercado. O quadro atual, ainda, é de expansão de áreas da grande agricultura tecnificada, com uso de mecanização, insumos e equipamentos automatizados que vai, em escala desvirtuosa, diminuindo os custos de produção, com redução de mão de obra.

Década a década, os custos sociais estão presentes nas cidades polo do desenvolvimento da agricultura, estilo de desenvolvimento que, de acordo com Barros (2007, p. 25), é questionável, uma vez que, em 23 anos, no período de 1970 a 1993, o Produto Interno Bruto (PIB) de Petrolina, em Pernambuco, por exemplo, dobrou, mas não reduziu a pobreza. “Esses dados são indicativos de crescimento econômico, mas sem distribuição de riqueza, pois a pobreza persiste como um fenômeno impactante na região” (BARROS, 2007, p. 25).

Durante todos esses anos, aproximando da então realidade do Submédio São Francisco, o perfil social não mudou. Pelo contrário, o aumento populacional, expansão de áreas cultivadas e retração no número de contratações no setor são fatores atuais na região. E esses efeitos nefastos são oriundos do financiamento dos grandes empreendimentos agrícolas e da ausência de alternativas para o desenvolvimento da pequena produção<sup>17</sup>.

Nesse sentido, a denúncia que Bloch (1996) fez ao modelo de desenvolvimento empreendido no Submédio São Francisco e denominou como uma região complexa em plena mutação, com custos sociais elevados, não revertendo as desigualdades, continua contextualizada com o destino legado a essa população pela “modernização dolorosa” (SILVA, 1981). Em 1970, a população das duas principais cidades do polo agrícola, Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), juntas, somavam aproximadamente 120 mil habitantes. “Com a promessa de trabalho da pujante ‘Califórnia’ brasileira, houve um grande fluxo migratório de pessoas, vindo das

---

<sup>17</sup>Pequenas áreas com baixas rendas, onde a família do produtor direto constitui a unidade básica de produção e consumo, e onde sua reprodução se realiza sob precárias condições. (SILVA, 1981a, p. 37).

idades circunvizinhas e também de outras regiões do país em busca de emprego e oportunidades” (BLOCH, 1996, p. 41).

Seguindo esse histórico de expansão do agronegócio e abertura de novas fronteiras agrícolas nessa região, da década de 1990 até 2016, os números e índices que estiveram em alta foram os volumes de produção, de exportação, ampliação de áreas agrícolas, enquanto que o percentual médio da população com rendimento nominal mensal *per capita* de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo dessa região<sup>18</sup> é de 46,32% (IBGE, 2010). É uma conta que não fecha.

Em 2016, o IBGE divulgou a estimativa da população dos municípios brasileiros. Petrolina-PE e Juazeiro-BA, que são os municípios polo da região do vale do São Francisco, tiveram suas populações estimadas em 337.683 mil e 220.253 mil habitantes, respectivamente e a população ocupada foi de 21,3% e 16,4% (IBGE, 2015). Assim se desenha o contraditório mapa de desigualdades de uma região que projeta sua imagem de contínuo crescimento com o advento da irrigação, mas, no entanto, em quase meio século de implantação desses empreendimentos, não se pode ainda dizer que essa riqueza gerada pela agricultura teve impacto positivo nas condições de vida e de trabalho das pessoas das classes sociais menos favorecidas, implicando, cada vez mais, as desigualdades sociais.

Contudo, falar sobre o desenvolvimento da fruticultura do Vale do São Francisco é também fórum para o registro da histórica conta da desigualdade social, denunciada por pesquisadores no início de sua concepção e que até a contemporaneidade, não se vê um plano eficiente que contemple a pequena agricultura com os mesmos incentivos reservados aos grandes empreendimentos. Nesse sentido,

Essa realidade construída se distancia das resoluções que verdadeiramente poderiam transformar a região, caso fossem concebidas a partir das condições climáticas, geográficas e culturais próprias do Semiárido. Considerado as potencialidades naturais e culturais do Semiárido e tendo as famílias como sujeitos dessa ação, as diversas formas de comunicação trabalhadas pelo IRPAA visam

---

<sup>18</sup> Aqui está sendo considerada a média percentual dos municípios de Petrolina, Lagoa Grande e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Juazeiro e Casa Nova, na Bahia.

também desconstruir este imaginário do Semiárido que é comumente reproduzido pela mídia convencional. (IRPAA, s/d, p. 46).

Existe outra possibilidade de desenvolvimento adequado à região, contrapondo-se ao agronegócio, à monocultura, à agricultura para exportação, como únicas alternativas para o Semiárido Brasileiro, a partir do paradigma da convivência com o Semiárido para superar a falácia do desenvolvimento da fruticultura do Vale, que não deixa de ser um falso desenvolvimento, um marketing ou “uma camuflagem semântica para a manutenção do objetivo do sistema: acumulação do capital através de crescimento econômico infinito” (SILVA, 2010, p. 36)<sup>19</sup>.

Silva (2010) aponta, ainda, de forma contundente, a ideologia que envolve a palavra “desenvolvimento”, denunciando que o termo nunca deixou de ser “crescimento econômico”, afirmando que é a única estratégia que o sistema capitalista tem para perseguir seu objetivo sem sentido de acumulação ilimitada. O autor questiona a aridez mental e a estereotipia do Semiárido e aposta na educação contextualizada para que a população dessa região se reaproprie do que lhe foi roubado desde a colonização: ou seja, sua verdadeira identidade de povo do semiárido.

#### **4.2.1 O emprego e o trabalho feminino na viticultura**

A demanda de promover o agronegócio da região veio aliada às promessas de desenvolvimento que contemplava as riquezas e a elas, atrelado, o emprego para a população. Desde a implantação dos perímetros de irrigação, a dinâmica é de crescimento das áreas de produção. Dentro do setor agrícola, a região se destaca pela fruticultura e, mais especificamente, pela produção de mangas e de uva.

A marcha do crescimento agrícola é também atrelada aos avanços das tecnologias para desenvolver toda a cadeia produtiva do setor. A viticultura tornou-

---

<sup>19</sup> José de Souza Silva é autor de *Aridez mental, problema maior – Contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semiárido Brasileiro*, obra que denuncia a aridez das mentes sobre a realidade do Semiárido Brasileiro (SAB), aponta os problemas e ideologias sobre o termo desenvolvimento e reafirma a institucionalização de uma educação contextualizada.

se uma cultura de destaque para a região e ocupou 99,78% do valor bruto de toda a pauta de exportação da uva de mesa realizada pelo Brasil (CODEVASF, 2016). Assim, a dinâmica da produção da cultura da uva segue protocolos e normas internacionais, para atender a seus mercados consumidores. As exigências de manejo, colheita, embalagem e pós-colheita podem variar de acordo com a especificações de cada cliente, em conformidade com as exigências da legislação de seus países de origem.

Com isso, o manejo da fruta é documentado com vistas a promover a rastreabilidade de todo o processo desse setor produtivo. De acordo com informações de empresas (fazendas) que produzem uva para exportação, a documentação é imprescindível para identificar, no caso, se houver qualquer problema fitossanitário ou de resíduos de produtos na fruta. Tanto as empresas que produzem, quanto as que compram podem identificar com precisão a área que foi produzida e saber se o manejo foi conduzido de acordo com o que estava previsto no protocolo.

Desse modo, os índices de exportação atestam que a região produz uvas dentro dos padrões de qualidade requerido por esse mercado consumidor. “A produção voltada para um mercado de uvas de qualidade passa a exigir, cada vez mais, a utilização de novas tecnologias, mão de obra qualificada e serviços especializados, tanto no processo produtivo, quanto nas atividades pós-colheita” (SILVA; COELHO, 2010).

No período da “primeira grande expansão do setor frutícola na região”, entre 1987 e 1992, assim denominada por Bloch (1996), a cultura da uva gerava cinco empregos diretos por hectare. Outras análises apontaram o cálculo de empregos gerados no setor vitícola na ordem de seis contratações diretas por hectare, no início do *boom* comercial, (CAVALCANTI; SILVA, 2012). Passadas mais de três décadas, houve um considerado aumento de áreas plantadas e de produtividade na viticultura na região. A composição do emprego na viticultura agora se configura em dois empregos diretos e três empregos indiretos por hectare. Em cerca de 30 anos, as áreas plantadas com videira passaram de 705 hectares (IBGE, 1985) para 9.015 hectares (IBGE, 2016). Devido, cada vez mais, ao processo de tecnificação, os

empregos não cresceram na mesma proporcionalidade; ao contrário, diminuíram, como demonstrado anteriormente.

Mesmo com todo o dinamismo da viticultura, os dados específicos sobre as contratações, tanto da fruticultura como um todo, como por setor agrícola, são imprecisos e, muitas vezes, distantes da realidade. Entidades de classe ligadas ao setor agrícola também reconhecem a importância de se ter atualizadas essas informações, mas admitem ainda não possuírem esse levantamento. Algumas empresas (fazendas) consultadas informaram uma média das contratações, mas justificando que não sabem precisar quantos funcionários são homens e quantos são mulheres, apesar de confirmar que a média da contratação estimada é 70% de mulheres e 30% de homens.

Dentro da fruticultura do Vale do São Francisco, a viticultura é a atividade, que absorve o maior número de mulheres contratadas. Por isso o trabalho da uva é feminino, em alusão às demais culturas existentes aqui na região. Pode-se, também, considerar que houve uma conquista de espaços nesse mercado de trabalho, que também pode ser desenvolvido por homens. Na evidente guerra dos sexos nos postos de trabalho, o empoderamento de mulheres junto a uma atividade também requer vigilância. Nessa ocupação, considera-se que as mulheres são mais hábeis para o trabalho por conta da delicadeza e da atenção aos pequenos detalhes que a atividade requer.

A vigilância configura-se na contrapartida de uma necessidade de justificar que os homens não ocupam aquela função pelo argumento ideológico da força-poder<sup>20</sup>. Na divisão de tarefas, os trabalhos ligados à mecanização, entre outros, estão associados aos homens. No entanto, elas trabalham no manejo, na colheita, embalagem e pós-colheita.

Não raro, é possível, ainda, verificar a divisão do trabalho por paridade. Na viticultura do vale Submédio São Francisco, o termo “as mulheres da uva”, referindo-se às trabalhadoras rurais, torna-se lugar comum. Nessa separação, pode-se

---

<sup>20</sup> Entende-se essa relação pelas concepções de Certeau.

remontar o desenho da construção desse universo do trabalho em que determinadas tarefas da força são desempenhadas pelos homens, como desbrota, capina, pulverizações. O raleio, colheita e embalagem, por exemplo, etapas do processo produtivo, que exigem mais delicadeza do que força, ficam a cargo das mulheres. E essa divisão sexual do trabalho está imbricada com os requerimentos de qualidade impostos no processo de produção da fruta.

As trabalhadoras rurais falam que esse trabalho manual com a uva exige uma habilidade, que é própria das mulheres, ao tempo em que se queixam de passarem até cinco horas em pé trabalhando, sem poderem sentar. Dentro dos parreirais, elas também ficam sobre bancos, com os braços levantados, por horas a fio, em uma posição que pode dar vertigem e levar as pessoas a desmaiarem. De acordo com os patrões, muitas vezes, os horários do intervalo do almoço são de uma hora, para que retornem às suas casas mais cedo. No entanto, devido ao descolamento até os refeitórios, elas perdem metade desse tempo, não possibilitando o descanso. Essas são algumas das contradições de uma atividade atribuída à delicadeza e habilidade com as mãos, que, por vezes, provocam o afastamento das trabalhadoras de seus empregos por problemas de saúde relacionados à atividade desenvolvida por elas. De acordo com informações do Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas Agrícolas, Agroindustriais e Agropecuárias (Sintagro-BA), o maior motivo de afastamento de trabalhadoras da viticultura é por Lesão por Esforços Repetitivos/ Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT).

O trabalho na atividade de produção de uva, à medida que agrega mais tecnologia, vai diminuindo os postos de trabalho e vai se tornando uma constante guerra dos sexos, uma vez que o empoderamento das mulheres frente à atividade é uma realidade e exatamente por isso elas sofrem as diferentes formas de violências: moral, física e sexual. Por outro lado, a luta pela colocação e permanência nessa atividade é atribuída à falta de oportunidades que o progresso e o desenvolvimento do agronegócio negligenciaram, condenando parte da população à condição de mão de obra barata que, no final das contas, alija as famílias a sobreviverem com renda de até meio salário mínimo.

O diagnóstico de Silva (1981) em “A modernização dolorosa” sobre o que se tornariam os descendentes dos agricultores de antes, frente ao agronegócio, foi posteriormente constatado pelas análises de (BARROS, 2007), assim como de muitos outros pesquisadores vanguardistas. Em cinquenta anos que a região vive a promessa do desenvolvimento promovido pelo agronegócio, 46,32% da população dessa região sobrevive com renda *per capita* de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo (IBGE, 2010). E, assim, vão se descortinando novos cenários sobre o emprego, o trabalho no vale Submédio São Francisco e se redesenhando as relações de gênero na viticultura.

## **5 COTIDIANO DAS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO FRANCISCO: O QUE OS DADOS REVELAM**

Este capítulo apresenta os achados propriamente ditos da pesquisa, a partir dos objetivos que foram elencados para a mesma. Busca revelar a face da trabalhadora rural da viticultura do vale do São Francisco. Ele está subdividido em dois subitens: o primeiro apresenta o papel que a mulher ocupa na agricultura irrigada, especialmente na viticultura do Vale do São Francisco; o segundo revela as singularidades do cotidiano das mulheres que trabalham na viticultura do Vale do São Francisco, Semiárido Brasileiro, evidenciadas nos depoimentos das entrevistadas diante da narrativa das imagens.

### **5.1 A FACE DA TRABALHADORA RURAL DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO FRANCISCO**

As políticas desenvolvimentistas implementadas na região a partir dos anos 1970 não mudaram apenas o cenário do vale do São Francisco. O modo de trabalhar com agricultura também passou por adequações e especializações. Poda, desbrota, amarrio, desfolha, abertura, raleio/despenca, limpeza, colheita e embalagem são novas nomenclaturas empregadas no manejo dos tratamentos culturais nos diferentes ciclos da produção das uvas no Vale. São basicamente para essas atividades que “as mulheres da uva” são contratadas. É uma tarefa minuciosa, cheia de detalhes. Exige habilidade, delicadeza e destreza. É um trabalho de “designer”, como bem definiu Oliveira (1998). O trabalho com uva é especializado, tem suas especificidades.

O custo social das referidas políticas também foi alto. A política desenvolvimentista de implementação da Grande Irrigação provocou mudanças significativas na vida da população, que vivia basicamente das culturas cultivadas nas vazantes do rio São Francisco, ou cultivadas em áreas de sequeiro na temporada das chuvas no sertão. Eram os denominados lavradores ou pequenos agricultores, que cultivavam basicamente para o autoconsumo, em pequenas

propriedades de terras, alguns como foreiros, outros como meeiros e alguns poucos como proprietários.

A condição de trabalhadores rurais é a herança que os filhos da expropriação de terras receberam. Nesse universo, nas comunidades onde vivem muitos das trabalhadoras rurais da viticultura, as narrativas das mulheres entrevistadas, ainda, são presentes essas lembranças, mesmo sendo hoje “as mulheres da uva”, não esquecem o passado, ressaltando que a agricultura já estava no seio da família, mas, a condição de assalariada, hoje, é por falta de outras oportunidades.

“O que me motivou ser uma trabalhadora rural foi a falta de estudo, porque não tive oportunidade. Na nossa época não tinha a oportunidade que tem hoje. Pra gente estudar tinha que... sei nem como dizer. Tinha que trabalhar para criar os mais novos. Estudo era muito difícil. E o trabalho é porque só tem esse. Era primeiro em roça de cebola. Não tinha outra coisa não. Só cebola. E quando outras empresas foram abrindo, as coisas ficaram melhor”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

Embora as políticas desenvolvimentistas tenham se instalado com a promessa de melhoria das condições sociais dos sertanejos, faltaram planejamento e uma plataforma para provocar a prometida melhoria nas condições de vida, sobretudo das famílias menos favorecidas. Falando de seus cotidianos, os discursos das trabalhadoras denunciam que são vítimas do abandono das políticas públicas. Isso ratifica o que Barros (2007) constatou em sua tese doutoral que o agronegócio condenou os agricultores familiares à condição não mais de donos de pequenas unidades de terras para seus sustentos, e sim para se tornarem mão de obra do agronegócio.

Ter um emprego, a carteira assinada, o medo de não se aposentar são questões latentes nas narrativas das mulheres. Para se manterem na atividade, elas encaram múltiplas jornadas de trabalho como fica explícito nesta fala.

“Eu levo uma vida corrida porque levanto cedo. Quando chego em casa tenho que fazer as coisas de casa, tem que cuidar de marido, de filho, de neto. Não temos uma vida fácil, porque lutamos muito! [...] quando chega cinquenta e poucos anos já estamos muito cansadas, com problemas de coluna, outras enfermidades e estamos até desmotivadas por conta dessa parte de quererem tirar nossa aposentadoria quando chegar aos 55 anos. Então tá sendo muito difícil essa parte para o trabalhador rural”. (ENCARREGADA DE CAMPO, 49 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

Assim, para essas trabalhadoras rurais, filhas de agricultores, seus horizontes de trabalho não são mais as unidades agrícolas familiares. Em seus relatos, declaram que estarem contratadas em uma fazenda de uva é garantia do sustento e também não terem que depender de outras pessoas. Percebe-se, assim, que, por se tratar de uma atividade especializada, confere-lhes um pouco de status, empoderamento e autoafirmação, pois é uma atividade que pode ser também desenvolvida por homens. Não deixa de ser uma conquista de espaço no mercado de trabalho frente à guerra dos sexos.

Essas mulheres fazem parte do universo de aproximadamente 45 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais ocupados no setor vitícola. Trabalham com carteira assinada, seus salários são importantes e, por vezes, a única fonte de composição da renda familiar, fazendo com que integrem a média percentual de 46,32% da população com rendimento nominal mensal *per capita* de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo na região de estudo: Vale do São Francisco (IBGE, 2010). Os depoimentos das trabalhadoras ilustram a nossa análise:

“Eu gosto do que eu faço porque é dali que eu vivo, que eu como, que eu me visto. É tudo daquilo ali”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, NÃO ALFABETIZADA)

“Trabalho para não depender de ninguém, dependo de mim mesma [...]. (TRABALHADORA RURAL, 36 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

“Antigamente na manga, pelo olhar do dono da empresa, achava que o homem desenvolvia mais. Mas hoje em dia a mulher tá botando pra quebrar na manga e, da mesma forma, na uva. Não acho essas desigualdades não, tanto faz ser homem ou mulher. Por isso que eu digo assim... porque se fosse acerola eu ia dizer tudo ao contrário. Porque eu gosto de trabalhar com uva e gosto de trabalhar com manga. Agora, acerola, tomate, essas coisas eu sei que não gosto! Catar goiaba... Pelo amor de Deus! Eu gosto de trabalhar com uva, dizem assim: ah! Trabalhar no sol quente é ruim. Mas eu gosto! Se me falassem que eu vou sobreviver disso e daquilo... não gosto de ficar parada não, me dá um gelo ruim e isso não é pra mim. Eu gosto da correria mesmo”. (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

Ao tempo em que a trabalhadora rural luta pela sua afirmação e sua manutenção nesse mercado de trabalho, também é possível observar que essa divisão ideológica e sexista da atividade está arraigada no inconsciente coletivo. No entanto, é uma evidente divisão de tarefas, como uma delas exemplifica:

“Eu trabalhava em roça de cebola, roça de tomate, goiaba, melão, melancia, mandioca. Trabalhava no plantio, colheita. Cada agricultura tem a parte da mulher e a do homem. O homem planta o feijão e capina e as mulheres colhem. Eles plantam a mandioca, capinam e arrancam e as mulheres raspam”. (ENCARREGADA DE CAMPO, 49 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

Essa roda gigante da busca pelo espaço da mulher no mercado de trabalho não a libertou do labor doméstico. Nas histórias de vida das trabalhadoras rurais,

percebemos palavras de empoderamento quando falam que “tanto faz ser homem ou mulher” em relação ao desenvolvimento de atividades na agricultura. Dizem isso em função da ampliação do espaço nos postos de trabalho na fruticultura, como a manga, por exemplo. Mas do labor doméstico, as mulheres trabalhadoras rurais, ainda, não se libertaram e não estão em pé de igualdade com os homens. Karl Marx já havia chamado a atenção no início da Revolução Industrial para essa questão, contudo a mulher continua com suas jornadas duplas, triplas e até quadruplas. São as raízes do patriarcado, ainda, vivas na sociedade, como pode ser abstraída desse depoimento:

“Minha jornada começa quando acordo já para fazer a ‘boia’. A jornada de trabalho já começa quando a gente levanta. E quando chego na fazenda também. É muito bom quando chega na fazenda sem nenhuma preocupação. Mas, em compensação, a preocupação... Ah! Com a responsabilidade que as pessoas passam pra gente. E aí fico com medo de não dar certo, de tá fazendo aquela atividade e vai que alguma coisa dá errado, vou ser reclamada...” (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

Nesses discursos, estão implícitos preocupações e medos e também é possível identificar a opressão que o trabalho impõe às mulheres. Nesse último depoimento, a mulher usa palavras com forte carga ideológica de assujeitamento como: “preocupação”, “responsabilidade”, “medo”, “reclamada”. É o poder do forte sobre o fraco, como define Certeau (1998). Em analogia à palavra “forte”, entende-se ideologicamente como o lugar do poder, onde está o aparelhamento do trabalho, com suas metas, pressões, rendimentos e superações de limites na busca de altas produtividades. E o fraco, simbolicamente, é a classe trabalhadora mais especificamente, nessa análise, as mulheres, que estão subordinadas às regras.

Apesar de muitas conquistas das mulheres, ainda, podemos observar, no discurso das mulheres da classe trabalhadora rural entrevistadas, o medo de não ser reconhecida, de não ter seu trabalho reconhecido ou de não corresponder ao que lhe fora determinado. Também tem o medo de perder sua vaga de trabalho para

outra pessoa. Outra vez, o medo da opressão do patrão mediada por pessoas de sua mesma classe social ou não. Ao se estabelecer em uma função de liderança de equipes, vê-se ameaçada pelos homens que disputam seu lugar, o seu posto. Essas são as estratégias do lugar do trabalho (CERTEAU, 1998). As táticas são as lutas de permanência na atividade, como retrata esta trabalhadora:

“Eu já enfrentei [problema], não com peão, mas problemas com o fiscal [homem]. Ele não aceitava que eu estava na mesma função que ele. Ele queria chegar lá na frente, numa área que era minha e dar uma ordem que cabia a mim, porque ele achava que pelo fato de eu ser mulher não iam me obedecer. Era algo que me estressava muito”. (TRABALHADORA RURAL, 45 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

No entanto, o trabalho também configura empoderamento das mulheres. Elas têm consciência de seus direitos. Produzir frutas para exportação é uma atividade cheia de protocolos internacionais de qualidade com a fruta, mas, em contrapartida, as empresas também não podem manter trabalhadores na informalidade. Tanto as empresas de produção de uvas (fazendas), como as entidades de classe patronais e dos trabalhadores e trabalhadoras admitem que é praticamente impossível as grandes empresas contratarem sem registros em carteira profissional de trabalho. Mas os controles de qualidade e as exigências de um fruto perfeito são, notoriamente, um aspecto de tensão entre as trabalhadoras, como é traduzido no seguinte depoimento:

“Tem umas [empresas] que você é mais cobrada que outras. Tem delas que te deixa mais à vontade. Tem outras que o dono fica ali em cima, olhando se tem algo de errado. Aí tem a reclamação, né? Que não tem jeito pra não ter! Se tá errado ele vai ter que chamar a atenção. Mas é aquilo... Não vejo... acho que eles reclamam porque estão certos! Não significa que é porque eu sou mulher e ele é homem”. (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

No entanto, as competições, pressões, metas, altas produtividades, estão presentes nas diferentes atividades profissionais e nos mais variados ambientes de trabalho. Ao ouvirmos as histórias de vida das “mulheres da uva”, percebemos o lugar do opressor e do oprimido. A realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências (FREIRE, 1987, p. 19). E nota-se um processo dialógico dessas trabalhadoras de empoderamento e liberdade, frente aos medos e às opressões. Nesse sentido, ainda de acordo com Freire (1987), tal realidade é funcionalmente domesticadora. A pedagogia libertadora diz que “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores” (p. 24). Seguindo, então esse pensamento, podemos lançar a afirmativa de que a liberdade pode ser alcançada com a aniquilação dos medos. Vejamos como isso é revelado nos depoimentos de mulheres entrevistadas:

“Não, não sofri pressão nessa [empresa] agora não. Não, tudo bom... Nunca sofri nenhuma pressão não. Em todo lugar que trabalho. Até porque, a partir do momento que eu tô sofrendo alguma pressão, pra mim não dá pra trabalhar dessa forma. Eu tenho que trabalhar à vontade, me sentir à vontade. Como vou trabalhar na pressão? Não sou obrigada a ser escrava”. (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

“Venho de família de agricultor, trabalhador rural. Meu pai era agricultor. Da minha família mesmo, quem mais gosta sou eu e meu irmão. Eu amo o que eu faço! A partir do momento que eu não gostar, não faço mais. Porque a maioria das pessoas trabalham porque a necessidade faz ou então pelo dinheiro. Eu não. Eu gosto, eu trabalho nisso porque gosto do que tô fazendo. Desde pequena meu sonho é cuidar de plantação, começando a ver ela crescer, cuidando com amor. Dinheiro é importante, mas o dinheiro vai e aquilo ali não, na plantação,

“você ver ela subindo e dando fruto. É muito bom. Eu gosto”.  
(FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL  
COMPLETO)

A afirmação de que “não sou obrigada a ser escrava” institucionaliza o poder dessa força feminina no trabalho na guerra entre os sexos e uma posição de poder e de libertação. Assim, elas vão se expressando:

“A dificuldade é só o cheiro mesmo do agrotóxico que fica na uva, mas eu gosto de trabalhar. [...] Eu comecei essa semana. Aí, tem que ficar muito com o braço pra cima e dói o pescoço. Dói o braço”. (TRABALHADORA RURAL, 29 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

“No tempo que a gente ia para o *packing* (*packinghouse*) e saía tarde. Saía meia noite e ia sozinha. Aí não dava certo, eu não gostava”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, NÃO ALFABETIZADA)

“A maior dificuldade para mim é quando chove, que o parreiral fica molhado e cai na gente. (TRABALHADORA RURAL, 46 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

“Para mim é o produto tóxico que eles colocam, muito forte! E a gente fica fedendo àquele enxofre forte. Pra mim é a maior [problema], porque hoje em dia você não tira uva com pouco produto tóxico. Colocam é muito mesmo pra poder tirar uma uva boa. E a gente trabalha e se expõe mesmo. Não é nem tanto o trabalho. É a exposição mesmo. Porque eles pulverizam de noite, mas cedinho eu já tô ali. [...]. O EPI [Equipamento de Proteção Individual] protege de várias coisas: de sol, de tudo. Mas esse veneno caindo, você acha que não vai penetrar em minha roupa? Porque não é plástico, como o EPI do tratorista. A

manga não é como a uva. O produto tá lá, mas você anda nela por fora, não é como a uva que fica por baixo de sua cabeça. Tem empresa que não deixa nem aplicar de noite, eles vão, aplicam o produto tóxico, mandam a gente sair um pouco e depois volta. E quando eu fui dar as fichas em uma empresa, eu reclamei muito sobre essa questão, que inclusive pararam de pulverizar antes de eu chegar porque me reclamavam muito e eu falei com o chefe, que é o gerente. E nas reuniões, quando falavam sobre isso, eu falava mesmo, que eles pulverizavam, não dava nem dez minutos a gente voltava, as vezes o cacho ainda tava era molhado. E aquilo dali faz mal a gente. Eu reclamei! Eles pararam, graças à Deus! Agora pulverizam de noite, porque nessa empresa pulverizava de dia, antes de eu chegar”. (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

De acordo com Brandão (1998, p. 38), “o sentido, então, não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Os discursos estão amparados na formação ideológica do sujeito, a partir de seus pré-construídos. O que pode configurar a interpretação de um, não necessariamente seria constitutivo da visão de mundo de outra pessoa. E, assim, percebemos os diferentes depoimentos diante da mesma narrativa de imagens. Aspectos demonstrados por uma, não são, necessariamente, os evidenciados por outra.

Nesse sentido é o que Orlandi (1987) chama de unidade heterogênea da formação discursiva, que tem como princípio constitutivo a contradição e que o discurso depende das várias posições ocupadas pelo sujeito, sendo um espaço físico ou ideológico.

Apesar dessa demonstração de empoderamento, as mulheres, ainda, lutam contra os diversos problemas, incluindo assédios no ambiente de trabalho, o moral e o sexual. De acordo com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Assalariadas Rurais de Petrolina-PE, o maior motivo de denúncias

das trabalhadoras rurais é o de assédio sexual. Ele explica que, apesar de a entidade não possuir dados estatísticos registrados, o setor da viticultura lidera em número de ocorrências devido ao fato de concentrar o maior número de mulheres nas frentes de trabalho. Na sequência, outro grande e grave problema, que é apontado pelas mulheres como dificuldade no trabalho e que torna insalubre a atividade, é a exposição aos agroquímicos, como pudemos observar no depoimento anterior.

## 5.2 AS SINGULARIDADES DO COTIDIANO DAS TRABALHADORAS RURAIS

Ao revelarmos as singularidades do cotidiano das “mulheres da uva”, trazemos como ponto de partida o que Martins (2014, p. 9) aborda sobre a vida cotidiana de que “nem tudo na sociedade é visível e nem tudo que é visível dá conta do que a sociedade é”. São as nuances desse cotidiano que a pesquisa revela.

Partindo de uma fotoetnografia feita sobre a jornada de trabalho em uma fazenda de produção de uvas finas de mesa, a fim de revelar como se organiza a atividade vitícola, a série apresenta a chegada das funcionárias à fazenda, a preparação para iniciar as atividades, o movimento do desenvolvimento do trabalho, o intervalo para refeição. Demonstra também uma outra etapa da atividade, que é a pós-colheita, já dentro da *packinghouse*, e o encerramento da atividade do dia e o retorno ao domicílio.

As “mulheres da uva” vivem numa região Semiárida, banhada pelas águas do rio São Francisco, que possibilitou a irrigação. São, ao mesmo tempo, catingueiras e ribeirinhas. Assim, elas possuem as marcas históricas da resistência e da força das mulheres do Semiárido e com a mudança da configuração dos modos de produção agrícolas, elas reafirmam seu empoderamento e acentuam, novamente, sua marca nesse novo modelo de fazer a agricultura. Apesar de ocuparem espaço em diversos modos de produção de toda a cadeia produtiva da fruticultura, é, especificamente, da viticultura que a atividade é batizada de “feminina”, por agregar 70% de mulheres na atividade.

Essas mulheres do Semiárido Brasileiro, também são conhecidas como as “mulheres da uva”, “trabalhadoras da uva”, ratificando a apropriação feminina nesse setor. Para sabermos sobre seus cotidianos, foi preciso mergulharmos no seu trabalho, conhecermos aspectos socioeconômicos da região e a parte mais sensível e intangível desta pesquisa, que são suas histórias de vida.

Durante o reencontro com as trabalhadoras rurais, em dado momento da entrevista, houve a apresentação da narrativa fotoetnográfica que, além de muitos aspectos previstos nesta pesquisa, também se caracterizou como uma devolutiva simbólica.

A singularidade está nas entrelinhas de seu cotidiano. Muito cedo, começam as jornadas dessas trabalhadoras. Dependendo das distâncias entre suas casas e o trabalho, o despertar varia entre 3h e 4h da madrugada. Podemos considerar aqui a primeira jornada. Preparam as refeições para levarem ao trabalho e também para os familiares. Organizam suas marmitas, os objetos e roupas de que vão precisar, tomam todas as providências domésticas do dia e seguem para pegar o transporte.

Nas empresas, tomam café da manhã nos refeitórios, com alimentação que prepararam em casa; ao final, guardam seus pertences e, só depois, registram o ponto. Aqui, inicia a segunda jornada de trabalho. Mais tarde, pausam para o almoço e, depois desse intervalo, tem início a terceira jornada. Ao final do expediente, retornam às suas casas. Aí, segundo as trabalhadoras, começa a quarta jornada. E entre 3h e 4h da madrugada do dia seguinte, esse cotidiano se renova.

Sobre as singularidades reveladas nas fotografias do cotidiano das trabalhadoras rurais da viticultura, as mais variadas interpretações vieram à tona nos depoimentos delas diante das imagens. Nesse reencontro, apresentamos a narrativa fotoetnográfica que retrata o modo do trabalho das mulheres na produção de uva e perguntei: O que esta fotografia revela para você? Nas respostas, elas fizeram referências a aspectos relacionados ao ambiente de trabalho, suas condições físicas para desenvolver as atividades laborais, as múltiplas jornadas que a trabalhadora rural enfrenta. As singularidades do cotidiano foram reveladas não pelas pesquisadoras, e sim pelas trabalhadoras rurais retratadas nas imagens.

“O turno inteiro em pé. Quando entra para trabalhar em campo ninguém senta. Se for começar de 6h30, às 11h30 sai pro refeitório. Cinco horas trabalhando de manhã, tem uma hora de almoço, o que não é uma hora de almoço de baixo do refeitório, porque sai do campo e chega no refeitório às 12h15. E quando é pra voltar, sai de 12h50. Então essa parte aí fica bastante puxada”. (ENCARREGADA DE CAMPO, 49 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

“Pra mim revela uma recordação boa e também momentos difíceis que passamos na uva. [...] Já trabalhei em (uma empresa) que tinha que andar 4 km. Cheguei a trabalhar em empresas que de início não tinha o EPI (Equipamento de Proteção Individual) de trabalho e hoje é obrigatório. Temos o técnico de segurança no trabalho, que antes não tinha, era só Deus por nós mesmo”. (ENCARREGADA DE CAMPO, 49 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

“Já aconteceu de (alguém) ser picada por aranha e ficar vários dias afastada da empresa. Na minha época mesmo já vi filhote de cobra dentro de cacho de uva, mas, graças à Deus, dentro do meu acompanhamento nunca foram picadas. Agora abelha sim, pica mesmo!” (ENCARREGADA DE CAMPO, 49 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO)

“Que as condições de trabalho poderiam melhorar mais. Pra você passar o dia todo com o braço pra cima, dá cansaço”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

“Pra mim relembra muita coisa boa com essas pessoas que trabalham aqui. Eu me sinto muito feliz de tá no meio dessas

peessoas. Faço muitas amizades... pra mim é uma família”. (TRABALHADORA RURAL – 53 ANOS – ENSINO FUNDAMENTAL II)

“Me lembro sempre que a gente trabalha tem que usar os óculos, chapéu, bota... [...] É exatamente a proteção, principalmente os óculos, porque prejudicar a vista é uma coisa muito séria”. (TRABALHADORA RURAL – 29 ANOS – ENSINO FUNDAMENTAL)

“Assim...dessa época aí eu sinto falta. Revela para mim... O início, porque foi quando comecei a aprender a trabalhar com uva, que eu não sabia”. (TRABALHADORA RURAL – 27 ANOS – ENSINO MÉDIO)

“Sim, mostra coisas boas e coisas ruins também do trabalho da gente”. (TRABALHADORA RURAL, 36 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL).

“Tem delas que me revelam coisas boas, mas tem outras que dá pra ver o cansaço e que não tão muito à vontade, que estão como se tivesse trabalhando obrigada. Mas algumas você vê que estão alegres, gostando do trabalho”. (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL II).

“Tem muita gente, né? E muita gente vai embora. Mandam embora a maioria. Igual num tempo quando trabalhava só eu e outra trabalhadora. Era uma tristeza, eu chorava nos cantos, porque ficava sozinha. Ia no refeitório e não tinha ninguém, ficava só eu e ela. Foram dois meses assim, porque de um monte de gente... e do nada (todos foram demitidos) ...é doído” (TRABALHADORA RURAL, 46 ANOS, ENSINO MÉDIO).

“De uma forma geral me traz recordações boas e momentos de muita felicidade do que é bom. E o que não foi bom e não me alegra, eu apago!” (TRABALHADORA RURAL, 45 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL).

“Que era bom! Só restou saudade das colegas de trabalho. Hoje não tem mais né...todo mundo [vão] procurando outras empresas”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, ENSINO MÉDIO).

“É, revela! Me desperta, só recordação...” (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, NÃO ALFABETIZADA).

Em um momento seguinte, trouxemos a última pergunta: O que a fotografia mostra é, realmente, o retrato de uma trabalhadora da viticultura? Fale um pouco mais sobre o seu cotidiano. Diante de suas respostas, as revelações são surpreendentes.

“Mostra sim, o trabalho da gente. Meu cotidiano é cansativo demais, porque já começo a trabalhar de três e meia por diante, que é o horário que eu levanto... chego do trabalho e tenho as vezes que lavar roupa, porque eu sou sozinha. Então fica mais pesado”. (TRABALHADORA RURAL, 36 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL).

“O que a fotografia mostra é o trabalho, com certeza! Pode colocar e mostrar pra qualquer pessoa... Tem gente aí que a gente vê que tá à vontade, outras que é pela necessidade, mas que não se sentem bem. [...] O que eu faço, e digo isso todo dia para as meninas que trabalham comigo, é que também o que faz você ir alegre pro trabalho vai depender também do encarregado, do fiscal, de tratar você de igual pra igual, com amor, com carinho, ser amigo do funcionário. Que ali você vai ver a produção! Que os funcionários trabalham com mais

vontade e o funcionário faz de tudo porque ele tá gostando. Pra mim eu penso: se todos são iguais, porque nós somos irmãos, não é porque eu tô numa profissão mais alta do que aquela pessoa que eu vou explorar. Eu já fui trabalhadora rural e eu não gostei de o fiscal ficar me tratando mal porque tá como fiscal...eu sei que ele tem que fazer o trabalho que o patrão tá pedindo, mas quem sabe é a gente. Que se a gente quer um trabalho bem feito...é tão bom você trabalhar com amor, chegar na empresa que você trabalha e seu patrão tratar você bem. Quando dá a meta os funcionários vão e se esforçam, trabalham com amor e o que eu acho que faz o trabalhador sofrer, eu acho que na maioria das vezes são as pessoas responsáveis por nós. Porque o patrão não tá lá dentro não, quem tá lá é o responsável, que é o chefe, o encarregado ou o fiscal. Aí o trabalho melhora, por conta dessa questão, porque também você tem que ser amigo, tem que passar amor”. (FISCAL DE CAMPO, 35 ANOS, ENSINO MÉDIO).

“Mostra! Eu acho que a gente que tem que ter preocupação com nós mesmos, mas assim, eles fiscalizam, perguntam se o ambiente tá tudo ok. Se a pessoa tá doente eles tem a preocupação e levam para a enfermaria. Se não tiver remédio na enfermaria, já levam para o hospital, entendeu? Essas coisas”. (TRABALHADORA RURAL, 53 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL)

“Ela mostra exatamente o trabalho. Ah! O meu cotidiano...saio de manhãzinha, às vezes quando chego em casa tenho que fazer alguma coisa e não dá tempo descansar. E tem outras vezes que o marido já tem feito. Aí é só tomar um banho e descansar para no outro dia levantar cedo e poder continuar. (TRABALHADORA RURAL, 29 ANOS, ENSINO FUNDAMENTAL).

“Mostra sim! Eu gosto da minha rotina, só que é muito cansativa, principalmente para mim que tenho uma filha. É muita responsabilidade, mas eu gosto! Não tenho do que reclamar, graças à Deus. O mais difícil que eu acho é agora que voltei a fazer curso e mesmo sendo um dia [por semana] é exaustivo. Mas tive que vencer o cansaço para não perder aula. Mas eu gosto, não tenho do que reclamar”. (TRABALHADORA RURAL, 27 ANOS, ENSINO MÉDIO).

“Sim, porque ela entra no ambiente para trabalhar e de repente acontece isso aí. Mostra sim”. (TRABALHADORA RURAL, 46 ANOS, ENSINO MÉDIO).

“Retrata tudo. Aí é a pura realidade. Vai retratar a pura realidade da trabalhadora rural”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, NÃO ALFABETIZADA).

“Eu acho que sim. É só aquilo mesmo. É só aquilo mesmo. Poderia melhorar mais, pra você passar o dia todo com o braço pra cima...dá cansaço... Eu nunca desmaiei não...mas acontece”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, NÃO ALFABETIZADA).

“Mostra, com certeza. Meu cotidiano é levantar cedo, fazer café, fazer almoço... saio cinco da manhã e chego seis e meia da tarde. Prefiro trabalhar no campo do no *packing* (*packinghouse*), porque o campo é mais limpo”. (TRABALHADORA RURAL, 42 ANOS, ENSINO MÉDIO).

O discurso pode ser formado por várias formações discursivas. Em diferentes depoimentos, percebemos que a pergunta pode resultar em respostas simbólicas sobre a representação do trabalho para cada trabalhadora entrevistada. De longe, a Análise do Discurso pretende fazer uma análise psicológica desse discurso, mas pode apontar pistas de que as respostas, ou melhor colocando, os discursos podem

estar recheados de ideologias. São os não ditos. “Que as condições de trabalho poderiam melhorar mais. Pra você passar o dia todo com o braço pra cima, dá cansaço”, “faço muitas amizades”, “É exatamente a proteção”, “foi quando comecei a aprender a trabalhar com uva, que eu não sabia”. Assim, levando em conta os conflitos entre realização profissional e dificuldades de relacionar ou desenvolver suas atividades no trabalho, inferimos que essas formações discursivas podem denotar denúncia sobre más condições de trabalho ou de condições que provoquem o esgotamento físico, afetividade, fuga da realidade doméstica, aprendizado, novas experiências, socialização e profissionalização.

Algumas das singularidades do cotidiano da trabalhadora da viticultura do vale do São Francisco foram aqui contadas por meio de suas histórias de vida e de seus cotidianos de trabalho. Outras não estão aqui presentes e poderão continuar implícitas. Elas são, de fato, herdeiras de um pseudodesenvolvimento que deixa mais dúvidas do que certezas. Dúvidas se o Estado deixou de pensar como seria a vida dessas pessoas sem suas terras ou questionar se essa condição a que estão submetidas estava prevista em alguma arquitetura nefasta de tolher uma população de oportunidades para que não houvesse escassez de mão de obra. A face dessas mulheres tem a genética do povo sertanejo trabalhador que, apesar das adversidades, não perde a gana e nem a coragem de viver. Bloch (1996) denunciou o agronegócio da fruticultura da região com o epíteto de “frutas amargas”. No entanto, percebemos que a invisibilidade dessas trabalhadoras da viticultura nos *ranckins* e estatísticas do negócio que movimenta milhões na economia, garante, apenas, a incerteza de ter um emprego, não as livrando da linha da pobreza.

## **6 NARRATIVA FOTOETNOGRÁFICA: ASSOCIAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES SOB A ÓTICA DE QUEM VÊ**

Apresentamos, neste capítulo, a narrativa de imagens inspirada na fotoetnografia sobre uma jornada de trabalho, que contribui com a remontagem do cotidiano das trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco, demonstrando as condições sociais e os impactos do seu trabalho para a região por meio das fotografias.

A narrativa foi apresentada na forma de série de fotos relacionadas entre si, conforme definido por Achutti, na perspectiva de compor uma sequência de informações visuais. “Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador” (2004, 109). Desse modo, a interpretação se dá a partir da força narrativa da fotografia, dispensando o uso de textos, ou legendas que a caracterizem ou que possam atribuir algum sentido oblíquo ao cotidiano retratado.

Elas estão em quatro séries. A série I – retrata a chegada ao trabalho; a série II – retrata as referências ao trabalho: a “Boia”; a série III – o início da jornada de trabalho na fazenda de produção de uva; a série IV – retrata o final da jornada, o retorno para casa.

**SÉRIE I - A CHEGADA AO TRABALHO.**



**SÉRIE II - AS REFEIÇÕES NO TRABALHO:  
“A BOIA”.**

CAFÉ DA MANHÃ.



PAUSA PARA O ALMOÇO.





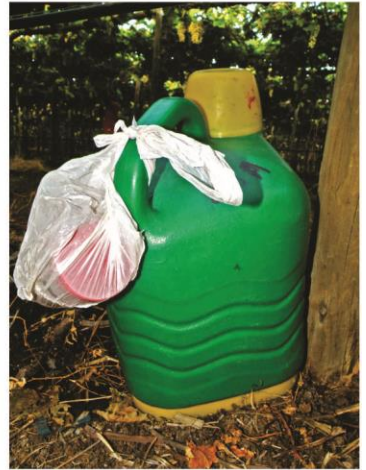
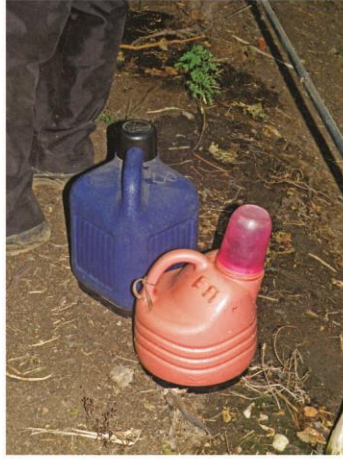
**SÉRIE III - O INÍCIO DA JORNADA DE TRABALHO NA FAZENDA DE  
PRODUÇÃO DE UVA.**

CAMPO.

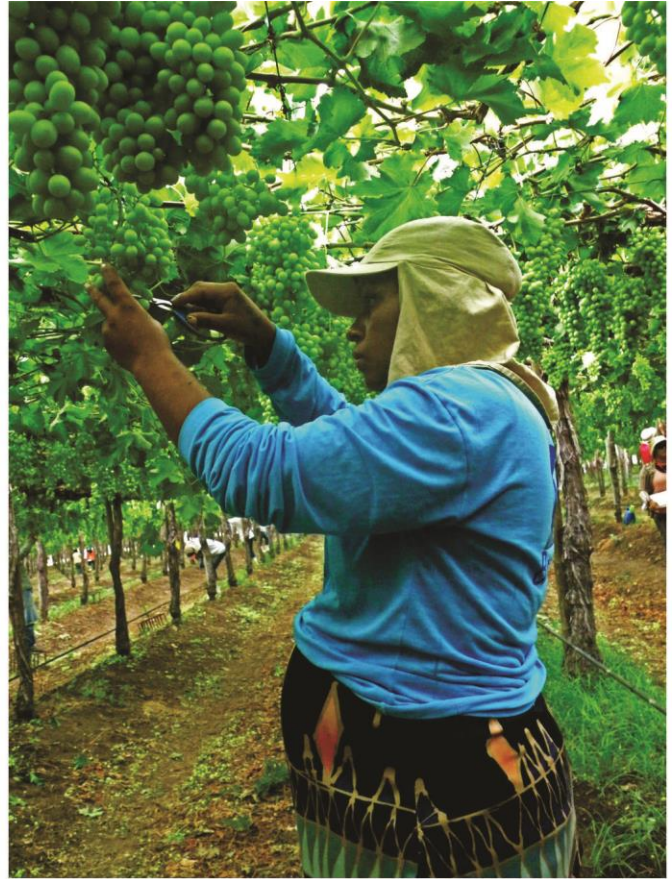


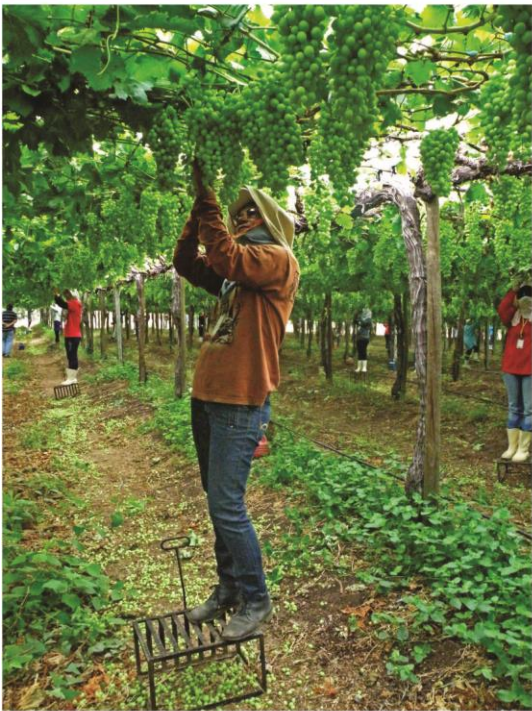


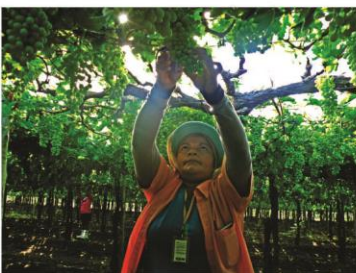
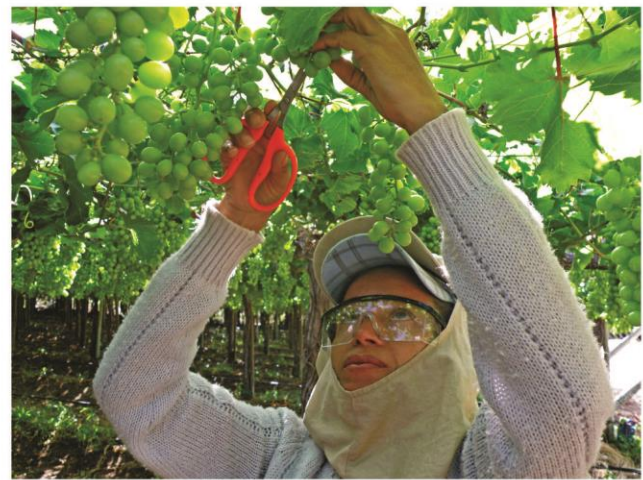
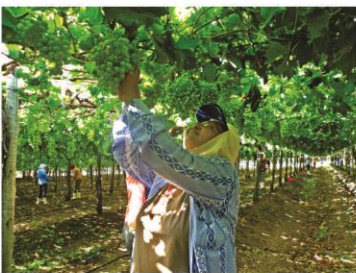


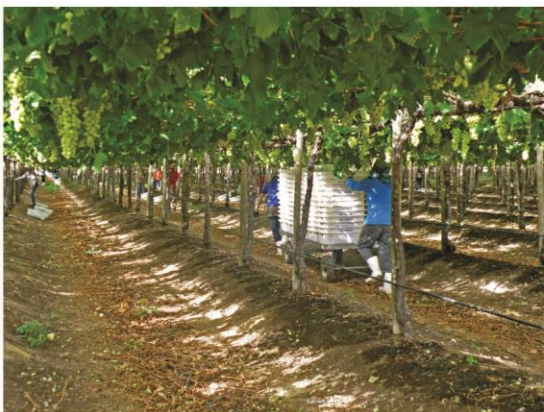


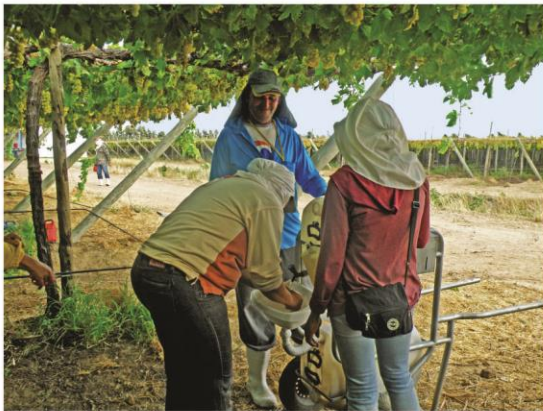


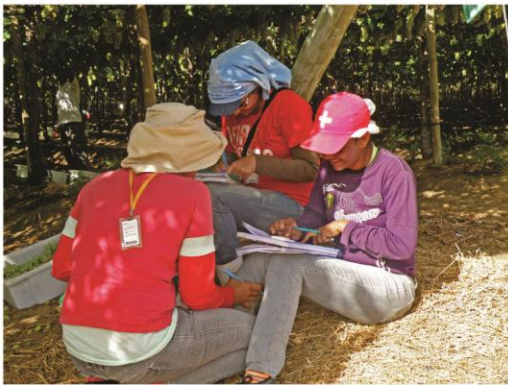




















PACKINGHOUSE.













**SÉRIE IV - O FIM DA JORNADA DE TRABALHO:  
A VOLTA PARA CASA.**













## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida da pesquisa que gerou esta dissertação foi responder a duas questões centrais. A primeira foi saber: Quais as estratégias e táticas cotidianas que as trabalhadoras da viticultura do Vale do Submédio São Francisco, Semiárido Brasileiro, utilizam para sua permanência na atividade frente à hegemonia masculina? A segunda foi saber: Quais singularidades do cotidiano das atividades laborais das mulheres são reveladas nas fazendas de uvas, a partir de suas narrativas com base nas fotografias?

A pesquisa foi delineada com o objetivo geral de analisar as estratégias e táticas utilizadas pelas trabalhadoras da viticultura do Submédio São Francisco e as singularidades do cotidiano de suas atividades laborais em uma fazenda de uva no município de Casa Nova, Bahia. Para a operacionalização deste objetivo, foram definidos três objetivos específicos: i) compreender o papel que a mulher ocupa na agricultura irrigada, especialmente na viticultura do Vale do Submédio São Francisco; ii) revelar as singularidades do cotidiano das mulheres trabalhadoras da viticultura do Vale do Submédio São Francisco, Semiárido Brasileiro, por meio das imagens sobre suas atividades laborais nas fazendas de uva; iii) analisar as imagens do cotidiano das mulheres trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco para visibilizar as condições sociais e os impactos do seu trabalho para a região.

Para compor a estrutura do trabalho, foi necessário acessar uma bibliografia pertinente que desse conta do objeto de estudo, o que nos levou a definir algumas categorias de análise, acessando alguns teóricos, primeiramente, para situar a pesquisa em um paradigma do conhecimento prudente, definindo as bases metodológicas. Nesse sentido, a base epistemológica da pesquisa se ancorou na dialética marxista que nos permitiu investigar o que se esconde atrás da aparência dos fenômenos, neste caso específico, o trabalho feminino nas fazendas de produção de uvas. Marx utilizou o método para explicar as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos, e o objeto desta pesquisa toma em consideração a mudança do protagonismo da mulher, no contexto da fruticultura do Submédio São Francisco, Semiárido Brasileiro, com o advento da irrigação tecnificada.

Em relação ao método de procedimento na condução da pesquisa, apoiamos na fotoetnografia, com base em Achutti (2004) como meio de conhecimento, que está no escopo das abordagens de pesquisa do tipo qualitativa, utilizando-nos da observação etnográfica por meio da narrativa de imagens fotográficas. Associamos também outras técnicas de coleta de evidências, como a observação direta, no espaço empírico da pesquisa, assim como a realização de entrevistas semiestruturadas, com as trabalhadoras da uva e outros atores sociais envolvidos nesse sistema de produção e sindicatos representativos do trabalho rural e do trabalho na fruticultura irrigada.

Além da postura metodológica adotada, tivemos que enveredar em reflexões teóricas para compreender as sociabilidades cotidianas das trabalhadoras da viticultura do vale, sobre estratégias e táticas por elas adotadas na jornada de trabalho, dialogando com José de Souza Martins, sobre conflitos e a relação de força, estratégias e táticas, nas visões de Michel de Certeau, a divisão sexual do trabalho na perspectiva marxista. Buscamos, também, compreender as diferenças de interesses entre o capital e o trabalho no enfoque das discussões sobre gênero, a partir das concepções marxistas abordadas na perspectiva de Heleieth Saffioti, assim como a dualidade entre trabalho e família e a posição da mulher no mercado de trabalho, abordada por Joan Scott. Esse arcabouço teórico não ficou desvinculado do contexto histórico da realidade pesquisada, pois sempre buscamos relacionar o conteúdo das reflexões teóricas às dinâmicas da Viticultura no Submédio São Francisco, Semiárido Brasileiro.

Nesse sentido, para melhor situarmos o contexto onde se desenvolveu a pesquisa, apresentamos um breve histórico sobre o Semiárido Brasileiro, relacionando-o com os semiáridos do mundo e sobre a viticultura que aqui se desenvolveu, contextualizando-a com a trajetória de transformação da região diante da chegada da Grande Irrigação, transformando a região no polo frutícola Juazeiro-BA/Petrolina-PE, exportador de frutas para os mercados nacional e internacional. Para tal, apoiamos-nos em estudos já desenvolvidos sobre o assunto em pauta como os de Barros (1992; 2007), Bloch (1996), Graziano da Silva (1981; 1989), Cavalcanti (1997; 2012; 2016), Oliveira (1998) e Silva (2001; 2009; 2010).

Como resultado dessa trajetória metodológica e teórica, após a análise e interpretação dos dados, evidenciamos os seus resultados nos dois últimos capítulos anteriores a tais considerações, como respostas aos objetivos traçados para responder às duas questões de pesquisas, postas anteriormente. O quinto capítulo – **O cotidiano das trabalhadoras da viticultura do vale do São Francisco**, revela a face da trabalhadora rural da viticultura do vale do São Francisco, a partir das narrativas concedidas nas entrevistas. Evidencia o papel que a mulher ocupa na agricultura irrigada, especialmente na viticultura do Vale, assim como as singularidades dos seus cotidianos.

O sexto capítulo - **Narrativa fotoetnográfica: fotos, faces e fatos sob a ótica de quem vê**, apresenta uma narrativa de imagens inspirada na fotoetnografia sobre uma jornada de trabalho que contribuiu com a remontagem do cotidiano das trabalhadoras da viticultura do vale do São Francisco, demonstrando as condições sociais e os impactos do seu trabalho para a região por meio das fotografias, o que corresponde ao terceiro objetivo da pesquisa.

O debruce sobre essas questões foram determinantes para conhecer e passar a ver, com outros olhos, o contexto complexo em que as trabalhadoras rurais da viticultura estão inseridas. E o questionamento mais paradigmático foi sobre o que seria desenvolvimento, com vistas às realidades imbricadas no *lócus* da pesquisa.

No entanto, para compreendermos e tentarmos revelar as singularidades do cotidiano delas, o mergulho sobre essas questões foi determinante para entendermos, preliminarmente, se os seus cotidianos estavam contextualizados com os avanços e retrocessos da sociedade, levando em conta aspectos históricos, sociológicos e ideológicos.

No dizer do sociólogo José de Souza Martins (2014), são as nuances da vida que se revelam hoje, mas, que já foram e ainda são. Aquilo de que a sociedade se reveste hoje, já foi materializado antes. Assim, com essa conta do passado, pudemos inferir que resultou o legado das trabalhadoras rurais de hoje. Martins

reflete de forma adequada sobre esse aspecto, quando toca nas questões de que o nosso atual se perde no emaranhado das pendências do passado e nas incertezas do nosso futuro. “São os silêncios presentes no mundo rural e nas sociedades agrícolas tradicionais” (p. 10).

A região se inseriu em uma pauta de crescimento estimulado pelo Estado, mais fortemente por volta da década de 1970, inicialmente pela fruticultura, que provocou grandes mudanças no cenário do Vale do São Francisco. Grandes aportes de investimentos públicos foram destinados à implantação de infraestrutura de captação de água para a irrigação e as construções de perímetros públicos para fomentar a agricultura, o que mais tarde criou fronteiras agrícolas, inserindo a produção em um importante nicho da exportação. Com esses investimentos (públicos), o agronegócio foi viabilizado.

O Vale do São Francisco possui 110 mil hectares de terras destinadas para a irrigação (SNA, 2016). O setor gera empregos e, ainda, é destaque nas exportações de manga e uva que o país realiza. Ainda, desponta na produção de vinhos e sucos de uvas adaptadas à região. No setor vitícola, surge uma demanda de mão de obra que possui empregabilidade da ordem de 70% de mulheres, no setor. Ainda com esse dinamismo que influencia a economia local, o Vale amarga dados que apontam subdesenvolvimento. O marketing do desenvolvimento não está em sintonia com os resultados dos índices sobre as condições de vida de suas populações.

Os trabalhadores e trabalhadoras rurais da região são fruto da expropriação de terras para viabilidade desse tipo de agricultura (empresarial), destino que lhes foi legado pelos planos desenvolvimentistas que marcaram o futuro de milhares de pessoas que, aqui, viviam. Falamos da empregabilidade no setor frutícola e de alguns aspectos sociais resultantes do agronegócio, que, em 50 anos, ainda, possui metade de suas populações na faixa da linha da pobreza. E as trabalhadoras da viticultura, a quem dedicamos o olhar da nossa pesquisa, são protagonistas desse cenário da desigualdade.

A partir de suas narrativas, podemos denominar como estratégias, a unidade social desta pesquisa, que são as empresas de produção de uvas (fazendas). Mas

não o espaço físico. As estratégias são os modos de operação, a jornada de trabalho que começa antes mesmo de as trabalhadoras saírem de suas casas. O ato demandado do que tem que ser feito está na esfera das estratégias. Já o fazer, a execução, a ação de fazer, de preparar, são as táticas. As singularidades do cotidiano são suas múltiplas formas de empoderamento. Mesmo que suas condições de vida estejam relacionadas com o legado deixado pela negligência da adoção de políticas públicas que pudessem assistir as populações vitimadas com a expropriação de suas terras, essas mulheres conseguiram se estabelecer frente a uma atividade que também poderia ser desenvolvida por homens, liderando um setor de relevante destaque agrícola para a região, que é a viticultura.

As trabalhadoras rurais do seguimento da viticultura carregam consigo as heranças e as marcas no histórico do Semiárido de mulheres que, diante das adversidades, utilizam suas táticas para redesenharem suas histórias. Dominam uma atividade no setor frutícola, embora, ainda, tenham que lutar para a igualdade de direito nas tarefas do jugo doméstico. Esse é um aspecto igualmente importante e que, ainda, tenta ser conquistado por elas, uma vez que as atividades do lar, junto aos seus expedientes profissionais, fizeram com que essas mulheres acumulassem, segundo seus depoimentos, até quatro jornadas no dia. Apesar da força dessas mulheres do Semiárido que reconfiguraram suas histórias agora com a agricultura irrigada, elas não se enfraquecem e lutam contra o alijamento a elas imposto.

Constatamos que as singularidades das trabalhadoras rurais do vale estão no seu empoderamento e na sua resistência frente à divisão sexual do trabalho. O seu empoderamento também demonstra a resistência em tentar mudar o curso de suas vidas, que tiveram a influência do jugo da história, que fez carregar o amargo legado do questionável desenvolvimento da região, em que as políticas públicas empreendidas há quase meio século, apesar de diagnósticos apontarem que problemas sociais poderiam se fortificar, condenando os agricultores familiares a se tornarem “miseráveis boias-frias”, na observação de Silva (1981), elas demonstram que a dialética da vida, sobretudo, a atual posição das mulheres na sociedade, ainda, careça de vigilância e de empenho para continuar lutando pelos direitos de igualdade de gênero, em sua totalidade, no seio de suas famílias e no trabalho, em que residem seus cotidianos.

Por último, ao analisarmos as imagens do cotidiano das mulheres trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco para visibilizar as condições sociais e os impactos do seu trabalho para a região, selecionando as imagens que estão postas no trabalho (capítulo sexto), ficou evidenciado que as análises feitas pelas mulheres sobre seus cotidianos de trabalho, não estão dissociados de suas vidas. Nesta pesquisa, não cabia à pesquisadora interpretar as imagens. Isso não seria possível. Apoiadas na perspectiva teórico-metodológica da fotoetnografia, apostamos na força narrativa da imagem fotográfica, que, “desestabiliza o texto canônico escrito como único legítimo de evidência científica” (ACHUTTI, 2004).

Ao esgotar a minha narrativa final, não por falta de conteúdo, mas por delimitação de tempo, tenho muita clareza de que esse não é o final. O tema não se esgota neste estudo. Muitas inquietações foram surgindo no percurso e a convicção de que aqueles que acessarem este trabalho vão levantar novas questões sobre a temática, porque nem todas elas foram respondidas e novas surgirão, pois a dinâmica do desenvolvimento do vale continua.

Mas sei que hoje me tornei uma pessoa diferente devido às aprendizagens múltiplas no processo do desenvolvimento deste trabalho. Em minha trajetória profissional, atuei na extensão rural como comunicóloga e jornalista, com o olhar da difusão de tecnologias, mas sempre com as expectativas de promover a comunicação entre os saberes. Apesar de minha filiação familiar também ser de agricultores familiares, em que esse legado encerrou com os meus avós, mergulhar neste universo após a visão de mundo que adquiri, como profissional e pesquisadora, fez com que eu revisitasse, por meio da memória, os modos de produção e de como os cotidianos das pessoas do meio rural se organizavam. Essas recordações, contribuíram com esta pesquisa e, acima de tudo, fizeram com que as questões singulares e intangíveis do cotidiano em que fui buscá-las, fossem evidenciadas e reveladas com muito respeito.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

BARBOSA, Andrea. CUNHA, Edgar Teodoro. **Antropologia e imagem**. Arquivo ePub produzido pela Simplíssimo Livros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BARBOSA, Ianne. S. B. L. **Garimpeiros do ouro verde: a predominância da mão de obra feminina na viticultura**. Relatório técnico. 2010. Disponível em [https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&id=972396&biblioteca=C\\_PATSA&busca=BARBOSA,%20I.%20S.%20B.%20L.&qFacets=BARBOSA,%20I.%20S.%20B.%20L.&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1](https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&id=972396&biblioteca=C_PATSA&busca=BARBOSA,%20I.%20S.%20B.%20L.&qFacets=BARBOSA,%20I.%20S.%20B.%20L.&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1)

BARROS, Edonilce da Rocha. **Arranjos socioprodutivos da agricultura familiar e adaptação a uma dinâmica territorial de desenvolvimento: o caso dos perímetros de irrigação no Vale do São Francisco, semi-árido brasileiro**. 2007. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pequenos produtores frente a novas condições de (re)produção no Vale do Salitre (Bahia)**. 1992. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castanon Guimarães. 9ª imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BLOCH, Didier. **As frutas amargas do Velho Chico: irrigação e desenvolvimento no Vale do São Francisco**. São Paulo: Livros da Terra: Oxfam, 1996.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1998.

CAMBRUZZI, Cláudia. As mulheres das paisagens rurais. In: RUBIM, L. (Org.) **Miradas: Gênero, Cultura e Mídia**. Salvador: EDUFBA, 2014.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: Novas territorialidades no semiárido**. Brasileiro. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2012.

CAVALCANTI, Josefa Salete B. **Frutas para o mercado global – Dossiê Nordeste I**. Estudos avançados. vol.11 n. 29. São Paulo: Jan./Apr. 1997. *Online version* ISSN 1806-9592. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100005). Acesso em 13/12/2015.

CAVALCANTI, Josefa Salete B.; SILVA, Ana Cristina B. **Globalização, estratégia produtivas e trabalho de homens e mulheres na fruticultura de exportação: o caso do Vale do São Francisco.** P. 265-292. [1998?]. Disponível em [biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/brasil/nabuco/glob.doc](http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/brasil/nabuco/glob.doc). Acesso em 18/12/2016.

CAVALCANTI, Josefa Salete B. ANDRADE, Berlano Bênis F. RODRIGUES, Victor. Mulheres e trabalho na agricultura de exportação: questões atuais. Revista **ANTHROPOLOGICAS**, ano 16, volume 23(1), 2012. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/245>. Acesso em: 13/12/2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer.** 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COULON, Alain. **Etonometodologia.** Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA - CODEVASF. **Exportação de uva deve crescer 25% em projeto da Codevasf no semiárido baiano.** 2016. Disponível em <http://www.codevasf.gov.br/noticias/2014/exportacao-de-uva-deve-crescer-30-em-projeto-da-codevasf-no-semiarido-baiano/>. Acesso em 30 de julho de 2017.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA - CODEVASF. **Institucional: História.** <http://www2.codevasf.gov.br/empresa/DefaultPage>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

Diniz, Célia Regina. SILVA, Iolanda Barbosa. **Metodologia científica in O método dialético e suas possibilidades reflexivas.** Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico.** Trad. Marina Appenzeller. 14. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

EMBRAPA MEIO AMBIENTE. A região do Vale do rio São Francisco. 2001. Disponível em [http://www.cnpma.embrapa.br/projetos/prod\\_int/regiaosf.html](http://www.cnpma.embrapa.br/projetos/prod_int/regiaosf.html). Acesso em 5 de março de 2017.

ENGELS, Frederich. **Dialética da natureza.** Rio de Janeiro: Leitura [1968?].

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: O dicionário da língua portuguesa.** 6. ed. rev. Atual – Curitiba: Positivo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. I.ed., 13.reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE.. **Censo Agropecuário 1985**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=747>. Acesso em 06 de agosto de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola municipal** – Culturas temporárias e permanentes. V. 12. 1985a. T. 1 – Regiões Norte e Nordeste, páginas 453 e 644. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/66/pam\\_1985\\_v12\\_t1\\_norte\\_nordeste.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/66/pam_1985_v12_t1_norte_nordeste.pdf). Acesso em 09 de agosto de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades: Produção agrícola municipal – Lavoura permanente 2000**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=766>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades: Produção agrícola municipal – Lavoura permanente [entre 2004 e 2016]**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 03 de agosto de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 03 de agosto de 2017a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010a**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 25 de julho de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades: Produção agrícola municipal – Lavoura permanente 2015**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 03 de agosto de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades: Brasil em síntese. 2017**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 03 de agosto de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO. Versão em português. Disponível em: <[http://www.insa.gov.br/censosab/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80&Itemid=86](http://www.insa.gov.br/censosab/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=86)>. Acesso em: 15 jul.2015.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 1986.

KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEÃO, Patrícia Coelho de Souza. **Dados sobre a vitivinicultura do Vale do São Francisco**, fornecidos pela pesquisadora da Embrapa Semiárido Patrícia Coelho de Souza Leão (informação verbal). Petrolina (PE). Em: 29 de março de 2017.

Lima, Maria Auxiliadora C. **Árvore do conhecimento: uva de mesa in Indicação de Procedência**. Agência Embrapa de Informação Tecnológica [2009?]. Disponível em [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/uva\\_de\\_mesa/arvore/CONT000g5la1eox02wx5ok01edq5ssc5ol0j.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/uva_de_mesa/arvore/CONT000g5la1eox02wx5ok01edq5ssc5ol0j.html). Acesso em 28 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Indicação Geográfica Vale do Submédio São Francisco. Revista A Lavoura**, Nº 703, EDIÇÃO 2014. Disponível em <http://sna.agr.br/indicacao-geografica-vale-do-submedio-sao-francisco/>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

LIMA, Flávio B. F. **Avaliações agronômicas de uma seleção de videira apirênica ('seleção 8') da Embrapa Uva e Vinho sobre diferentes porta-enxertos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Horticultura Irrigada) – Universidade do Estado da Bahia, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. Ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**/Karl Marx c/ Friederich Engels: Trad. De Sueli Tomazzine Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**, 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MORIN, Edgar, 1921. **Ciência com consciência**: tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista e modificada pelo autor- 8ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Marisy S. R. **Dois anos em um: a realidade do cotidiano feminino.** Salvador: Secretaria do Trabalho e Ação Social, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil.** Unicampi, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em 9 dez 2016.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso.** 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

PECHEUX, Michel. **Discurso: Estrutura ou acontecimento?** Trad. E. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PINTO, Célia Regina J. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PODOSETNIK, V. YAKHOT, O. **Pequeno manual do materialismo dialético.** São Paulo: Argumentos, 1967.

QUEIROZ, Manoel Abílio. **As “terras secas” do mundo: suas características, subdivisões, dimensões pelos continentes.** Slide apresentado na disciplina Produção da Existência nos Territórios Semiáridos, 2015.1, em 23/04/2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na sociedade de Classes: Mito e Realidade.** São Paulo: Quatro Artes, 1992.

\_\_\_\_\_. **A questão da mulher na perspectiva socialista**”. Transcrição: Suellen de Abreu/Núcleo de Estudos Heleieth Saffioti, Unifesp/Baixada Santistas. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.27, p.82-100, 2o sem. 2011.

\_\_\_\_\_. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, vol., 20, nº 2, 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Direitos Humanos.NET. 1995. Disponível em [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html).

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior: Contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semiárido Brasileiro.** EMBRAPA/INSA. Campina Grande (PB), 2010.

SILVA, José Graziano. **A irrigação e a problemática fundiária do Nordeste**. Campinas: Instituto de Economia: PRONI, 1988.

\_\_\_\_\_. **A modernização dolorosa**: Estrutura agrária, fronteiras agrícolas e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SILVA, Pedro Carlos Gama. 2001. **Articulação dos interesses públicos e privados no polo Petrolina-PE/Juazeiro-BA**: Em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas, 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

SILVA, Pedro C. Gama. COELHO, Rebert Correia. **Caracterização social e econômica da cultura da videira**. Embrapa Semiárido: Sistemas de Produção, 1 – 2a. edição. ISSN 1807-0027 Versão Eletrônica Agosto/2010. Disponível em [http://www.cpatia.embrapa.br:8080/sistema\\_producao/spuva/Caracterizaca\\_social\\_da\\_%20videira.html](http://www.cpatia.embrapa.br:8080/sistema_producao/spuva/Caracterizaca_social_da_%20videira.html). Acesso em 03/02/2017.

SILVA, P.C.G. da; CORREIA, R.C.; SOARES, J.M. **Histórico e importância socioeconômica**. In: SOARES, J.M.; LEÃO, P.C. de S. (Ed.). **A vitivinicultura no Semiárido Brasileiro**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2009. p.21-34.

SOCIEDADE NACIONAL DA AGRICULTURA (SNA). **Indicação Geográfica Vale do Submédio São Francisco**. Revista A Lavoura, Nº 703, EDIÇÃO 2014. Disponível em <http://sna.agr.br/indicacao-geografica-vale-do-submedio-sao-francisco/>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. ePub. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

UVA. **Agrianual 2016**: anuário da agricultura brasileira, São Paulo, p. 448-456, jan. 2016.

VALADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol.22 n.63. São Paulo. 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012). Acesso em 24 de outubro de 2014.

VENTURA, Lidnei. **Memorial de leitura sobre “A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau**. ALEGRAR - nº15 - Jun/2015 - ISSN 18085148. Disponível em [www.alegrar.com.br](http://www.alegrar.com.br). Acesso em 15/03/2017.

VINHOVASF. Notas técnicas Vinhovasf: <https://www.vinhovASF.com.br/site/arquivos/NotasTécnicas.pdf>. Acesso em: 01 mar 2017.

WATSON, Rod. GASTALDO, Edson. **Etonometodologia & Análise da Conversa**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

YIN, R. K. Trad. Grassi, Daniel. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. Porto Alegre: Editora ABPDEA. 3ª Edição, 2005.

## **APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TRABALHADORAS RURAIS DA VITICULTURA DO VALE DO SÃO FRANCISCO.**

### **I – IDENTIFICAÇÃO**

- a) Nome da entrevistada:
- b) Idade:
- c) Escolarização:
- d) Estado civil:
- e) Número de pessoas que vivem no mesmo teto (companheiro, pais, filhos, outros):
- f) Idade com que começou a trabalhar fora de casa:
- g) A renda mensal:

### **II – SOBRE AS ESTRATÉGIAS E TÁTICAS COTIDIANAS QUE AS TRABALHADORAS DA VITICULTURA DO VALE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO, SEMIÁRIDO BRASILEIRO, UTILIZAM PARA SUA PERMANÊNCIA NA ATIVIDADE FRENTE À GUERRA DOS SEXOS.**

- a) Há quanto tempo trabalha em fazenda de produção de uvas?
- b) Trabalhava em que antes de trabalhar em fazenda de produção de uva?
- c) Função que desenvolve atualmente em seu trabalho:
- d) Que outras funções já assumiu nesse trabalho?
- e) A condição de trabalho é em regime safrista (temporária) ou contratação regular, sem tempo determinado?
- f) Trabalha com carteira assinada? Há quanto tempo?
- g) Com quem deixam os filhos (se os têm) quando vêm para o trabalho?
- h) O que a motivou ser uma trabalhadora rural?
- i) Relate um pouco sobre sua jornada de trabalho?
- j) Como os homens (colegas, chefes, administradores) se relacionam com você e quais os principais problemas enfrentados em relação a isso?
- k) Você é sindicalizada? E o que o sindicato faz por vocês mulheres?

- l) Você gosta do que faz? Por quê?
- m) Qual a maior dificuldade em ser trabalhadora rural?
- n) Quais as maiores dificuldades que você encontra para realizar o seu trabalho?

III – SOBRE AS SINGULARIDADES REVELADAS NAS FOTOGRAFIAS DO COTIDIANO DAS MULHERES TRABALHADORAS NA VITICULTURA.

- a) Vou lhe apresentar uma fotografia que revela o modo do trabalho de vocês, mulheres, na produção de uva. O que esta foto revela para você?
- b) O que a fotografia mostra é realmente o retrato de uma trabalhadora da viticultura? Fale um pouco mais sobre o seu cotidiano.

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS ASSALARIADOS**

### **I – IDENTIFICAÇÃO**

- a) Nome da entidade:
- b) Nome do(a) entrevistado(a):
- c) Função desenvolvida no sindicato:
- d) Há quanto tempo existe o Sindicato?

### **II – SOBRE A ATUAÇÃO DO SINDICATO**

- a) Qual o número de sindicalizados atualmente e o quantitativo de mulheres.
- b) Como o sindicato atua para identificar a situação da trabalhadora e do trabalhador rural?
- c) Quais os principais motivos de reclamações e ações realizadas pela entidade nas empresas de produção de uvas de mesa?
- d) Qual o número de trabalhadores rurais que o vale do São Francisco emprega hoje nas empresas de produção de uvas?
- e) Desse quantitativo, quantas contratações são de mulheres?
- f) Tem ideia de quantos contratados são por ano em regime safrista e quantas contratações são regulares, sem tempo determinado?
- g) Em que patamar estão as mulheres em relação aos homens; são contratos mais temporários ou mais permanentes?
- h) Existe muitos trabalhadores em empresas de produção de uvas ainda contratados sem carteira assinada? Se afirmativo, como o Sindicato age para combater isso?
- i) Qual a maior dificuldade que as trabalhadoras rurais enfrentam na visão do sindicato?
- j) Quais são as principais queixas ou denúncias trazidas ao sindicato pelas trabalhadoras rurais?
- k) Diante das queixas ou denúncias, como o sindicato age?
- l) Existe uma diferenciação salarial entre homens e mulheres no trabalho da produção de uva? Se sim, explique por que.

m) Comente mais sobre a atuação do sindicato principalmente em relação ao trabalho feminino.

## APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DO SINDICATO PATRONAL DA AGRICULTURA IRRIGADA

### I – IDENTIFICAÇÃO

- a) Nome da Entidade:
- b) Nome do(a) entrevistado(a):
- c) Função que desenvolve no sindicato:
- d) Há quanto tempo existe o Sindicato?

### II – SOBRE AS AÇÕES DA ENTIDADE

- a. Quais as principais atividades desenvolvidas pelo sindicato?
- b. Quais os principais motivos de reclamações e ações realizadas pela entidade?
- c. Quantos trabalhadores rurais o Vale do São Francisco emprega nas empresas de produção de uvas?
- d. Desse quantitativo, quantas contratações são de mulheres?
- e. Existem muitos trabalhadores em empresas de produção de uvas ainda contratado sem carteira assinada? Se afirmativo, como o Sindicato atua para combater isso?
- f. Quais as dificuldades que o Sindicato encontra para realizar o seu trabalho?
- g. Por que há uma predominância do trabalho feminino em diversas etapas da produção de uvas?
- h. Como a entidade vê o trabalho feminino nessa produção e o que considera bom, ruim, péssimo nessa atividade.
- i. Existe uma diferenciação salarial entre homens e mulheres no trabalho da produção de uva? Se sim, explique por que.
- j. Aponte outras questões sobre a atividade feminina na produção de uvas no vale.

## **APÊNDICE D- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DE FAZENDA PRODUTORA DE UVAS DE MESA**

### **I – IDENTIFICAÇÃO**

- a) Nome do(a) entrevistado(a):
- b) Função que desenvolve na empresa:
- c) Quanto tempo a empresa tem de implantada?

### **II – SOBRE AS QUESTÕES RELACIONADAS AOS SINDICATOS**

- a) Quais os principais motivos de reclamações e ações realizadas pelos sindicatos?
- b) Qual o percentual de homens e mulheres trabalhando na produção de uvas nesta empresa?
- c) Quantos são contratados por ano em regime safrista e em regime permanente e qual o percentual de mulheres?
- d) Existe trabalhador ou trabalhadora nas empresas de produção de uvas ainda trabalhando sem carteira assinada?

### **III – SOBRE O TRABALHO FEMININO**

- a) Por que há uma predominância do trabalho feminino em diversas etapas da produção de uvas?
- b) Quais são os principais problemas trazidos pelas mulheres em sua rotina de trabalho?
- c) Como a empresa lida com os problemas de assédio sexual sofrido pelas mulheres?
- d) Esses problemas e outros tipos de violência contra as mulheres chegam até a empresa? Como? Como a empresa age?
- e) Realmente, o trabalho feminino na produção da uva é imprescindível? Por quê? Comente mais sobre esse assunto.
- f) Em um ano de boa safra, a empresa contrataria mais mulheres ou mais homens? Justifique essa escolha e explique em quais tarefas.
- g) Existe uma diferenciação salarial entre homens e mulheres? Se sim, por quê.
- h) Como o Sr. Sra. vê o trabalho feminino em sua empresa?

## APÊNDICE E- MODELO DE TCLE



### UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO  
CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

#### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_ /

#### II -DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** O cotidiano das trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco: Um estudo fotoetnográfico
2. **PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Ianne Samara Bastos Lima Barbosa  
**Cargo/Função:** Mestranda

#### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

A senhora está sendo convidada para participar da pesquisa: **O cotidiano das trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco: Um estudo fotoetnográfico**, de responsabilidade da pesquisadora **Ianne Samara Bastos Lima Barbosa**, mestranda da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo pesquisar as estratégias e táticas cotidianas utilizadas pelas trabalhadoras da viticultura em suas atividades laborais. Esta pesquisa justifica-se pela relevância social que o trabalho feminino tem na cultura vitícola. A pesquisa tem relação intrínseca com o cotidiano, com as formas de vida social e com as condutas de homens e de mulheres e trará ou poderá trazer benefícios que visam compreender o papel que a mulher ocupa na agricultura irrigada, especialmente na viticultura desta região. Caso aceite, a senhora será entrevistada e esta entrevista será gravada em áudio, respondendo a um roteiro de entrevista, que será apresentado a seguir. Devido à coleta de informações sobre o seu cotidiano de trabalho, a senhora poderá se sentir constrangida por relembrar

algum momento de tristeza em sua trajetória profissional. Para que esse constrangimento não ocorra, uma vez que esse não é o objetivo desta pesquisa, ressaltamos que sua participação é voluntária e que a senhora não é obrigada a responder às perguntas que não a deixarem confortável. Assim, visando, sobretudo ao seu bem-estar, ressaltamos que, a qualquer sinal de desconforto relacionado às perguntas, a senhora pode se recusar a responder ou desistir de participar. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, a senhora não será identificada. Caso queira, poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com as pesquisadoras ou com a instituição. Sendo sua participação voluntária, destacamos que não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Quaisquer dúvidas que a senhora apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras a senhora tem direito à indenização caso seja prejudicada por esta pesquisa. A senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o contato das pesquisadoras, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Ianne Samara Bastos Lima Barbosa

**Endereço do DCH/UNEB:** Rua Edgard Chastinet, S/N, São Geraldo – Juazeiro (BA). **Telefone:** (87)9 8814-6432, **E-mail:** [iannelima@yahoo.com.br](mailto:iannelima@yahoo.com.br)

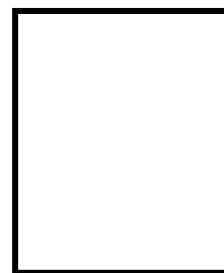
**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP** SEP/510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecida pela pesquisadora sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **O cotidiano das trabalhadoras da viticultura do Vale do São Francisco: Um estudo fotoetnográfico**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar de livre e espontânea vontade, como voluntária e consinto que os resultados obtidos sejam mostrados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja apresentada e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada à pesquisadora e a outra via a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.



\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Ianne Samara Bastos Lima Barbosa  
(Orientanda)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Edonilce da Rocha Barros  
(Orientadora)